REVISTA DA SEMANA

N. 3 — 10-1-54 — Cr$ 5,00 em todo o B[illegible]

BIBLIOTECA NACIONAL

ESTE NÚMERO:



Joel Silveira



Castelo Branco



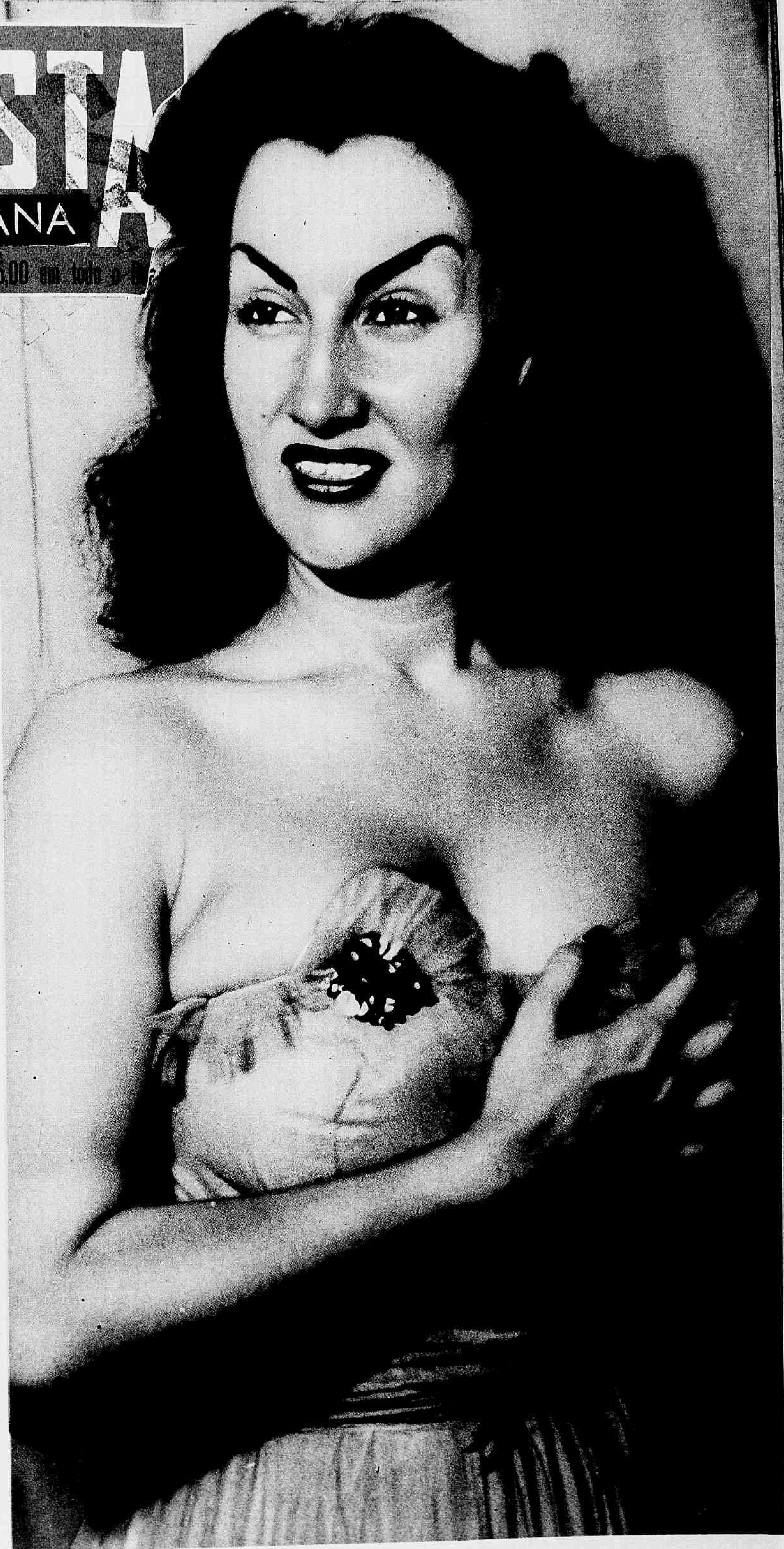
Leon Eliachar

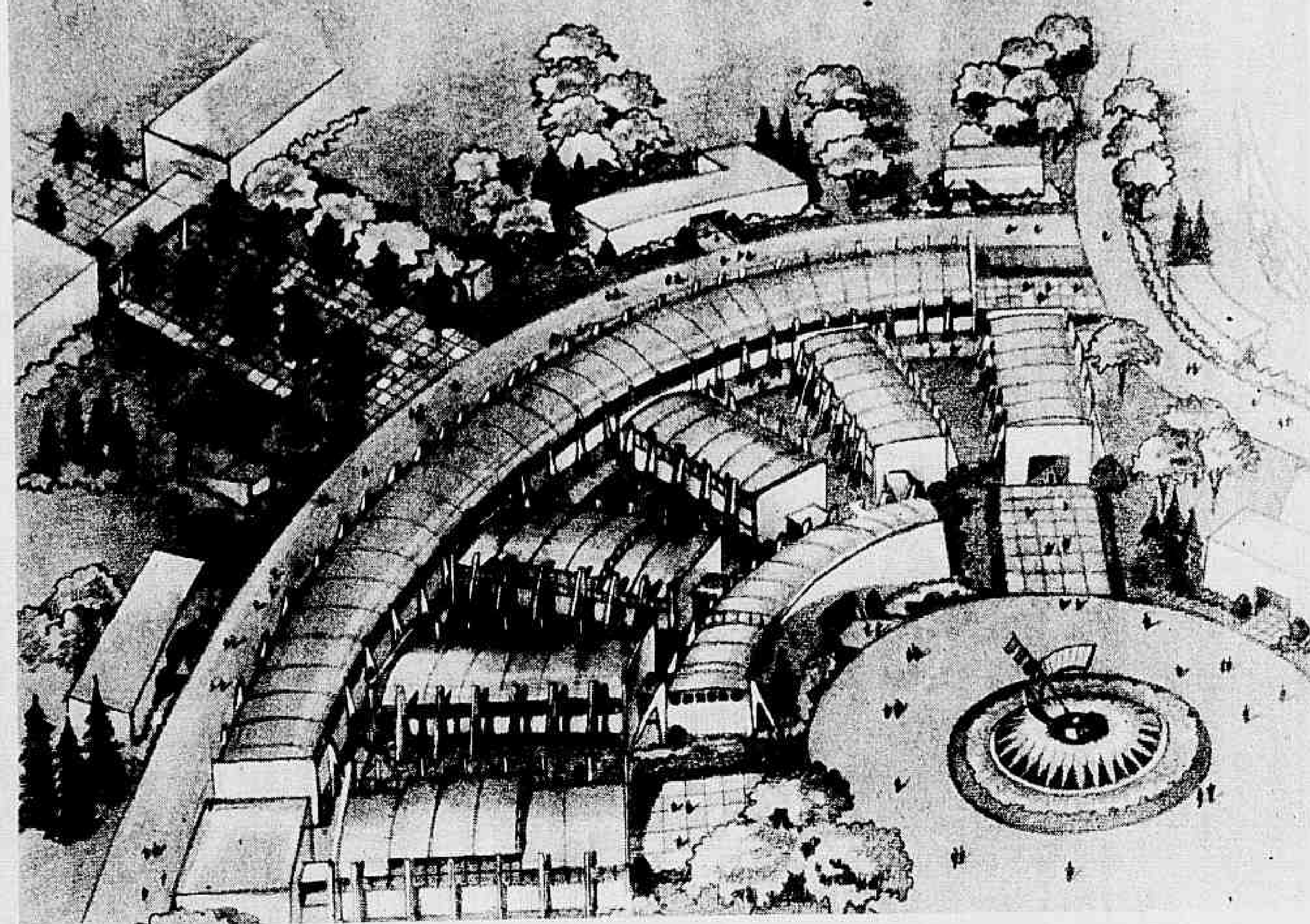


Antônio Maria

EXTRA:

FRACASSOU (NO MUNDO INTEIRO) A 3a. DIMENSÃO





UM DOS CONJUNTOS DA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CAFÉ

1853 – 1953

PRIMEIRO CENTENÁRIO DO PARANÁ

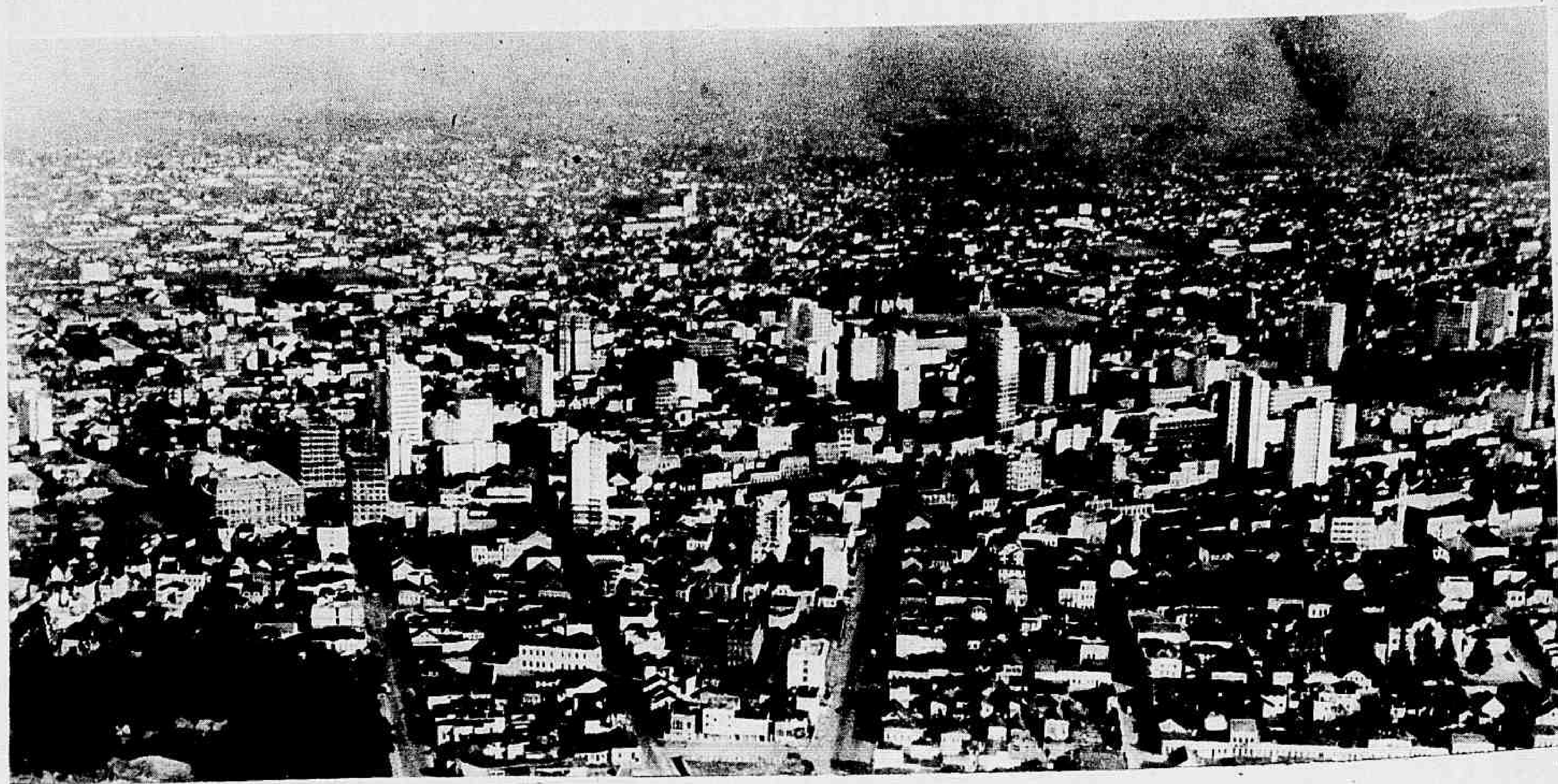
•

CURITIBA VOS ESPERA!

VISITE A CIDADE SORRISO, DE 19 DE DEZEMBRO A 19 DE MARÇO, QUANDO ELA APRESENTARÁ AO MUNDO

A EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CAFÉ e A FEIRA DE CURITIBA

UM MONUMENTO AO PRODUTO MÁXIMO DO BRASIL, "O CAFÉ" E EMPOLGANTE PARADA DAS FÔRÇAS ECONÔMICAS DA NAÇÃO, COM A REPRESENTAÇÃO DAS MAIS IMPORTANTES INDÚSTRIAS NACIONAIS, NUM AMBIENTE DE GRANDIOSIDADE E ENCANTAMENTO. UM MUNDO DE DIVERSÕES E ATRAÇÕES VOS ACOLHERÁ!



VISTA PANORÂMICA DE CURITIBA

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 3 ★ 16-1-1954

SUMÁRIO

Gávea 8/11
Queremos um telefone 12/15
Para salvar o futebol brasileiro 16/18
O homem que fêz meu caixão 19
Loló não gosta de rodeios.... 20/21
Diante do espelho 26/29
O planêta mais misterioso...... 30/31
Como vejo Etelvino 42/43
Dá-lhe, Rigoni 44/45
O SNT não acredita em Madureira 46/47
Fracassou (no mundo inteiro) a 3ª dimensão 50/53
Estourou o carnaval na avenida 54/55
.... 3
Carta 4/6
Por êsse mundo de Deus 7
O Brasil fora da barra 24/25
Semana literária 32/33
Praia 34/35
Week-end na cozinha 38/39
Femininas 56/57
A Semana Política 58
Último flash ....

Capa: ZAQUIA JORGE
(Foto Alexandre Miranda)

● Redator-Chefe: Joel Silveira
● Assistente: Hélio Abreu
● Paginação: Victor Tapajós
● Desenhos: Alberto Lima
● Publicidade: J. M. Costa Júnior

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da CIA. EDITÔRA AMERICANA.

● Diretor: Gratuliano Brito
● Assistente: Renato de Alencar

ENDEREÇOS E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefonê 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569
Publicidade: M. Gonçalves da Silva — Rua 15 de Novembro, 228, 5º andar, sala 517 — Tel.: 33-4811.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ...	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 76 páginas.

Carta

JOEL SILVEIRA

(Ilustração de IBERÊ CAMARGO)

"Querido Jorge:

Você disse por telefone que mandaria uma carta para mim e que eu a respondesse imediatamente, mas até o momento em que escrevo esta, não recebi nenhuma carta. Estou quase desesperada de saudades, mas já que esperei até agora, terei resistência para esperar mais um mês, até completar 18 anos que vai ser no dia 3 de novembro. Eu quero lhe dizer também que aquela moça morena que lhe ofereceu o livro vai para aí. Ela gosta um pouco de você por isso eu lhe digo que você se encontrar com ela aí, não vá na onda porque ela embora seja encantadora no modo de conversar, é muito volúvel e fingida, não merece amor de homem nenhum. Ela não é mais moça, e anda com qualquer um. A mãe dela anda querendo matá-la com um revólver, e é por isso que ela vai embora, e pediu que eu lhe telefonasse para você encontrar-se com ela na estação. Mas eu peço pela sua felicidade que não procura encontrar-se com ela porque senão ela me fará uma desgraçada. Se ela roubar você de mim, enlouquecerei de dor. Você não deve querê-la, porque ela vai ser amante de um tal Miguel, além disso se ela fôr para a sua companhia, não lhe será fiel, porque ela não é dessas que se dedicam até à morte. Eu lhe imploro com sinceridade que não a queira, mas se você quiser trocá-la por mim, a única coisa que poderei fazer é morrer. Eu espero que você não a queira, porque se eu não mereço o seu amor, ela muito menos do que eu. Se eu pudesse ir com ela, iria para não deixá-la tomar você de mim. Se você ficar com ela e eu morrer ou enlouquecer você não terá mais sossêgo na vida enquanto se lembrar de mim. Eu hei de lhe perseguir por tôda a parte, você não poderá fechar os olhos para dormir porque eu estarei por detrás dos seus olhos, não lhe darei descanso de um minuto sequer. Porque eu tenho de ser sua algum dia, nem que seja depois de morta.

Você anda tão silencioso para comigo que chego a pensar que você não me quer mais. Eu sonho com você tôdas as noites e o meu patrão já sabe que eu choro é por causa do namorado. De noite eu não saio mais de casa, nem vou mais ao cinema: estou como que zonza, e chego a ouvir coisas que ninguém disse.

Sem mais para o momento, termino pedindo-lhe que me mande nem que seja por compaixão palavras consoladoras, sim meu amor? Você é o meu **único** amor. **Meu amor, meu amor, meu amor.** Sua, sòmente sua — Lúcia.

P. S. — Não escrevo mais porque não tem lugar no papel."





Por êsse Mundo de Deus

Sua Alteza Real Alexandra Helena Elizabeth Olga Christiana, filha do duque e da duquesa de Kent, é conhecida como a «Princesa Natal», por ter nascido a 25 de dezembro. Ela acaba de fazer dezessete anos.

PING-PONG

Da revista «Point de Vue», transcrevemos esta entrevista relâmpago com o famoso autor de romances policiais Georges Simenon:

— Descansa muito?

— Escrevo 5 ou 6 romances por ano, cada romance em onze dias. Sobram-me no ano 310 dias de ociosidade, os quais consagro a minha família.

— E além de seu trabalho de pai de família?

— Tenho necessidade de uma vida física ativa: cavalo, pesca e golfe. Minha mulher se ocupa de meus negócios. E' uma verdadeira administração.

— Que livro o impressionou mais?

— Robinson Crusoé.

— O que pensa da justiça?

— Lastimo os juízes, e preferia morrer a têr de julgar alguém.

— Mudou muito?

— Aos 16 anos, havia previsto tudo que eu faria... Mas ainda não escrevi o grande romance de minha vida.

— O que poria nesse romance?

— O homem contra o destino, focalizando o homem em um momento de crise como na tragédia antiga.

— A morte é uma fonte de angústia?

— A morte não tem importância. A doença, sim, porque diminui o homem.

— E' supersticioso?

— Nasci em uma sexta-feira 13, e considero o 13 um dia de sorte. Escrevo o plano de meus romances sôbre envelopes côr de rosa.

— Procura livrar do terror suas personagens?

— Sim, e é por isso que minha obra não é pessimista.

— Acredita que o mal tem uma existência em si mesmo?

— Não, não creio no pecado original.



Esta impressionante fotografia vem publicada no n. 244 da revista «Paris-Match»: na sexta-feira, 13 de novembro, alastrou-se um pavoroso incêndio no Grand Hotel de Atlantic City. Quatro hóspedes que haviam conseguido escapar se refugiaram na estreita platibanda do sétimo andar, onde outro perigo os esperava, o vento que soprava a 85 quilômetros por hora, ameaçando-os de uma queda fatal e tornando difícil o trabalho de levantar a longa escada de salvamento, por onde conseguiram descer depois de quarenta minutos de verdadeiros momentos de angústia.

Ao que
sua tra
entre d
vemos

Ela é
Caroli
cinem
seu s
subúr



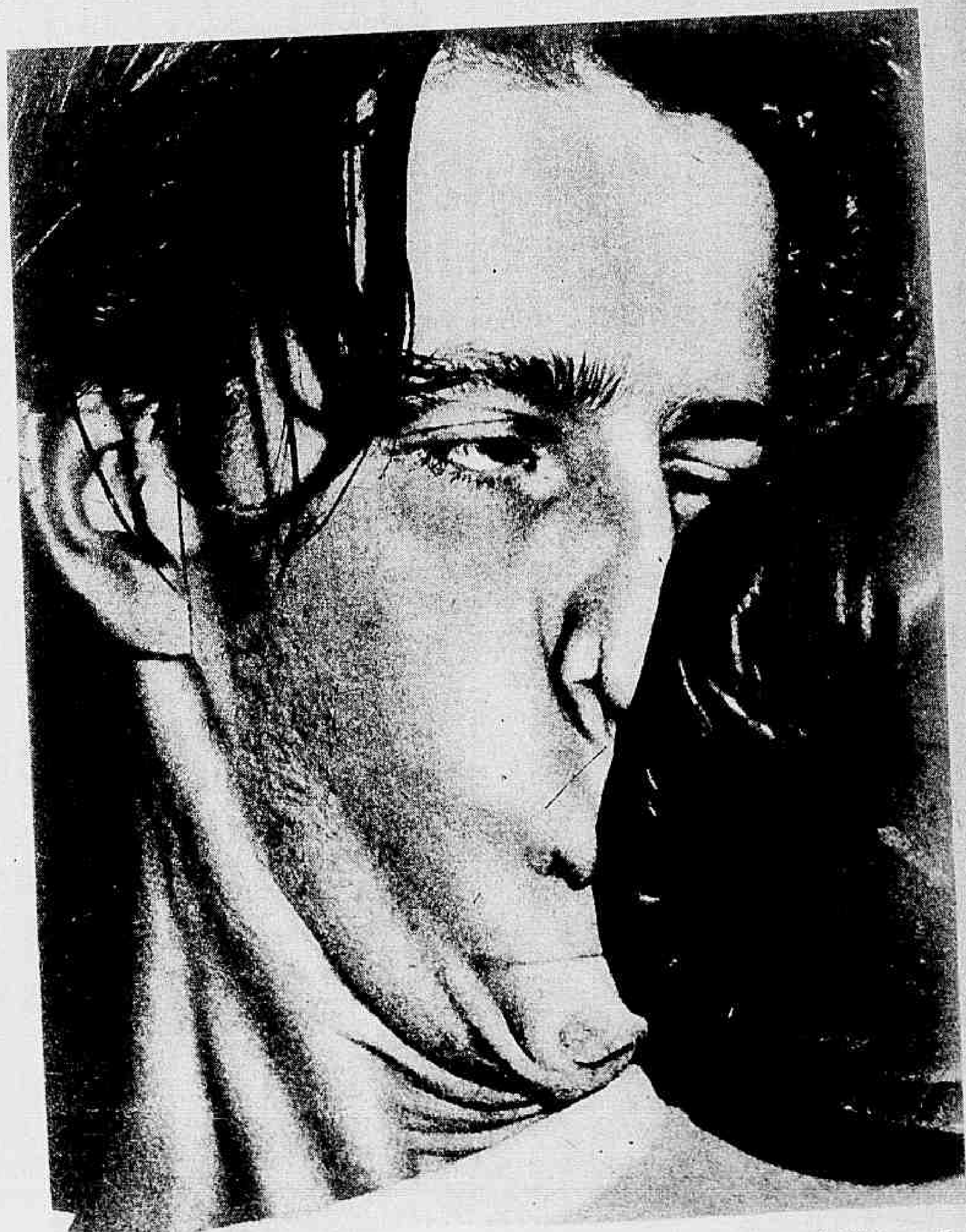
Ao que parece, desiludida de seus homens como jogadores de futebol, a Inglaterra incrementa o preparativo de um «onze» feminino à altura de sua tradição esportiva. O time «Maldon Ladies», constituído de caxeiras, empregadas de fábrica, secretárias, mães de família, de idade variável entre dezessete e vinte e seis anos, vem demonstrando que uma partida de futebol entre mulheres não é apenas um espetáculo para rir. Na foto, vemos as «Maldon Ladies» batendo bola antes de um treino: Josephine Pitt, goleira, tenta em vão agarrar a bola àgilmente cabeceada por Jean Monk.

Ela é Ava Gardner, aos quinze anos, quando morava em Smithfield, na Carolina do Norte. Além da precocidade física nada a indicava para o cinema. Ava era horrìvelmente tímida e tinha uma vergonha espantosa de seu sotaque sulista. Êle é Frank Sinatra no tempo em que morava em um subúrbio de N. York. O sonho dêle nessa época era tornar-se jornalista.





O fotógrafo sueco Sven Gosta Johanson passou oito dias em uma sala de box para conseguir êste flagrante do momento em que um punho amassa o rosto de um pugilista. «Flash» eletrônico a três milésimos de segundo.





O GATO E O PEIXE — Uma fotografia de David Johnson.

FILHA DE 200 MARINHEIROS — Essa menina de seis anos, Maria Carmela, nascida na Itália, foi adotada por 200 marinheiros do caça-torpedeiro «Davis». Maria Carmela foi para a América, tendo sido festejada a bordo do navio de seus pais adotivos, que se impuseram um desconto mensal em seus soldos para manter e educar a pequena italiana.



PERFIL DE WAKSMAN



Nasceu em Priluka, na Rússia, filho de um tanoeiro. Emigrou para os EE. UU. em 1910, formando-se pela Universidade da Califórnia em microbiologia. Foi para o «College of Agriculture» de Rutgers, como professor e pesquisador, onde está até hoje. Por 28 anos, fêz experiências com micro-organismos encontrados no solo, na convicção de que tais sêres, em permanente guerra, têm poderes químicos para se destruírem uns aos outros. Seu fito era poder isolar essa fôrça química dos «antibióticos» (nome que êle inventou, significando «contra a vida»), a fim de usá-los na destruição de germes nocivos ao homem. Teve as maiores decepções em suas pesquisas. Em 1941, a pique de ser demitido do colégio, por economia (ganhava 4.620 dólares anuais). Em 1943, um sitiante levou ao colégio de agricultura de Rutger uma galinha doente, para tratamento. O veterinário notou qualquer coisa de estranho no papo da galinha, fêz uma cultura dêle, enviando o material a Waksman, que o utilizou em diversas experiências, chegando à conclusão de que se tratava de um poderoso matador de germes, que destruía, inclusive, um dos mais resistentes: o bacilo da tuberculose. Por sugestão de Waksman, a estreptomicina (nome tirado do micro-organismo encontrado no papo da galinha, foi experimentado em tuberculosos, com pleno êxito. A estreptomicina mostrou-se igualmente valiosa no tratamento de casos virulentos de pneumonia, disenteria, coqueluche e blenorragia. Waksman vive em uma casa simples, em companhia de sua mulher, de que tem um filho. Sua diversão única é a música. Recebeu homenagens e honrarias do mundo inteiro, inclusive da Rússia. Não quis ficar milionário, entregando todo o dinheiro da venda da estreptomicina à universidade. Esta aumentou seu salário para 10 mil dólares anuais.

DISSERAM

O ator Fernandel, que acaba de assinar o contrato para um terceiro filme sôbre Don Camillo: «Acabarão me fazendo filmar **O filho de Don Camillo . . .**»

★

A mulher do teatrólogo Armand Salacrou, falando sôbre o marido: «É um bom filho, um excelente pai, mas um marido intermitente . . .»

★

O político francês René Mayer, a propósito da discussão sôbre o exército europeu, lembrou que o carvalho simbólico dos Estados Unidos da Europa foi plantado a 14 de julho de 1870:

— Três dias depois rebentava a guerra franco-prussiana.

★

O visconde de Samuel, de 83 anos, na Câmara dos Lordes: «Os vícios de Sodoma e Gomorra parecem se servir da Inglaterra. Peço à nação que reencontre seu senso de responsabilidade».

★

Marcel Pagnol ao escritor Fernand Gregh, que se elegeu recentemente para a Academia Francesa, depois de ter se candidatado sucessivas e muitas vêzes: «Que pena que o senhor tenha sido eleito. Ainda teria tanta chance nas próximas eleições!»



O BRASIL *fora da barra*



Rio de Janeiro

Recorrer la "ciudad maravillosa"
es elevarse a la suprema altura;
allá, donde la bárbara Hermosura
baile su danza de soberbia Diosa.

Ritmos de carnaval. Sueños de esposa
en la noche nupcial. Bailes, locura;
rascacielos que elevan su armadura
frente a la extensa playa deseosa.

Botafogo, Flamengo, el Corcovado;
Pan de azucar sin sal; Copacabana;
ilusiones de ayer. Sobre el teclado

un beso de mujer. La Historia gana;
Rio se extiende con su ritmo alado
por el camino recto del Mañana.

Sonêto tirado da revista espanhola «Hoy»:

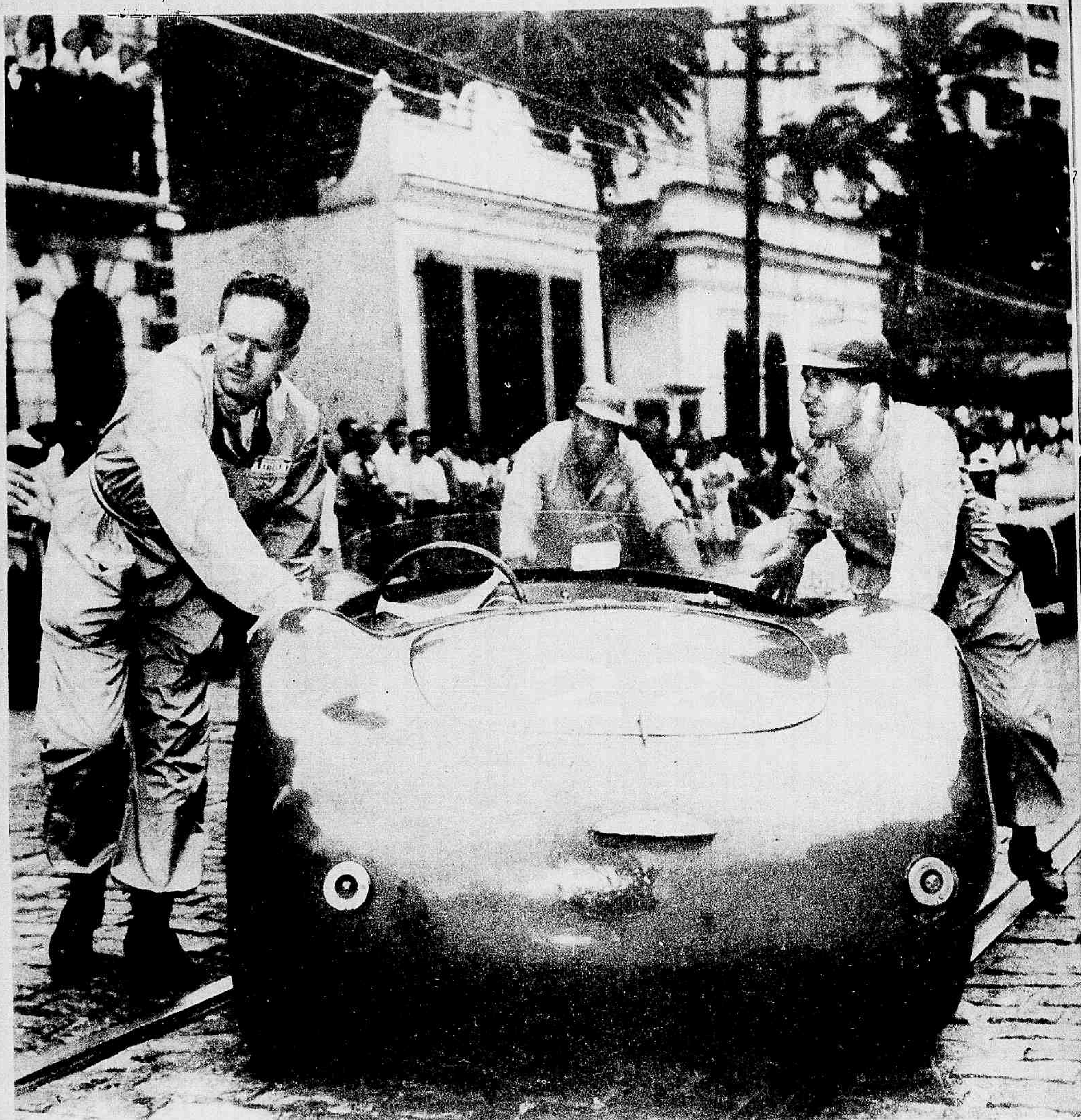
«DANSEZ LE TOCADO» — Por meio de uma revista — «L'ILLUS-TRÉ» — ficamos sabendo que Silvana Mangano foi quem lançou o «mambo», no ano passado. Mas não querendo ser passada para trás, sua rival Silvana Pampanini lança agora, num filme que está agora rodando em Roma — e parece que pela primeira vez na Europa — o «tocado», uma dança norte-brasileira que está fazendo furor na América Latina. Há semanas Silvana vem-se dedicando ao ensaio do «tocado», acompanhada de Benjamin [illegible], um dos dançarinos do grupo de Katherine Dunham, cuja interpretação de danças brasileiras já tivemos oportunidade de assistir..(!)

PARIS CONHECE S. PAULO — Recentemente um conhecido semanário francês fazia uma reportagem a respeito do Museu de São Paulo, comparando-o à sua cidade natal, que «é um verdadeiro fenômeno». Observem ainda, até por intermédio de estatísticas, o fabuloso desenvolvimento urbanístico daquela capital. Em sua legenda, a fotografia acima chamava as moças de «as herdeiras do Brasil», esclarecendo que seus pais são milionários paulistas.



A revista italiana «TEMPO» publica mais um capítulo das aventuras do Coronel Fawcett, relatadas por êle próprio a sua mulher, por meio de cartas. Trata-se agora do encontro com os canibais Maricoxi. Além do texto organizado pelo filho sobrevivente do coronel, a revista apresenta farto documentário fotográfico.





O barão de Graffenried ajuda, democràticamente, os seus mecânicos a colocar o carro na pista para a largada.

GRAFFENRIED, O ABSOLUTO

O BARÃO FOI O DONO DA GÁVEA

VÁRIAS VÊZES CAMPEÃO INTERNACIONAL E SÉTIMO DO MUNDO, O VENCEDOR DO «TRAMPOLIM DO DIABO»! ★ PAROU APENAS 8 SEGUNDOS PARA BEBER E DAR DE BEBER AO CARRO ★ O BRASILEIRO CHICO LANDI DE ÚLTIMO A TERCEIRO COLOCADO.

Reportagem de **LEVY KLEIMAN**

Fotos de **ALBERTO FERREIRA LIMA** e **ALEXANDRE MIRANDA**



O italiano Musiteli foi o segundo colocado.



Chico Landi passou do último ao terceiro lugar.

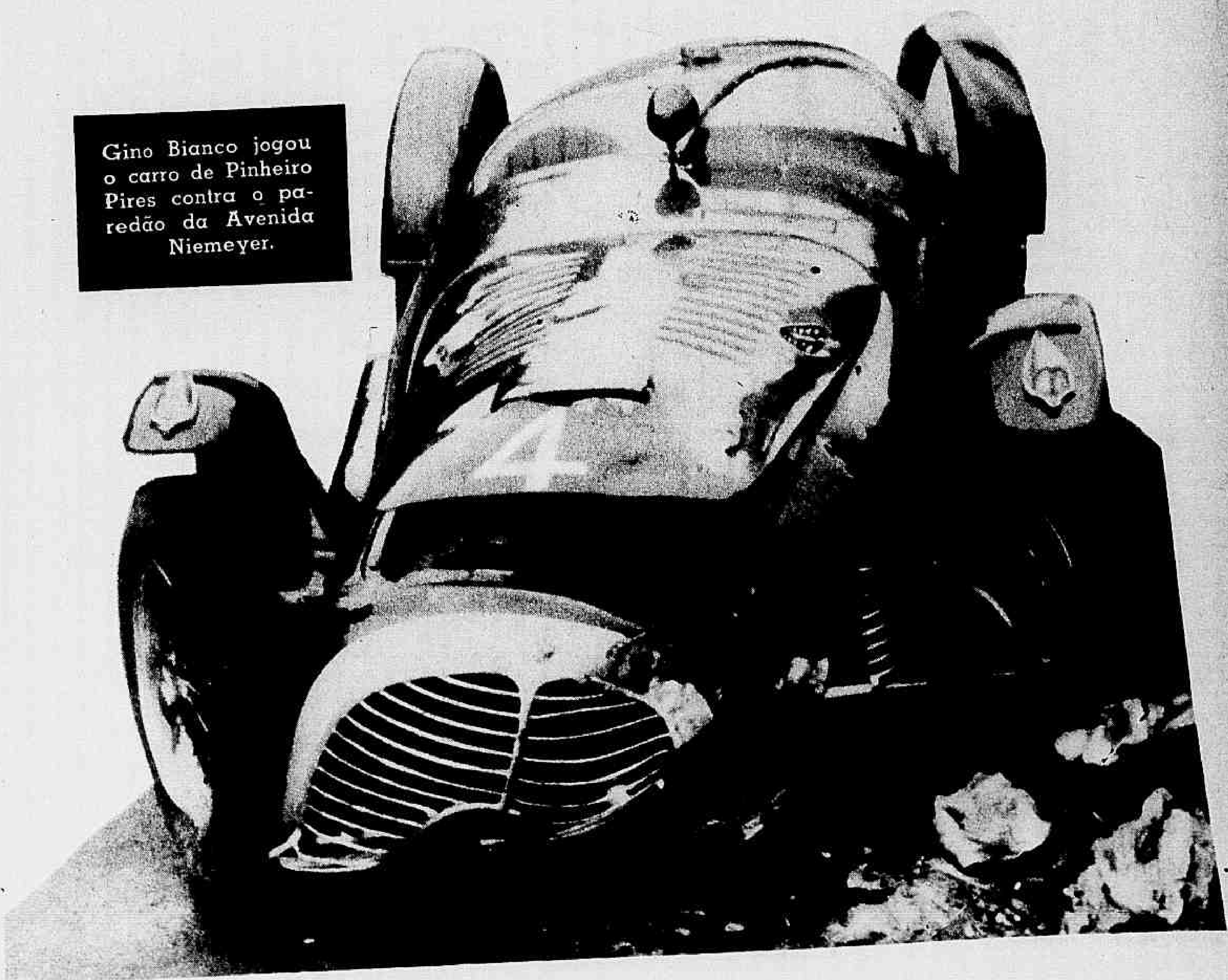


Vasco Sameiro, bem colocado, derrapou no final.

O «Circuito da Gávea», idealizado em 1932 pelo dr. Reinaldo Aragão, voltou a apresentar o seu brilho internacional no primeiro domingo dêste ano, revivendo as sensacionais corridas em 1937 e 1938.

Volantes de tôdas as partes do mundo vieram participar do «Trampolim do Diabo», êste ano disputado na categoria de esporte, de acôrdo com a tendência que se observa na Europa para as provas clássicas, daí o motivo de terem sido realizadas 30 voltas ao invés de 25, num total de 330 quilômetros, escedendo apenas em 30 quilômetros o mínimo regulamentar para provas dessa categoria.

Sagrou-se vencedor do «Circuito da Gávea» de 53, disputado a 3 de janeiro de 1954, o volante suíço barão de Graffenried, pilotando uma Masserati, com o tempo de



Gino Bianco jogou o carro de Pinheiro Pires contra o paredão da Avenida Niemeyer.

Poucas emoções e algum pitoresco no "Trampolim do Diabo"



Mme. Danielle Fonfounis deu um passeio na pista, tocou muita buzina, e acabou parando, dizendo que se continuasse sua cabeça ia estourar.



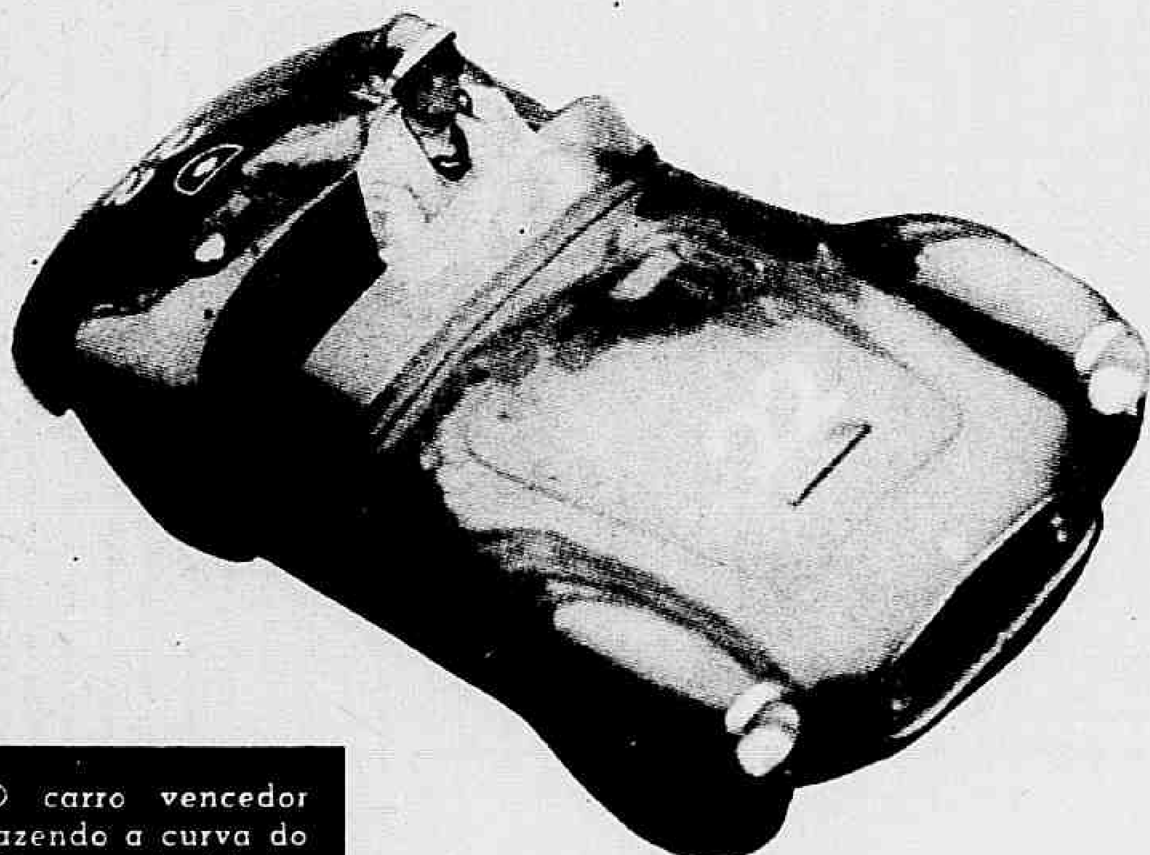
O famoso volante Hans Stuck, também barão, não deu nem para a saída. Parou por defeito de carburação e lá se foi o seu cartaz.

4 horas, 14 minutos, 21 segundos e sete décimos, com a média horária de 76,275 km, tendo feito a volta mais rápida do percurso, a segunda, com 7' 38" 5. O volante suíço fêz a sua estréia vitoriosa no Grande Prêmio da Inglaterra, em 49, derrotando o extraordinário Hawthorn. No ano seguinte sagrou-se vencedor do campeonato suíço de automobilismo. Esta temporada triunfou no Grande Prêmio de Siracusa, no G. P. de Golwood, e no G. P. de Eifel. No Grande Prêmio da Alemanha obteve o sétimo lugar no campeonato mundial. Com êste cartel de vitórias internacionais não surpreendeu a notável façanha do barão de Graffenried, que confirmou a excelente «performance» das eliminatórias, quando registrou o melhor tempo. Correndo com a precisão de um cronômetro suíço parou durante tôda a corrida apenas 8 segundos para beber um pouco dágua e reabastecer o seu carro quando faltavam poucas voltas para completar o circuito. O vencedor recebeu custosa taça de prata e mais 50 mil cruzeiros. Coube-lhe ainda mais dez mil cruzeiros por ter feito a volta mais rápida.

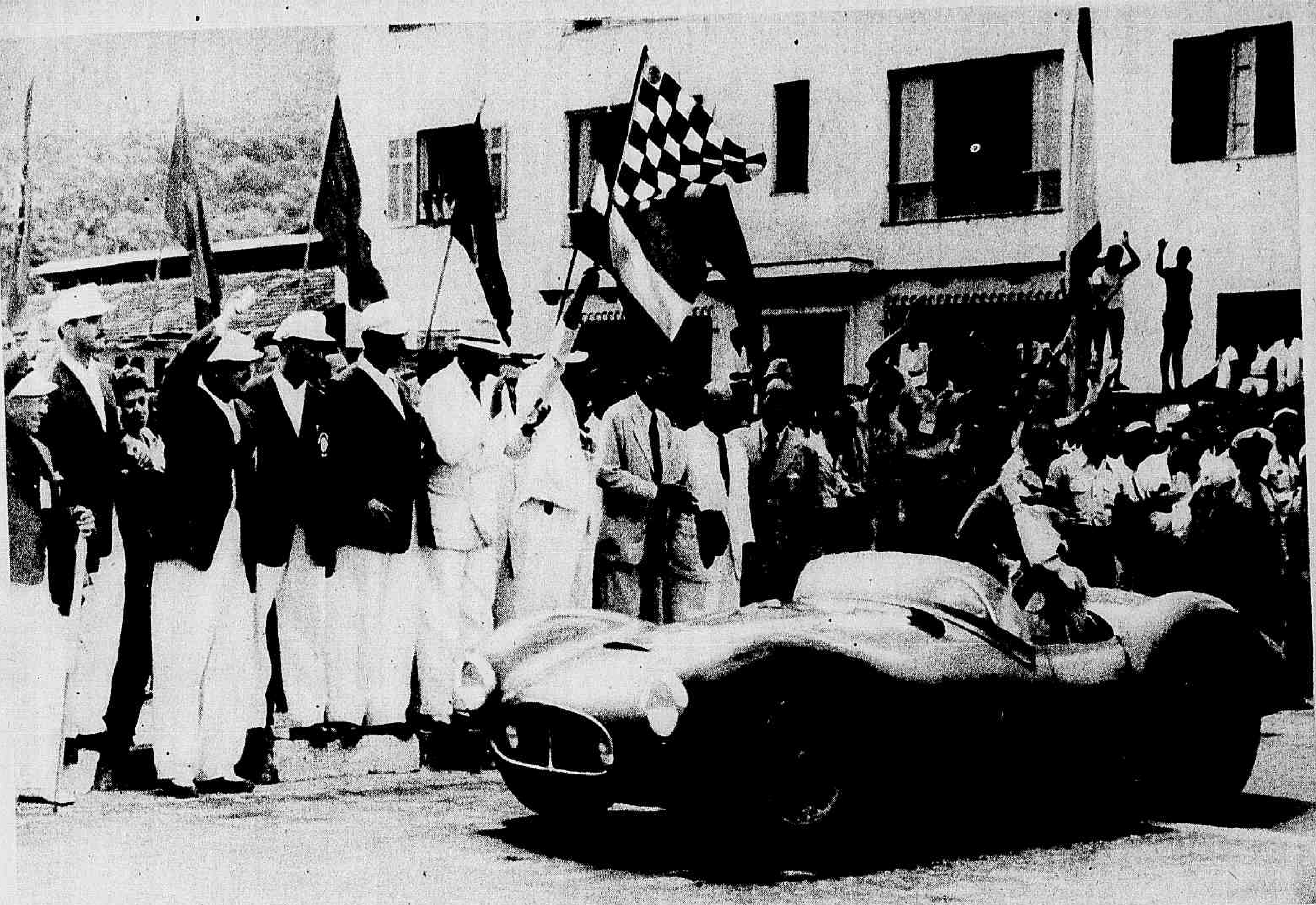
Iniciaram a prova 23 carros e apenas sete foram até o fim: barão de Graffenried, com 30 voltas — Musiteli, com 30 voltas — Chico Landi, com 29 — Fernando Mascarenhas, com 29 — Anuar de Góis, com 26 — Godofredo Viana Filho, com 26 — Jair Melo Viana, com 20.

A corrida teve alternativas bem interessantes. O vencedor quase ganhou a corrida de ponta a ponta, pois sòmente a partir da segunda assumiu o comando do pelotão, quando Chico estourou um pneu no alto da serra. O segundo colocado, Musiteli, deu a primeira volta em décimo lugar. Na quinta já se encontrava no oitavo pôsto. Na décima passava para o quarto lugar. Na 22ª ostentava a terceira colocação, passando para a vice-liderança na 23ª, conservando-se até o final. Chico Landi, apesar da má sorte, logrou uma «performance» sensacional, mercê do seu vasto conhecimento da pista. Largou na frente o campeão nacional, estourou o pneu no alto da serra quando já se preparava para a segunda volta. Demorou mais de 3 minutos no «box», saindo em último lugar. Retornou ao «box» por duas vêzes, uma para consertar o paralama, que estava atrapalhando a marcha do carro, e outra para o reabastecimento. Na segunda volta era o último, passou para o décimo lugar na oitava volta, na vigésima já estava em quinta e na 26ª passou no peito para a terceira colocação.

Felizmente não se registraram acidentes fatais na Gávea de 53. O carro de Pinheiro Pires, pilotado por Gino Bianco, teve a sua frente



O carro vencedor fazendo a curva do «S» em velocidade.



O barão de Graffenried chega ao vencedor levantando as mãos em triunfo. Dirige até sem o volante.

amassada contra o paredão da Avenida Niemeyer. O carro do volante paulista Euclides Brito sofreu avarias no alto da serra. A pista molhada da rua Marquês de São Vicente provocou sensacional derrapagem no carro de Chico Landi, salvo, porém, pela perícia do renomado volante, mas o carro de Vasco Sameiro, que vinha em terceiro lugar, rodou duas vêzes sôbre os trilhos, atingindo a trazeira do carro do belga Jacques Herzet, que descontrolado foi de encontro ao poste.

A única concurrente feminina, a francesa mme. Fonfounis, não agüentou com a rudeza da prova e o belga Herzet competiu de calção de tênis.

O campeão foi abraçado pelo presidente Getúlio Vargas no final da prova.



O belga Jacques Herzet sofreu as conseqüências da derrapagem de Vasco Sameiro . os trilhos do bonde.



PERMANENTES anúncios solicitam telefonistas. Mas os ordenados ínfimos não atraem as candidatas. São seis horas de ouvidos grudados aos fones, atendendo chamados constantes aturando importunos, ouvindo imprecações, reclamações que deixam em extrema tensão os nervos das telefonistas.

CLAMAM 120 MIL CARIOCAS:

QUEREMOS UM TELEFONE

MAS AS ESPERANÇAS, SEGUNDO A CONCESSIONÁRIA, SÃO REMOTAS — O CIDADÃO JAIME AUGUSTO, QUE ESTÁ NA «FILA» DESDE 1943, IA GANHAR UM APARELHO QUINZE DIAS APÓS A INSCRIÇÃO...

Reportagem de WILSON MACHADO

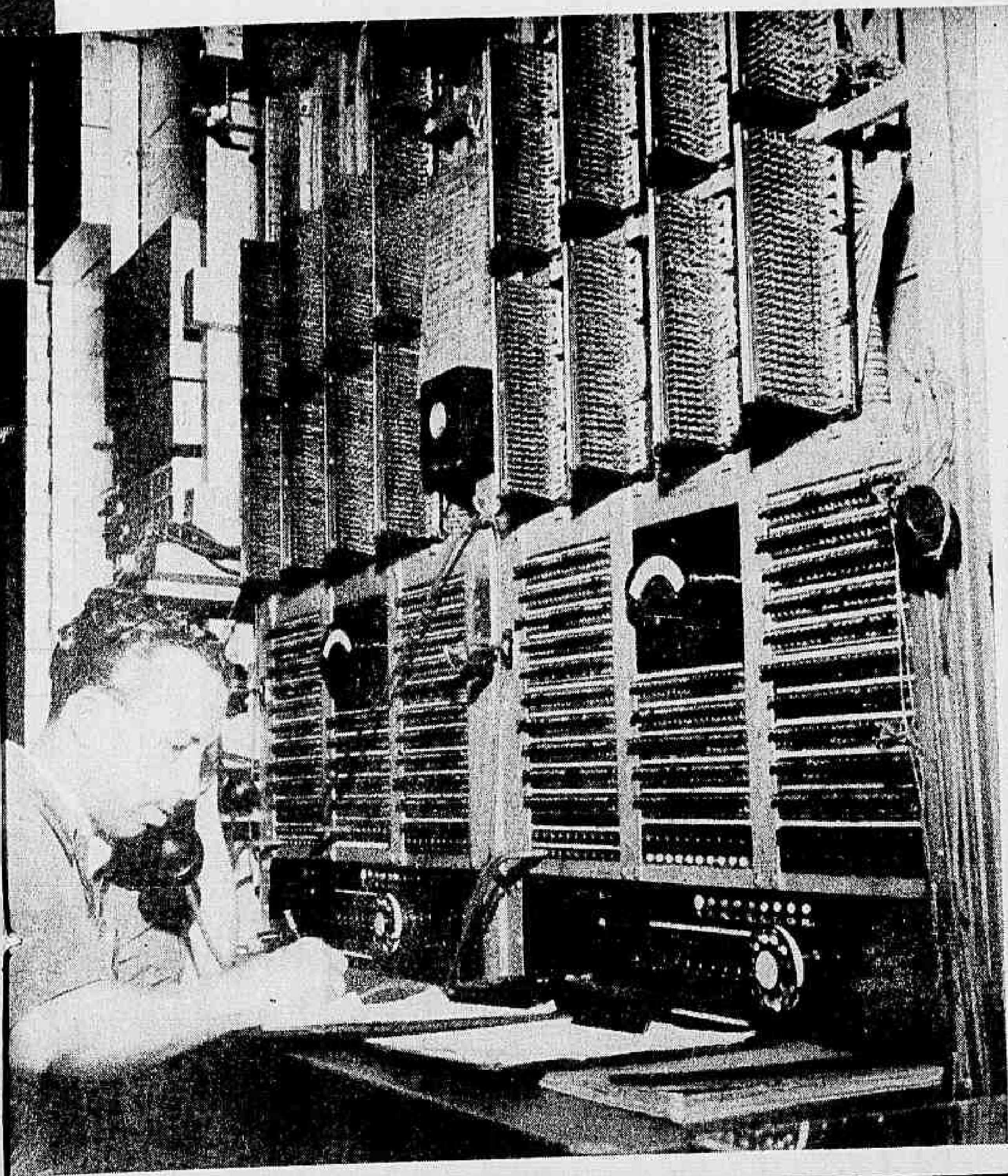
O assunto desta reportagem, como os leitores já repararam pelas fotos, é a crise do telefone, uma das tantas que atualmente assolam esta confusa metrópole. Filas imensas de pretendentes aí estão já cansados e esquecidos na longa espera. Mas os anos vêm passando sem que os menos felizes (em maior número) alcancem sua oportunidade. Enquanto isso alegam os prejudicados, algumas centenas melhor aquinhoados e isso alegam os prejudicados, algumas centenas melhor aquinhoadas e empistoladas vão passando à frente. Conseguir hoje, sem padrinhos, que mercê do céu.

Fazemos questão de expor tais aspectos para mostrar o grau da crise de telefones no Rio. O assunto hoje está na ordem do dia dos debates, cercado de denúncias, de escândalos e de negociatas. O caminho dos que passam pelo Departamento de Concessões é pontilhado do pitoresco e do dramático. Há os que ali vão discutir, irritados, os seus direitos preteridos; há os que vão chorar suas pretensões e, até, há casos de certas damas que chegam a oferecer determinadas graças pessoais pela esmola de um telefone.

Como é evidente, a crise em questão, como acontece com outros tipos de crises, começou a originar explorações e injustiças. Aí está, por exemplo, o chamado «pulo do telefone», assim qualificado e denunciado permanentemente na Câmara do Distrito Federal, pelo vereador Paulo Areal. O edil acusa o Prefeito de assinar inúmeras concessões privilegiadas, em franca desobediência às datas e pessoas inscritas nas listas de pretendentes. Diàriamente o sr. Areal vinha subindo à tribuna da Câmara Municipal para denunciar novas concessões. Naturalmente as audiências do público prejudicado que comparecia ao Departamento de Concessões se tornavam acesas e belicosas, após tantas denúncias de privilégios. E a fila é grande.

Segundo elementos colhidos, o número de pretendentes inscritos para telefones eleva-se a cento e vinte mil. São inscrições feitas entre os anos de 1943 até agora.

Entre êles, há os que aguardam sua concessão há dez longos anos, isto é, os inscritos no ano de 1943, início da chamada crise do telefone. Dessa legião de «pacientes», alguns decerto já morreram, outros mudaram





MILHARES DE VOZES CHAMANDO; MILHARES QUERENDO CHAMAR

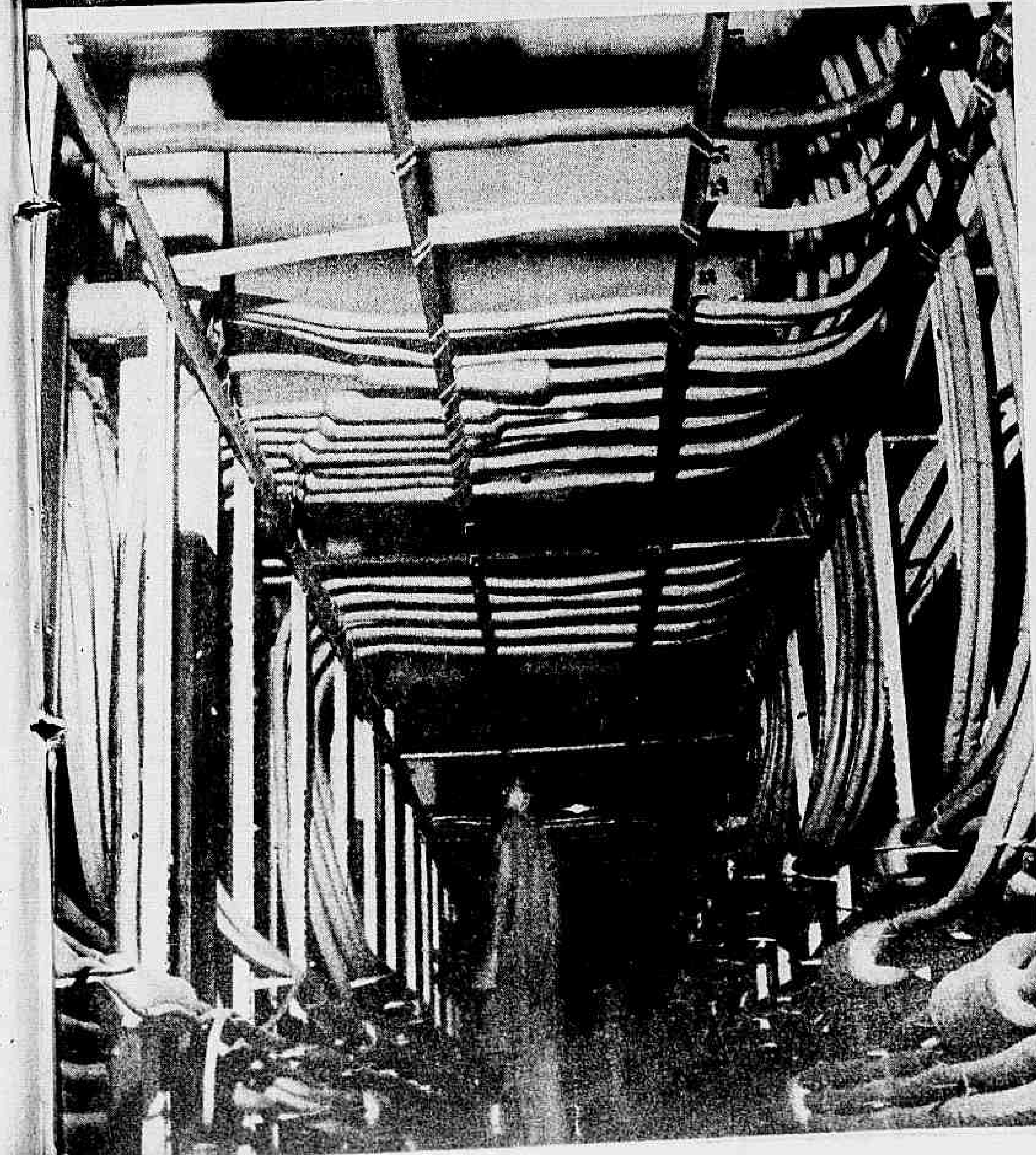
de cidade, outros desistiram. De qualquer maneira, nos propusemos e conseguimos localizar o enderêço do candidato Nº 1 um da «fila do telefone».

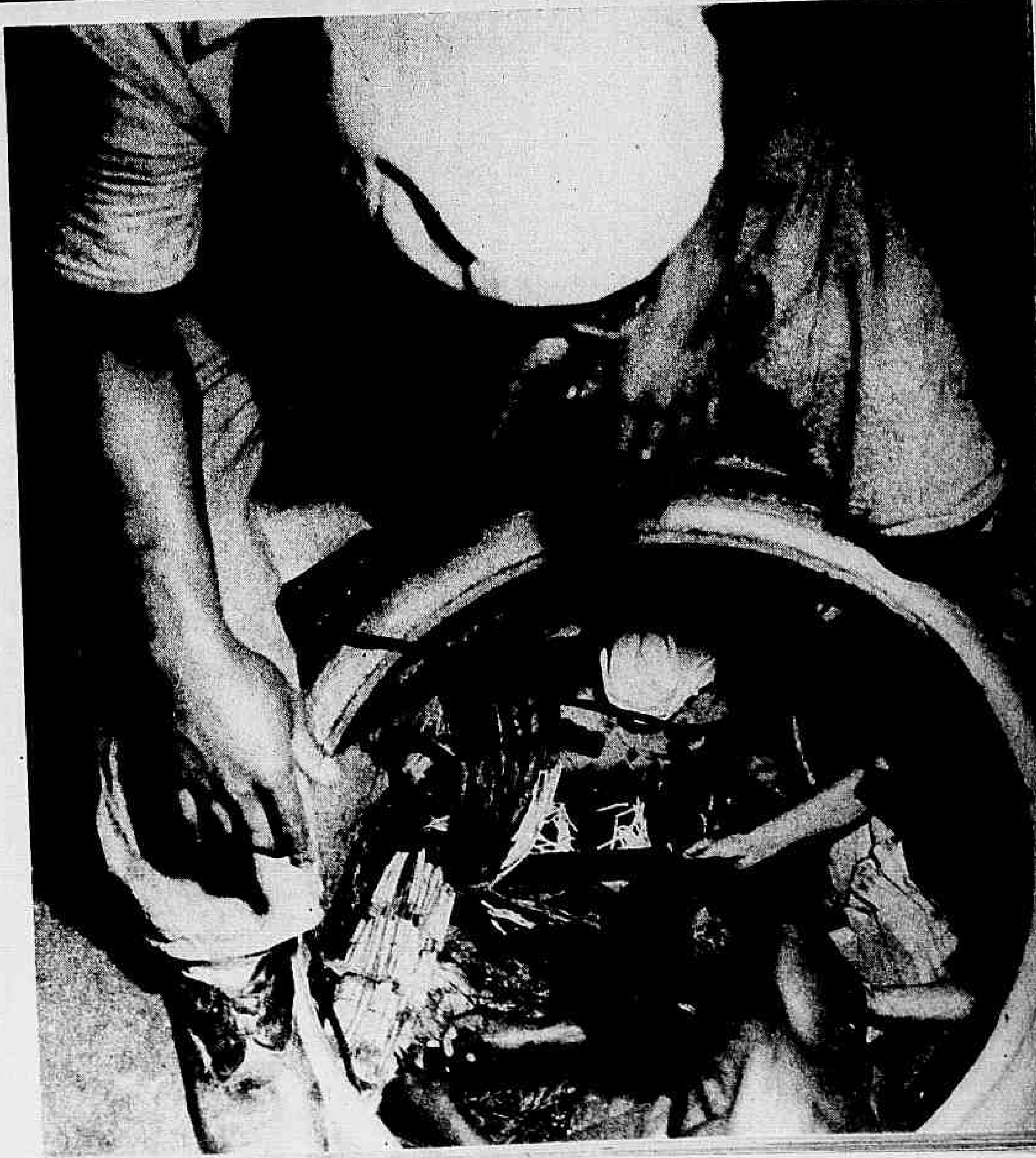
RUA AUTOMÓVEL CLUB, 3017

Êsse é o endereço da vítima número um da crise. Fica nas alturas de Irajá. Chama-se Jaime Augusto o morador. Sabedor do que desejávamos, o sr. Augusto conta sua história. Em 1942 mudou-se do subúrbio de Vicente de Carvalho para Irajá, no endereço acima, levando consigo uma pequena indústria de artefatos de cimento armado, que mantém ao lado da casa. No ano seguinte, 1943, no dia 24 de maio, pediu inscrição de telefone para o referido endereço. E, como se vê, até hoje nada. «Já desisti de pedir, me disseram que não adianta», explica o sr. Augusto. «Tenho-me valido do telefone defronte, da loja de ferragens». Refere o nosso entrevistado que tempos atrás andaram ali alguns indivíduos, se dizendo funcionários dos Correios, prometendo a colocação de telefones mediante o pagamento de certa quantia. Jaime Augusto recusou «o negócio», mas conta que os homens conseguiram apanhar dinheiro de alguns ingênuos da vizinhança. Queixa-se o pequeno industrial que a falta do telefone lhe tem dado uma trabalheira medonha e prejudicado enormemente sua florescente indústria de artefatos. Quando de sua inscrição, há dez anos, revela que foram feitas as devidas medições de linha até a altura de seu endereço, que ficara incluído, portanto, na possibilidade de instalação de telefone. «Já podia ter recebido meu aparelho», diz Jaime.

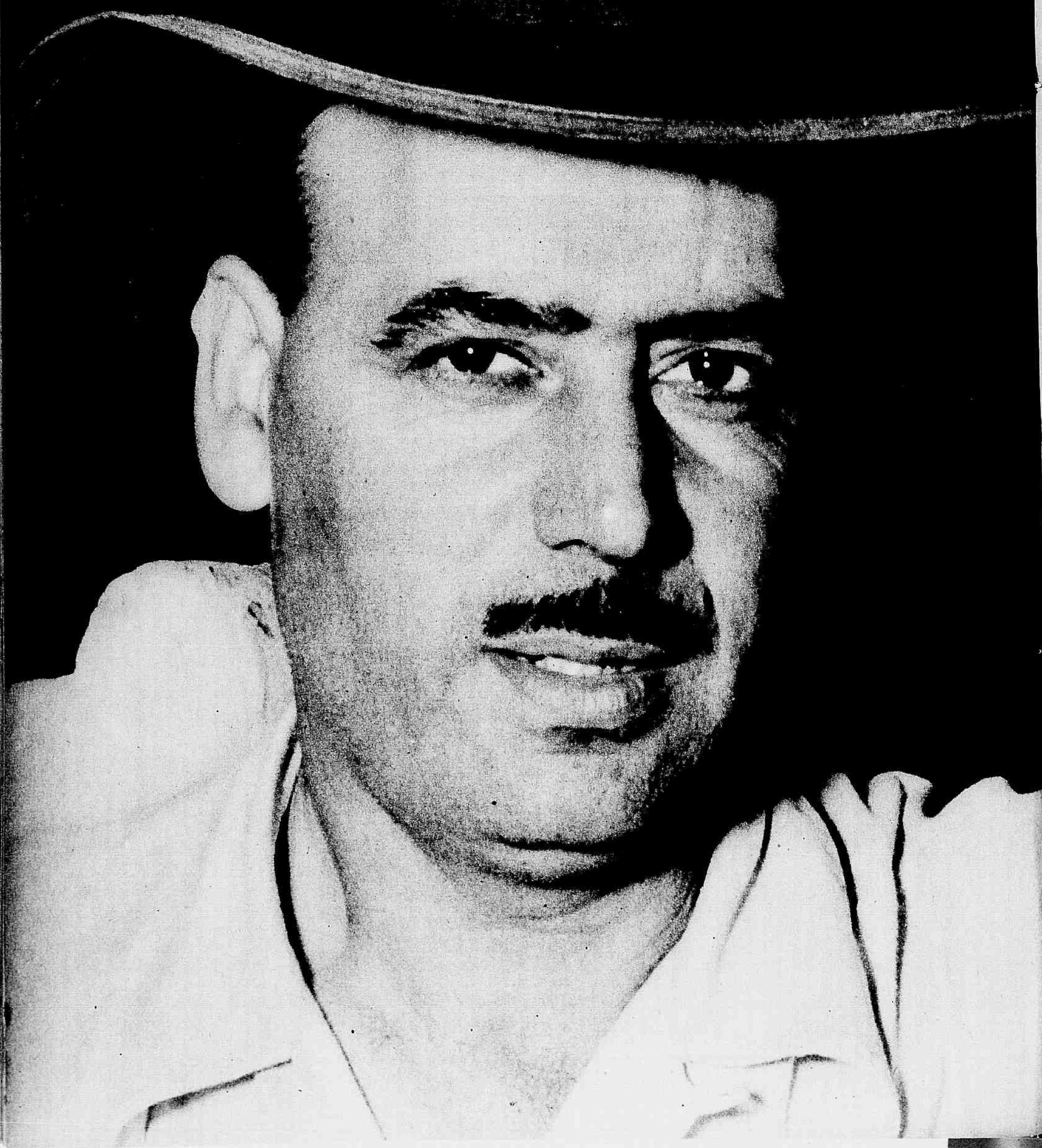
Mas se há os que padecem com o problema do telefone particular, há também os que sofrem as agruras do serviço de telefones públicos. Como se não bastasse a crise de número de aparelhos, os que existem atualmente instalados pela C.T.B. nos vários pontos da cidade possuem um funcionamento precaríssimo. Pelo menos cinqüenta por cento dos

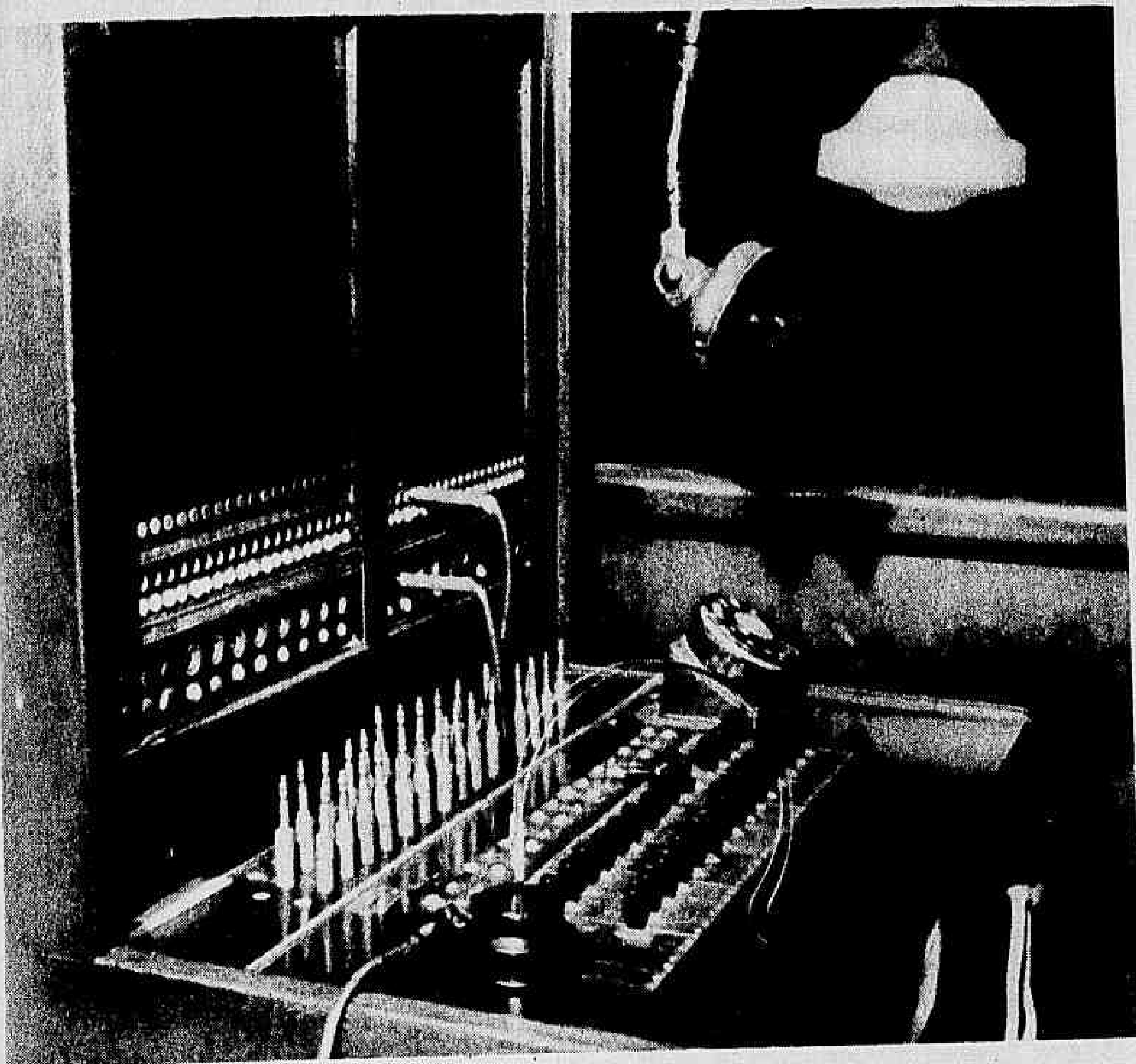
UM INTRINCADO DE VEIAS QUE A CIRCULAÇÃO INTENSA TORNOU QUASE INÚTEIS



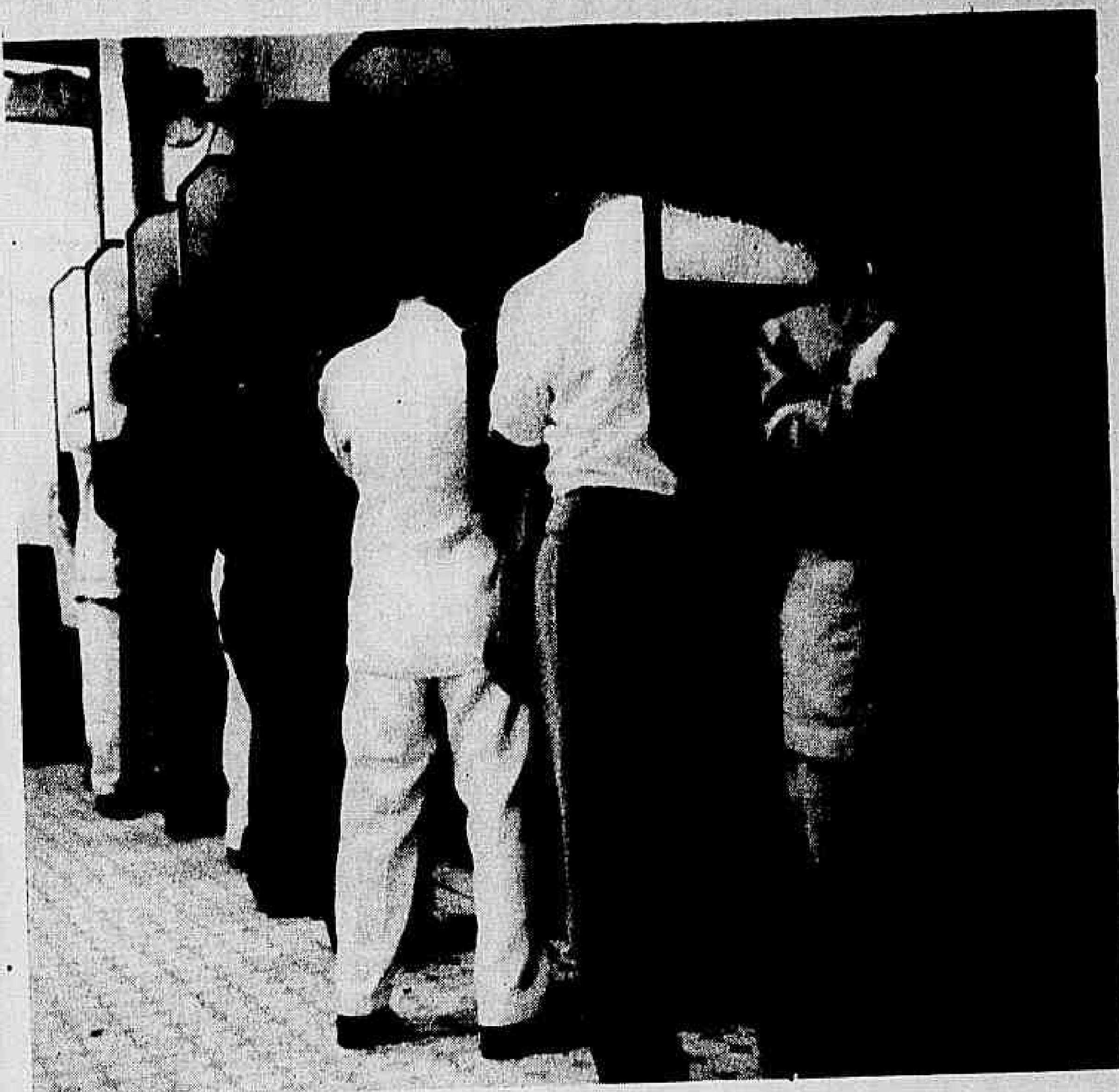


HÁ DEZ ANOS êle espera o seu telefone. Seu nome é Jaime Augusto, morador na Av. Automóvel Clube, 3017, no distante bairro de Irajá. E' o primeiro de uma longa fila de cento e vinte mil candidatos a um aparelho telefônico. Há dez anos vem Jaime utilizando o aparelho do vizinho para movimentar sua pequena indústria de artefatos de cimento. «Dentro de 15 dias, no máximo, o senhor terá o seu telefone», lhe disseram em 1943. Ainda continua esperando.





A MESA telefônica e a telefonista são um dos capítulos dramáticos no crítico problema no Rio de Janeiro. Os chamados insistentes, os cruzamentos de linha e o mau humor da funcionária em seu serviço.



CINQÜENTA POR CENTO dos telefones públicos da CTB estão permanentemente enguiçados, exibindo dizeres habituais do «não funciona». Quem tem lucrado bastante com isso são os donos de bares e botequins.

mesmos ostentam permanentemente o aviso de «não funciona!», para irritação de quem necessita fazer o telefonema urgente. E a situação permanece, mesmo a despeito do preço da ligação ter sido aumentado de sessenta centavos para um cruzeiro.

Quem está lucrando com tôda essa calamidade, falta de aparelhos públicos e particulares, são os donos de cafés, bares, botequins e quitandas, possuidores de aparelhos particulares. Alguns dêles chegam a fazer um «movimentozinho» de três mil cruzeiros mensais com os fregueses do seu telefone. E da mesma forma alguns milhares de outros.

Tendo em vista tôda essa calamidade provocada pela crise de telefones no Rio, procuramos ouvir, como é natural, as razões opostas pela concessionária do serviço, a Companhia Telefônica Brasileira. Espondo a situação ao repórter, o sr. Vitor Keller, presidente da C.T.B., referiu que os serviços da concessionária até o ano de 1943 estiveram em dia, funcionando normalmente.

Dêsse ano para cá, explicou, os problemas da guerra tornaram difícil, quase impossível, a importação das matérias necessárias à boa marcha dos serviços. Tanto a Europa como os Estados Unidos mantiveram suas fábricas ocupadas com o esfôrço de guerra, e com a batalha da recuperação nos respectivos países. Explicou o sr. Vitor Keller:

«— De 1943 para cá, as demandas do serviço telefônico aumentaram numa proporção maior do que o aumento de população. Por outro lado, temos licenças de importação pedidas há mais de um ano e até agora não atendidas. O Brasil já produz aparelhos telefônicos e os cabos necessários para as estações. Para isso, dependemos, entretanto, de matérias-primas importadas, que têm deixado de vir na atual contingência. Necessitamos inadiàvelmente de materiais como cobre, chumbo e outros elementos de que dependem a confecção dos telefones, das estações e dos cabos. Agora, entretanto, com o novo sistema de importação, os materiais destinados às instalações telefônicas foram colocados na quarta categoria, o que significa encarecimento naquelas mercadorias, e conseqüente aumento no custo dos serviços.

Informa nosso entrevistado que a C.T.B. completará a instalação de 97.000 linhas no prazo de 44 meses, instalações já iniciadas no mês de novembro passado. A seguir, deverá ser instalada uma média de 20.000 linhas anualmente.

Segundo a concessionária, as instalações telefônicas apresentaram no período de 1939 a 53 um aumento de 130%, enquanto, no mesmo período, o aumento da população carioca foi de apenas 40%. Se, apesar disso, ainda há crise, é devido em parte a já citada dificuldade de importação e em parte ao excesso de pedidos de telefones, resultante da melhoria de vida de certas camadas da população, no após guerra.

Segundo as estatísticas, conta o Rio com um total global de 250.000 linhas telefônicas instaladas até agora. Sendo a **população urbana** desta cidade orçada em mais ou menos um milhão e meio de habitantes, oferecerá a cifra uma proporção de 20 aparelhos para cada centena de habitantes. Êsses cálculos são feitos com exclusão dos subúrbios mais distantes, base de cálculo também usada nas outras capitais de países.

De tudo o que ficou dito, entendemos não será para muito breve a solução do problema do telefone no Rio de Janeiro. Se de um lado é cada vez maior o número de pretendentes, e repetidos os escândalos causados pelas concessões especiais de telefones, do outro lado alega a concessionária as dificuldades na importação, para as exigências do serviço. O que virá favorecer cada vez mais os privilégios, os escândalos e a confusão.







MUITO embora o serviço de telefones públicos seja explorado pela própria Telefônica, quem recolhe o dinheiro é a caixa do café, conforme se lê no aviso acima. Ao invés de pingar os sessenta centavos (de lei) no cofre junto ao telefone, o freguês paga um cruzeiro ao comerciante.



ZEZÉ MOREIRA ACEITOU COM PRAZER O «ABACAXI» DA COPA DO MUNDO DE 54

ESCALARAM ZEZÉ MOREIRA



O maior adversário de Zezé no Conselho Técnico da C.B.D. era Castelo Branco. Na hora da votação apoiou o técnico tricolor.



O presidente da C.B.D., Rivadávia Correia Meyer, ouviu os três candidatos ao pôsto máximo, e óptou por Zezé Moreira.

PARA SALVAR O FUTEBOL BRASILEIRO

VINTE E CINCO ANOS DE FUTEBOL — DUAS VÊZES CAMPEÃO CARIOCA COMO TÉCNICO — TRÊS VÊZES CAMPEÃO BRASILEIRO COMO JOGADOR — DUAS VÊZES CAMPEÃO INTERNACIONAL — UM SISTEMA TÁTICO COMBATIDO QUE CONQUISTA TRIUNFOS — O ESTADO MAIOR DO «SCRATCH».

Fotos de ALBERTO FERREIRA LIMA e arquivo da REVISTA DA SEMANA

Reportagem de LEVY KLEIMAN

FINALMENTE foi decifrado o segrêdo da esfinge do futebol brasileiro. Já se conhece o nome do homem que comandará a seleção brasileira à Copa do Mundo. Confirmando o que antecipamos num dos últimos números da REVISTA DA SEMANA triunfou o franco favorito, Zezé Moreira, ou melhor o senhor Alfredo Moreira Júnior, o treinador que primeiro conquistou um título para o futebol brasileiro fora de nossos campos, o Pan-Americano de 52, em Santiago do Chile.

O Conselho Técnico de Futebol da C.B.D., que era de opinião que o preparador só deveria ser indicado no dia 15 de janeiro, se viu forçado a antecipar o nome tão aguardado pelos adeptos do esporte bretão, em face de uma tremenda campanha da imprensa especializada, pois mesmo agora a indicação já é um tanto tardia, pois inúmeras são as providências a tomar antes do primeiro ensaio do selecionado, a ser levado a efeito em fevereiro.

O TÉCNICO TEM 45 ANOS

Zezé Moreira, preparador do Fluminense F.C., nasceu em Miracema, no Estado do Rio, a 16 de outubro de 1908, tendo portanto 45 anos de idade. Lá mesmo começou a jogar futebol, e depois que veio para o Rio, alistou-se em 1928 no Esporte Clube Brasil, uma agremiação que existia na Praia Vermelha, nos terrenos que ficam hoje atrás do Instituto Benjamin Constant. Jogou nesse clube na qualidade de amador como centro-médio até 1932, quando foi implantado o profissionalismo, transferindo-se para o América. Conquistou o título de campeão brasileiro em 1931. Em 1934 sagrou-se campeão paulista pelo Palestra Itália, hoje Palmeiras. Conquistou depois os campeonatos brasileiros de 38 e 39 pelo selecionado carioca. Nesta época jogava pelo Botafogo formando a célebre intermediária alvi-negra, Zezé, Martim e Canale, que tanto apavorou os avantes contrários. Era o time que Carlito Rocha dizia ser formado de «cavalinhos», tal a virilidade com que atuavam os seus componentes.

PROFESSOR DE FUTEBOL

Formou-se como técnico de futebol pela Escola Nacional de Educação Física. Depois de diplomado foi ser assistente dos técnicos que passaram pelo Botafogo, tais como o mineiro Bengala, o argentino Mario Fortunato, o seu companheiro de linha média Martim Silveira, e o uruguaio Ondino Viera. Adquiriu dêste modo uma linha de conhecimentos verdadeiramente internacional com os preparadores que passaram pelo clube botafoguense, o que somado ao que aprendeu com o húngaro Dori Kruschner, sob cuja orientação estêve na qualidade de jogador, permitiram-lhe conquistar logo no seu primeiro ano como técnico oficial o título de 1948 para o Botafogo, clube que não levantava o primeiro lugar há mais de uma dezena de anos. Diziam que o êxito desta campanha se devia inteiramente a Carlito Rocha, com as suas célebres gemadas e com o «Biriba», o cão mascote. Por estas e outras Zezé saiu do Botafogo, e três anos depois retornou ao comando de um time de futebol, para desmentir todos os seus detratores, conquistando em 1951 o campeonato

ÊLES ESCOLHERAM ZEZÉ MOREIRA



Getúlio Vargas condecora Zezé pela conquista no Pan-Americano, na presença de Vargas Neto, presidente do C.N.D.

Zezé cumprimenta Juan Lopes, conquistador da Copa do Mundo de 1950. Todos esperam que Zezé consiga a revanche.

para o Fluminense, com um sistema tático muito condenado no início e que serviu para que um time sem grandes «estrêlas» conseguisse a primeira colocação, a marcação cerrada e contra-ataques rápidos. Em 1952, obteve o Pan-Americano, em sensacional campanha, com um time formado às pressas, quase sem nenhuma preparação de conjunto. No mesmo ano conquistou para o tricolor a Copa Rio, num torneio internacional.

A FÓRMULA DA VITÓRIA

Zezé recebeu a sua nomeação para técnico como uma grande honra do futebol brasileiro. Considera-se envaidecido pela escolha, como qualquer ser humano, e que êste é o ponto máximo de sua carreira, e portanto pretende aproveitar a grande oportunidade que lhe é oferecida.

Voltará a ser formado o estado-maior que conquistou o Pan-Americano. Zezé como técnico escolheu os seus companheiros da brilhante jornada de 52, dr. Newton Paes Barreto, com quem formou dupla nos campeonatos cariocas de 48 e 51, o massagista Mário Américo, o homem das mãos mágicas, que já foi do Vasco e hoje pertence à Portuguêsa, de S. Paulo, e o mestre-cuca Oliveira, do Vasco. Portanto um verdadeiro «scratch» brasileiro.

São os homens que conhecem a fórmula da vitória, mas é preciso evitar que se repita o êrro da Copa do Mundo de 1950 quando o excesso de confiança permitiu ao Uruguai arrebatar-nos o título universal do futebol. Antes de irmos à Suíça, precisamos vencer o Chile e o Paraguai, em Santiago do Chile, em Assunção e no Maracanã. A estrada é dura antes dos Alpes, e os paraguaios são os campeões sul-americanos. Remember Maracanã, 16 de julho de 1950!

ÊLES ESCOLHERAM ZEZÉ MOREIRA



ALFREDO CURVELO



JOSÉ ALVES DE MORAIS



IVAN DE FREITAS



CANOS SIMÕES COELHO



MAJOR ANDRADE LEÃO

Não houve surprêsas na reunião do Conselho Técnico de Futebol para a escolha do técnico que dirigirá a seleção brasileira. A escolha foi feita a «priori» pelo presidente da C.B.D. e ratificada unânimemente pelos membros do órgão. Finalmente houve uma escolha que contentou a todos.

O HOMEM QUE FÊZ MEU CAIXÃO

PAULO MENDES CAMPOS

A primeira vez que fui a Pôrto-Alegre, queria ser soldado. Aprendi ordem unida mas não decorei os nomes das peças das máquinas de matar. O capitão, no outono, confiou-me a vigilância de uma estrada vermelha, por onde deveria avançar o inimigo. Dormi. Quando acordei, ventava, e descobri meu coração paisano um coração sem inimigos, apenas armado de suas heranças obscuras. Foi naquele crepúsculo, longe do acampamento, que me senti desligado da vida militar. Dez anos mais tarde, voltando a Pôrto-Alegre, era funcionário público. Procurei o adolescente, aluno da Escola Preparatória de Cadetes, e não o encontrei. Estava dormindo para sempre em Viamão, embalado por cinco rios, a cavaleiro de uma estrada bordejada de pinheiros. Depois de ter redigido a notícia da inauguração do ambulatório da autarquia federal, andei um domingo inteiro. Fazia verão e não havia quase ninguém. Subi a rua da Praia, cheguei a uma pracinha irremediável, sem abrigo contra o sol, sem moças em flor, sem crianças, sem mendigos. Mas havia uma porta aberta em um ângulo de rua. Olhei lá dentro e vi um homem fazendo um caixão de defunto. Só o homem, o resto era caixão empilhado, caixão em pé, caixão deitado, pobres, de segunda, ornamentais, grandes do tamanho de um gigante, pequenos do tamanho de um anão.

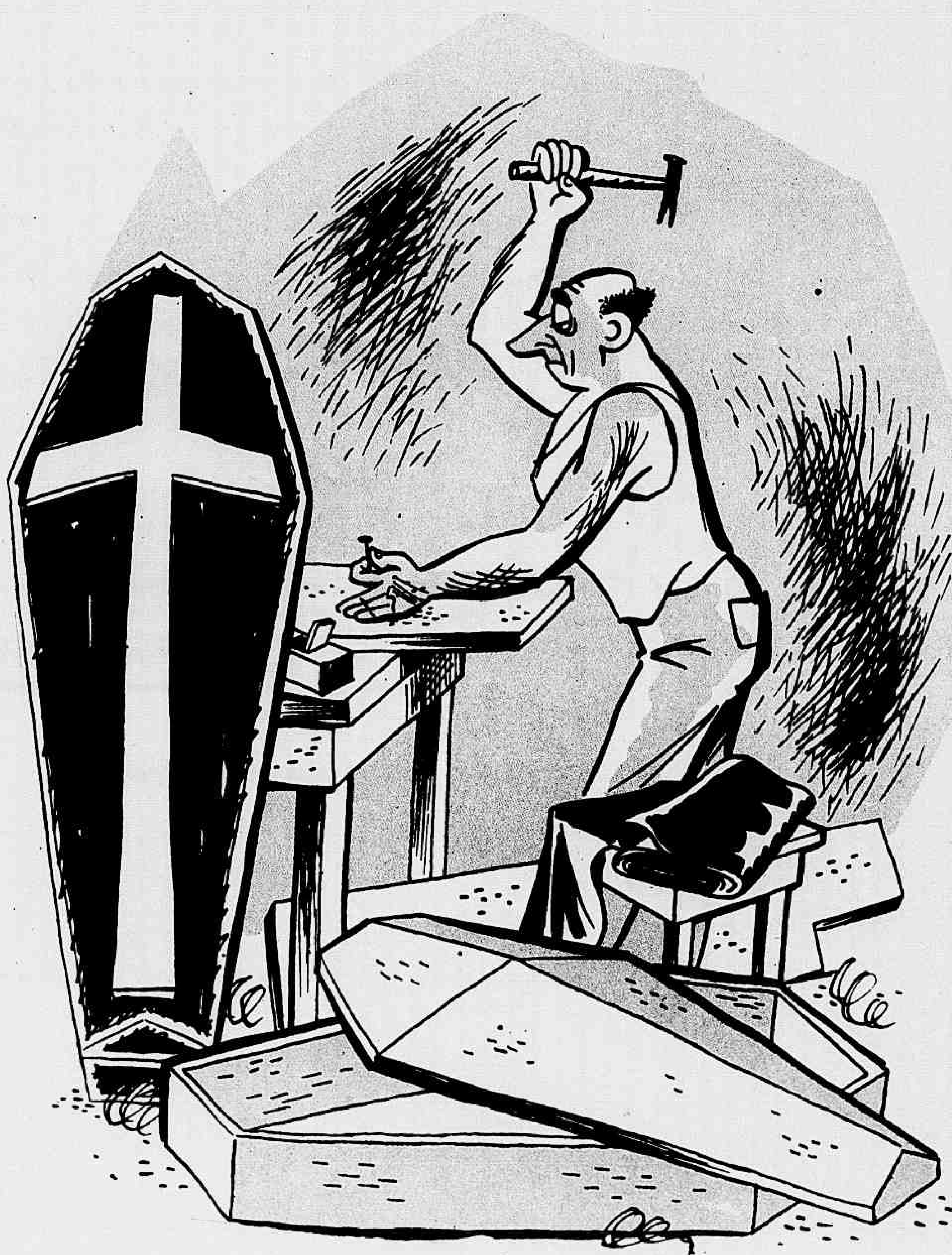


Ilustração de FORTUNA

● Era um carpinteiro forte e decidido. Assobiava, contudo, um tango. Eu admirava suas mãos hábeis, precisas, talentosas, mãos que teriam feito cadeiras confortáveis, mesas onde as famílias jantam, mesas onde as dactilógrafas escrevem cartas comerciais, barcos para atravessar os oceanos, marcos de porta, por onde se entra e se sai, marcos de janela, por onde se pode ver a vida de uma rua. Mas as mãos de um armador estão destinadas a fazer caixões para os que vão morrendo. Primeiro, bateu os pregos e fêz uma caixa comprida com uma tampa. Passando do «Mano a Mano» a uma rancheira, começou a lixar a tábua com um ruído que dava nestes nervos que a terra há de comer. Eu não podia ir embora, nem deixar de entender que o homem fabricava meu próprio caixão. Êle fingia que não me vira à porta, imantado de tristeza, fingia que não escutava o bater de meu coração. Lixava a tábua com um carinho perverso, sofria de exatidão pela morte, a minha morte, gozava o meu pavor silencioso, provando de leve com a palma da mão a maciez da madeira. Parava às vêzes o assovio para soprar a poeira.

● Com um esquadro e um lápis marcou quatro pontos de cada lado, onde pregou bem prègado quatro alças de metal. Onde quatro amigos fortes um dia se agarrarão. Adaptou a fechadura, experimentou a chave. Como a lingueta prendesse um pouco, pingou um pouco de óleo de máquina de costura na mola do trinco. Forrou por dentro de um pano brilhante, e por fora, de um veludo prêto com bordados coloridos. Nas quinas, aplicou rebites dourados e frisos prateados no sentido horizontal. Quis dizer-lhe que se tratava de um caixão luxuoso demais para a minha pessoa, que eu preferia morrer em um desastre aéreo...

Nem olhou para mim. Com um prego na bôca, fêz de lado a última voltinha da rancheira, contemplou com amor o trabalho feito, e viu que sua obra era boa.

Aquela noite, no caberé gaúcho, confesso que bebi um pouco e dancei muitos tangos com senhoras imorais. Depois, no meu sono, um esquife branco de velas negras descia as correntezas de outro sonho.

ENTREVISTA "PING-PONG"

LOLÓ NÃO GOSTA DE RODEIOS



— Que é que você gosta mais de ler?
— Meu nome no jornal.

UMA DAS MAIS JOVENS E BELAS (E JÁ DAS MAIS FAMOSAS) CORISTAS CARIOCAS NÃO DEIXA LANCE SEM RESPOSTA ★ E ACABA VENCENDO O REPÓRTER DE 28 x 0.

Texto de **STANISLAW PONTE PRETA**

POSITIVAMENTE as entrevistas «pingue-pongue» têm feito sucesso, mas positivamente também era preciso entrevistar uma mulher, já que, até agora, sòmente homens tiveram a oportunidade de dar os seus palpites. Um professor, um radialista, um garção, um humorista, um compositor, entre outros, deram «de bate-papo» as respostas exigidas pelo repórter. Agora, portanto, tinha chegado a vez de uma mulher. E para juntar o útil ao agradável, nada mais justo do que escolher uma corista; assim, ela, não só responderia às perguntas, como também posaria para o fotógrafo, o que equivale a dizer: ilustraria a página, com uma pose «bikinesca». Aqui está a bela Loló, «girl» de um «show» de boite, corista de um teatro de revista e atriz em princípio de carreira. A maneira pela qual ela tratou de rebater as questões propostas pelo repórter fazem-nos crer que Loló irá longe. E para que sòmente ela responda, vamos dar aqui algumas indicações de Loló em centímetros, evitando que os leitores fiquem a se indagar coisas enquanto indagamos coisas à Loló.

Ela tem: 1m. e 62 de altura, 53 quilos, 62cms. de cintura, 84 de busto, 91 de perna, 86 de quadris, 30,5 de pescoço, 56 de braço, 42 de ombros, calça sapatos número 36, o comprimento do rosto é de 22 cms., a cabeça tem 56 de diâmetro, como de diâmetro tem 26 de braço e 50 de coxa.



P — Loló, qual é mesmo o seu nome?
R — Laudelina Pereira.

P — Quer fazer o obséquio de mentir a idade?
R — Não é mentira não. Tenho 25 anos.

P — Porque é que te chamam de Loló?
R — Ah, isso eu não me lembro, sou Loló desde menina.

P — Há quanto tempo trabalha em teatro?
R — 3 meses.

P — Gostaria de tentar a comédia?
R — Gostar gostaria, mas creio que me falta talento ou, talvez, aprendisado.

P — E para o teatro de revista, você tem talento?
R — Tenho sim. Vide foto anexa.

P — Que é que você gosta mais no teatro?
R — Os aplausos.

P — E o que é que você acha mais difícil no teatro?
R — Caminhar no palco.

P — Você alguma vez já se candidatou a algum concurso de beleza?
R — Não. De vez em quando fico surpreendida de ver meu retrato no jornal, como candidata a um concurso qualquer, embora eu nunca tenha me candidatado a nenhum dêles.

P — E o tal concurso de Miss Curvas, que é que você acha dêle?
R — Acho uma bobagem, sabe? Há pouco tempo eu li um livro chamado "Estética de las proporciones en la naturaleza y en las artes". Êsse livro dava as proporções da mulher perfeita no sentido do belo, segundo Platão e segundo Frei Lucca Paccioli. Duvido que se arranje uma Miss Curvas por aí capaz de se enquadrar nas linhas exigidas pelos dois grandes estetas.

P — Porque cargas dágua você leu êsse livro, Loló?
R — Por nada, foi um pintor meu amigo que me emprestou, quando eu estava com sarampo.

P — Você lê muito?
R — Nem tanto. Costumo ler o que aparece. Às vêzes não consigo dormir sem ler alguma coisa. Então eu pego o que está mais à mão, seja livro de poesia, romance, revista, jornal ou bula de remédio.

P — E de tudo o que é que você gosta mais de ler?
R — Meu nome no jornal

P — Qual sua opinião sôbre os homens, em geral?
R — Sôbre os homens em geral não tenho opinião formada, mas gosto muito dos homens em particular.

P — Até parece resposta de Marilyn Monroe ou, pelo menos, do agente de publicidade de Marilyn Monroe. E por falar nisso, você gostaria de ser a Marilyn?
R — Não.

— Por quê?
R — Se a Loló já me dá tanto trabalho, imagine se eu fôsse a Marilyn. Deus me livre!

P — Qual o tipo de homem ideal?
R — O que gosta da gente.
P — E o tipo insuportável?
R — O conquistador barato.

P — Antes de ser corista você teve alguma outra profissão?
R — Tive diversas. Trabalhei em escritórios, fui datilógrafa, fui arquivista, e até secretária de dentista.

P — E porque mudou?
R — Porque acho mais agradável vêr um camarada de bôca aberta na cadeira da platéia do que na cadeira do dentista.

P — Se você não fôsse corista, que é que gostaria de ser?
R — Vedeta, naturalmente.

P — Isso eu sei, Loló. Eu digo fora do teatro, que é que você gostaria de ser?
R — Espôsa.

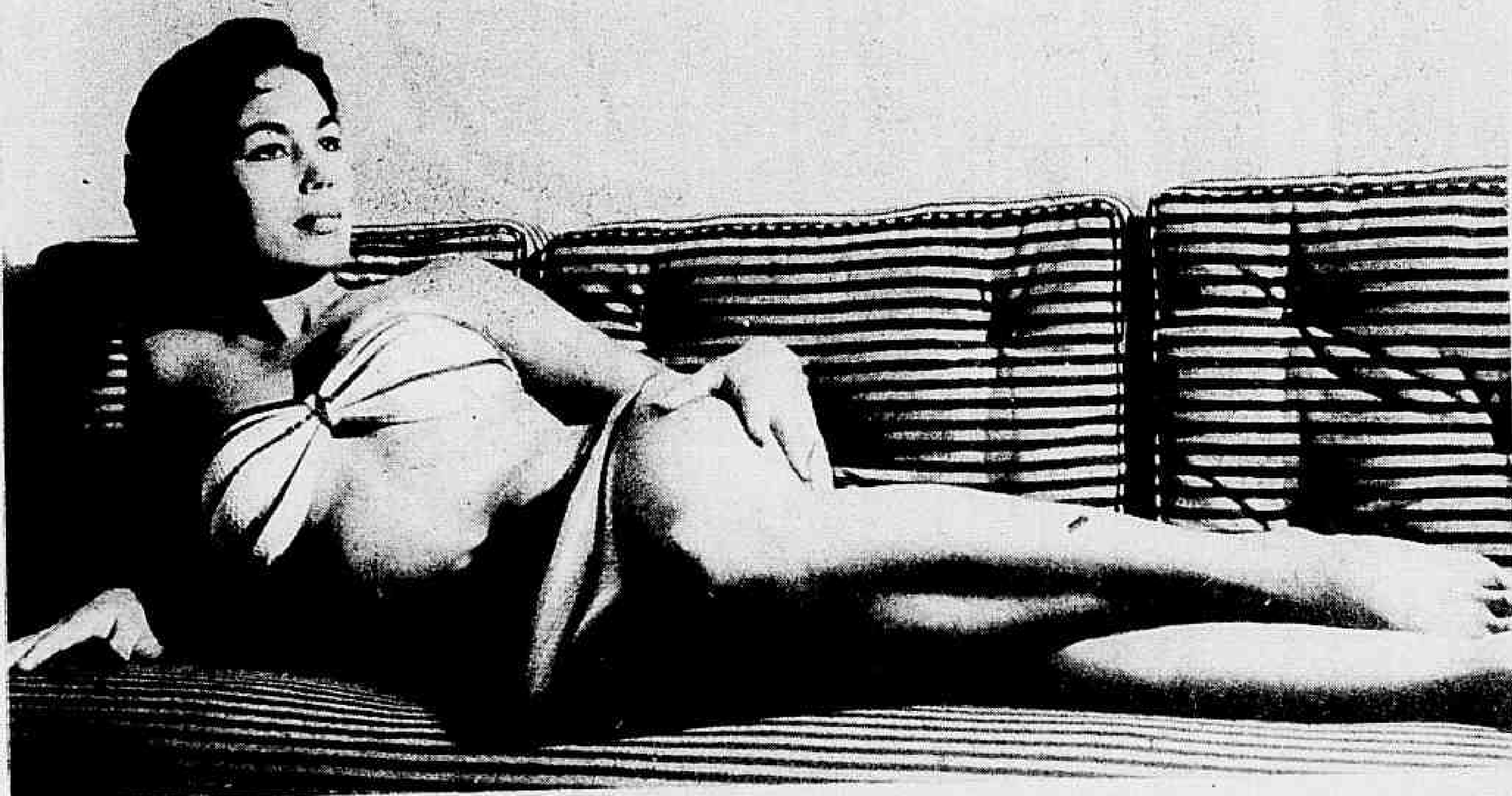
P — Espôsa de quem?
R — Daquele camarada de que falamos há pouco.

P — Qual?
R — O tipo ideal, lembra-se?

P — Ah, sei. O que gosta de você, não é?
R — É

P — E se você fôsse repórter e eu corista, qual a pergunta que você me faria?
R — Eu perguntaria como é que você conseguiu convencer o empresário para que êle lhe contratasse como corista.

P — Qual a pergunta que você gostaria que eu fizesse agora?
R — A última.

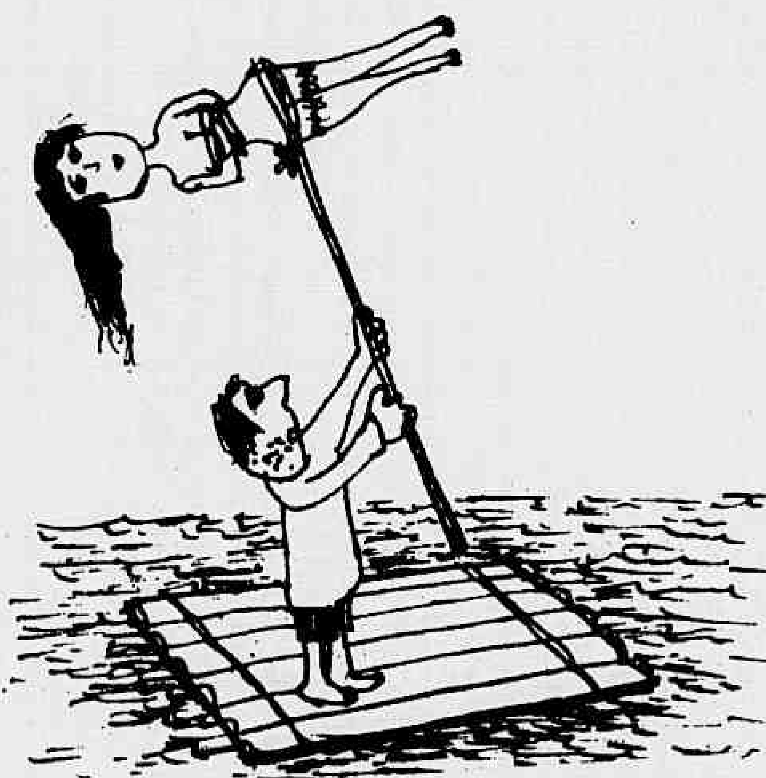


— E para o teatro de revista, você tem talento?
— Tenho sim. Vide foto anexa.

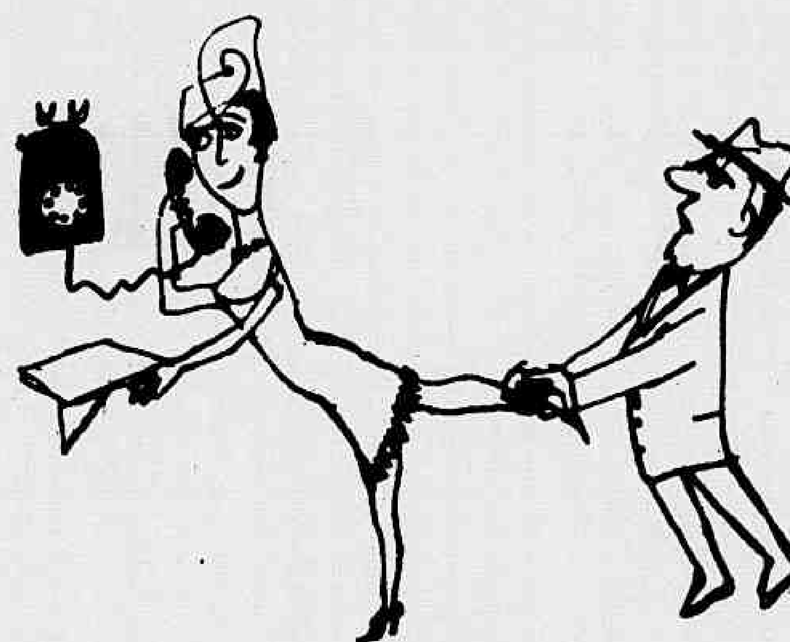




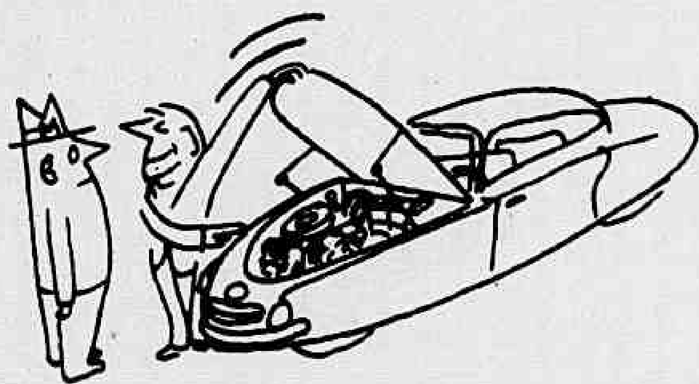
... e o primeiro prêmio coube ao bilhete 18.298, série A, que receberá 20 milhões...

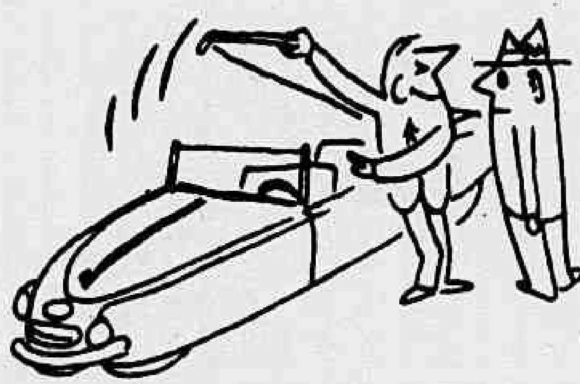


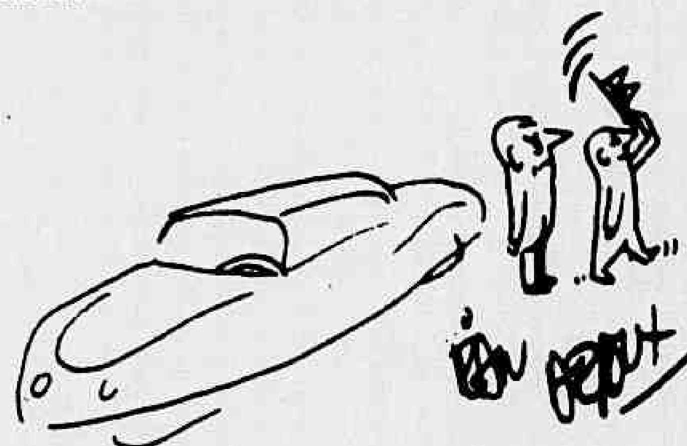
- Um pouco de paciência, querida. Você verá que assim acabarão nos notando.



- Agora vou desligar, querido. Alguém quer usar o aparelho.







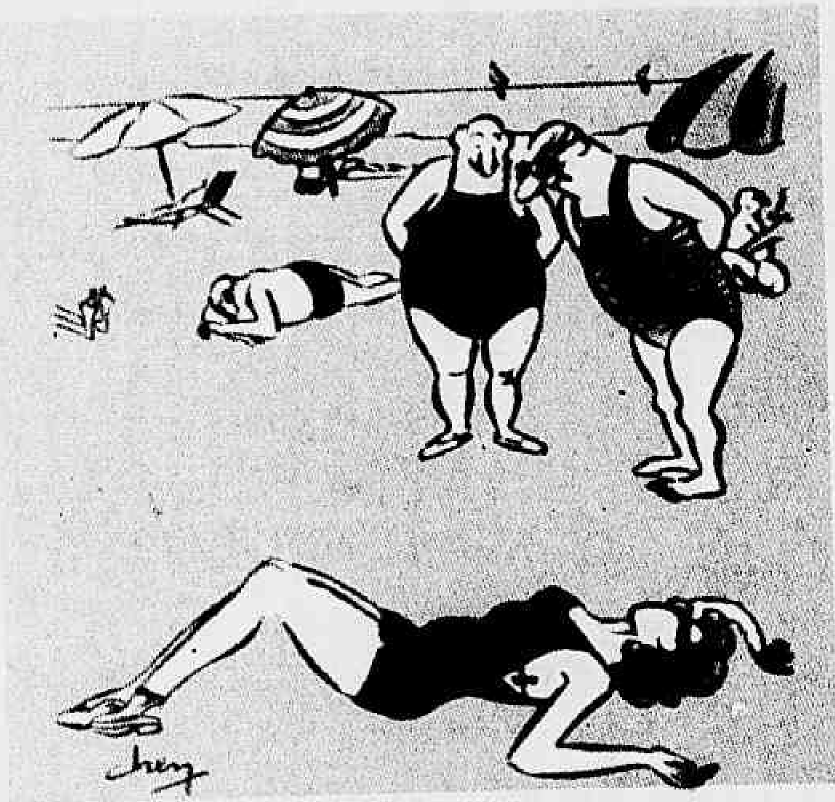






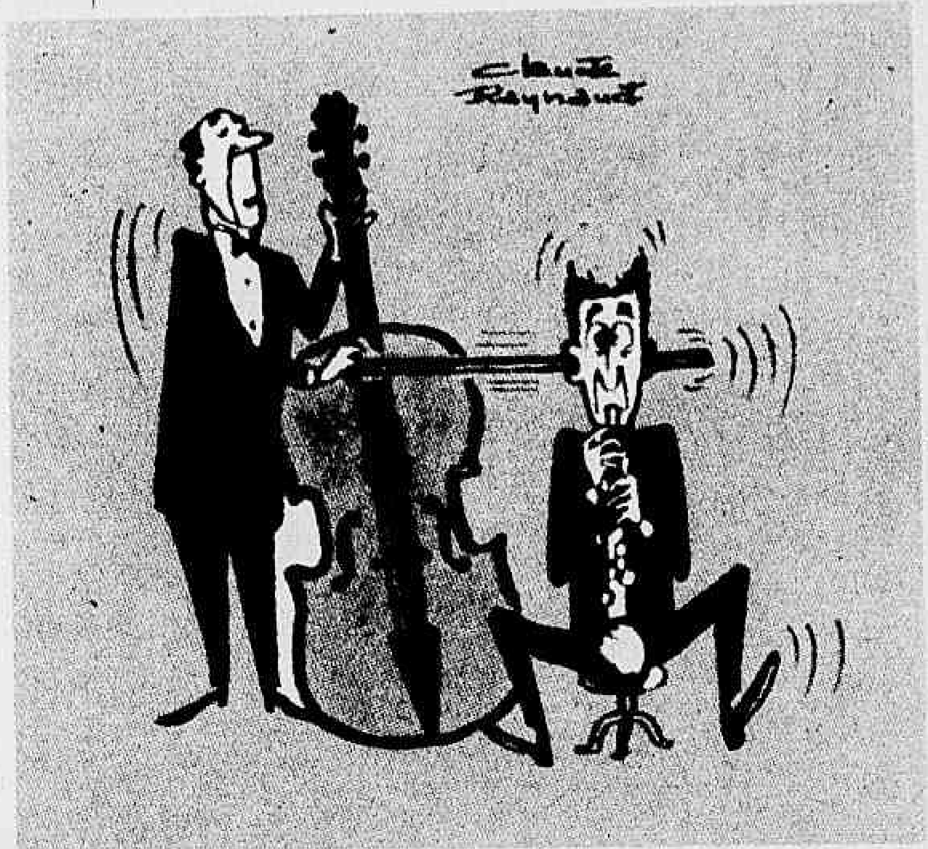


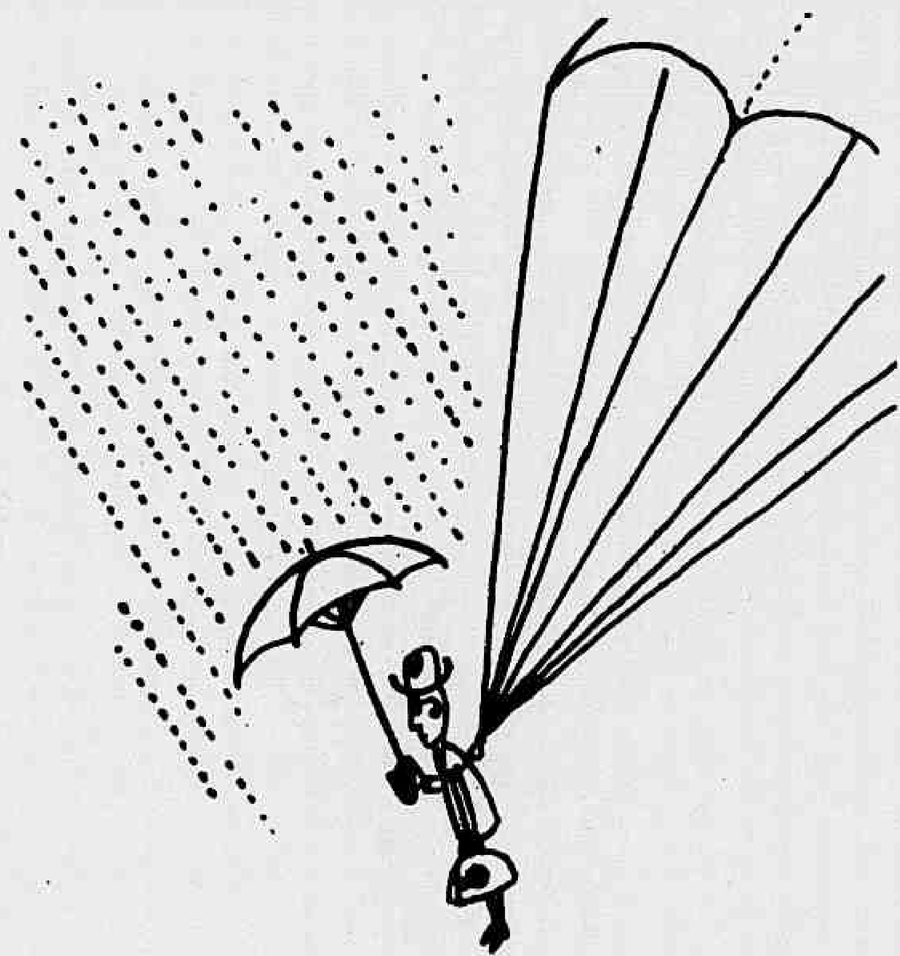
O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS

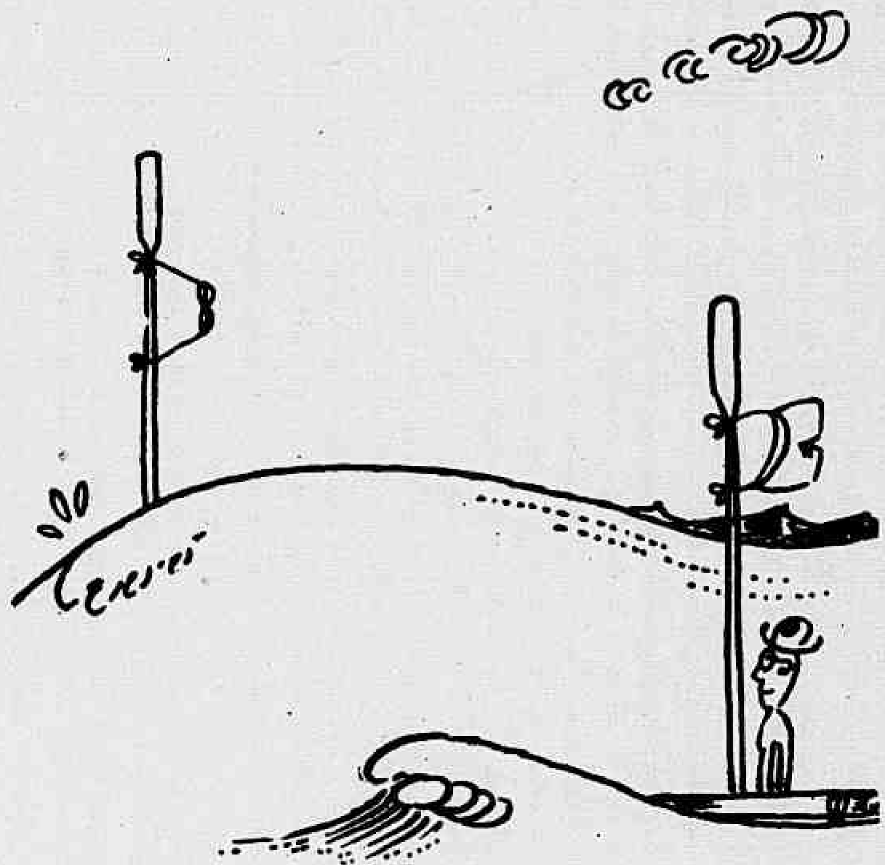


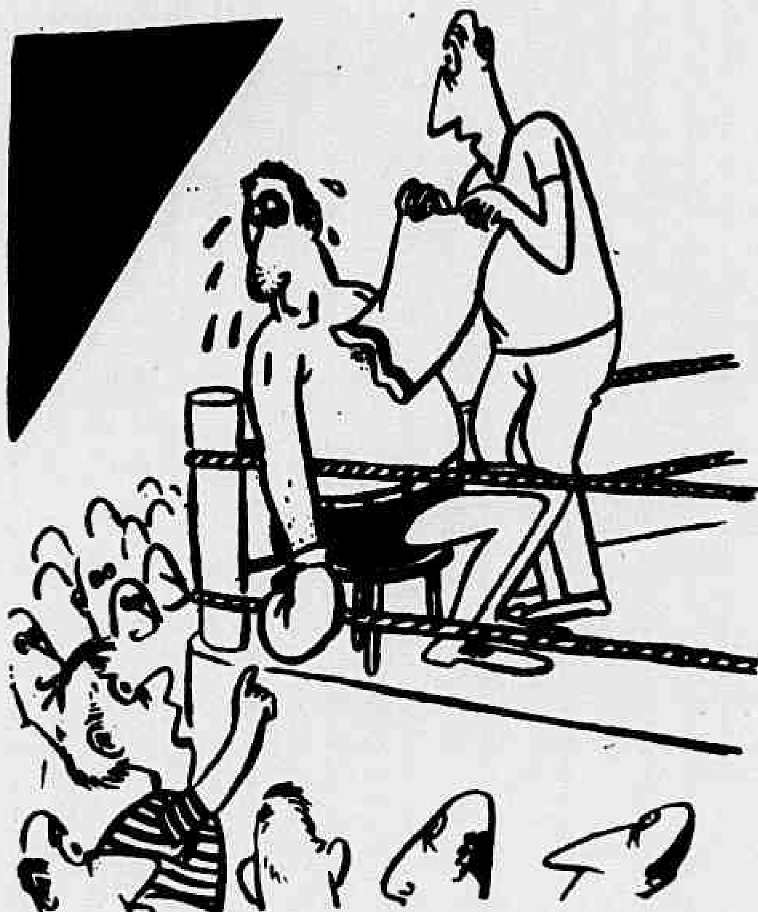
— A sua senhora bronzeia depressa...

— Mais depressa ela me tira a prata.









— Mamãe manda dizer que se o senhor perder desta vez para não aparecer em casa.



— Alfredo, pare com isso. Você está me estragando a pintura.

O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS O RISO DOS OUTROS ★ O RISO DOS OUTROS

Semana LITERÁRIA

UM POEMA POR SEMANA



PIERRE OSCAR, a revelação literária do ano, vencedor do «Prêmio Goncourt» de 53 pelo seu livro «O tempo dos mortos». (Foto Agip)

A UMA SENHORA

Na idade em que eu brincando entre os pastores
Andava pela mão e mal andava,
Uma ninfa comigo então brincava
Da mesma idade e bela como as flores.

Eu com vê-la sentia mil ardores,
Ela punha-se a olhar e não falava;
Qualquer de nós podia ver que amava,
Mas quem sabia então que eram amôres?

Mudar de sítio à ninfa já convinha,
Foi-se à outra ribeira; e eu, só, naquela,
Fiquei sentindo a dor que n'alma tinha.

Eu cada vez mais firme, ela mais bela;
Não se lembra ela já de que foi minha,
Eu ainda me lembro que sou dela!

Basílio da Gama

FATOS, FITAS, FOTOS

THIAGO DE MELLO está um escritor itinerante. Depois de uma longa vilegiatura em Manaus, onde mergulhou em busca do tempo perdido, o poeta de «Silêncio e Palavra» andou respirando os ares de Minas, onde passou o Natal. A propósito, ou sem propósito, sabe-se que Thiago de Mello se converteu ao catolicismo, o que já se refletiu na sua crônica natalina de 1953, publicada no «Correio da Manhã».

A ACADEMIA MINEIRA de Letras deixou de premiar um livro inédito de Wilson Figueiredo por causa de um verso considerado sumamente comprometedor: «Decepei o lírio casto da masturbação». Quem alertou os acadêmicos mineiros para a gravidade do verso foi o sr. José Osvaldo de Araújo, ex-prefeito de Belo Horizonte e ex-poeta, autor de «O bastão de São José».



LÚCIO CARDOSO

DURANTE ANOS a fio, o romancista Lúcio Cardoso sonhou com a aquisição de uma fazenda nos arredores do Rio. Diàriamente, recortava com carinho os pequenos anúncios do «Jornal do Brasil» referentes aos sítios e fazendolas de seu sonho. Agora, Lúcio conseguiu comprar uma fazenda no Estado do Rio, próximo do local onde nasceu Casemiro de Abreu, o que, a seu ver, valoriza extraordinàriamente a terra... aos olhos da geração de 45. Não sabemos se Lúcio Cardoso já obteve bons resultados no que toca à produção agrícola. Na seara literária, já colheu três romances, que espera editar em breve. Para tanto, fêz as pazes com seu antigo editor José Olympio.

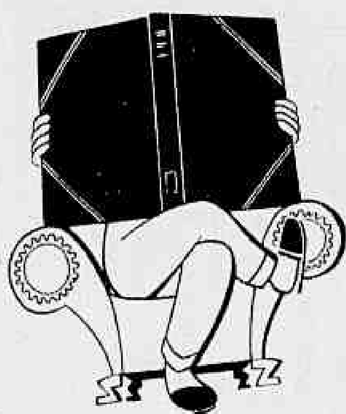
AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT ficou muito impressionado com um repórter que o entrevistou em Belo Horizonte. A certa altura, Schmidt disse que teria de retirar-se, para ir esperar a chegada de sua mulher. «Dona Yeda?», perguntou o repórter. «Sim», respondeu o poeta. «Aquela a quem o senhor dedicou o «Canto da Noite?», continuou o repórter. «Sim», concordou o poeta, espantado. «Para que a poesia volte à sua fonte?», concluiu o repórter. «Como você sabe isso?», disse o poeta satisfeito e surpreendido. Acontece que o repórter que o entrevistava é também poeta.

POUCO DEPOIS da Semana de 22, Mário e Osvald de Andrade estiveram em São João del Rei, visitando a velha cidade mineira. Um colecionador de preciosidades descobriu, recentemente, o livro de registro de hóspedes do hotel em que estiveram os dois escritores, então jovens e no auge da revolução modernista. Nesse livro, todos os dados de ambos são exatos, mas a profissão está assim escrita, do próprio punho de cada um: Mário de Andrade, caixeiro-viajante; Osvald de Andrade, ventríloquo.



AUGUSTO FREDERICO

CINEAC LITERÁRIO



● Após conversa com vários escritores, de vinte a sessenta anos, chegamos à conclusão de que foram êsses os acontecimentos literários mais importantes de 1953: 1) as mortes de Eugene O'Neill, Jorge de Lima, Graciliano Ramos, Dylan Thomas e Henri Bernstein; 2) Aparecimento de «Memórias do Cárcere» e a linha de independência do livro com respeito ao Partido Comunista; 3) Publicação do «Romanceiro da Inconfidência», de Cecília Meireles; 4) Edição das poesias completas de Emílio Moura, livraria José Olímpio; 5) Retôrno do ciclo nordestino, pela valorização do cangaço, com o «Lampião», de Raquel de Queiroz, e «Os Cangaceiros», de José Lins do Rêgo; 6) Os prêmios literários distribuídos pelo Concurso do IV Centenário de S. Paulo; 7) Descoberta de uma peça inédita de Machado de Assis, pelo escritor Eugênio Gomes; 8) Inauguração do mausoléu oficial do poeta Alphonsus de Guimaraens; 9) O retôrno de Joel Silveira à literatura, na poesia como na ficção; 10) Publicação das «Memórias de um Revolucionário», de João Alberto; 11) As memórias literárias de Manuel Bandeira, «Itinerário de Passárgada», publicadas no «Jornal de Letras»; 12) A expulsão do poeta Murilo Mendes, da Espanha, por iniciativa do govêrno franquista; 13) A ruindade geral dos suplementos literários, com raras e honrosas excessões.

● Ciro dos Anjos, atualmente no México, terminou em paisagens astecas o seu novo romance, «Timóteo». O romancista mineiro pretende continuar naquele país por mais um ano, devendo depois aventurar-se pela velha Europa.

● O contista Ildeu Brandão, recatado e discreto como poucos, apesar da excelente qualidade de seus trabalhos, tem pronto o seu primeiro livro, «Tomé e a Carroça», a ser editado pelos Cadernos Cultura.

● Por ocasião do assassinato do Mahatma Ghandi, a poetisa Cecília Meireles escreveu uma ode ao grande líder do povo indu, e a enviou, em cópia datilografada, a alguns amigos. Acontece que êsses amigos divulgaram o poema, e de tal maneira o fizeram, que a ode chegou até à Índia, e lá se tornou popularíssima. Ao visitar êsse país, a autora de «Viagem» teve a enorme surprêsa de verificar que seu nome era conhecido pelos intelectuais indianos, e pronunciado com o maior respeito.



● João Etienne Filho, jornalista, contista, ensaísta, professor, poeta, técnico de basquete, já entregou à Editôra Simões os originais de seu segundo livro de poesia, «As Desesperanças».

● O desembargador mineiro Mário Matos, prefaciando um livro do poeta Antônio Avelar, «Cartas a Minha Mãe», definiu êsse autor como «uma ilha cercada de mulheres por todos os lados».

● João Camilo de Oliveira Tôrres, irmão de Luís Camilo, itabirano e ensaísta dos mais conspícuos de sua geração, acaba de concluir um livro em que demonstra a absoluta falência do sistema republicano entre nós.

● A Editôra Melhoramentos vai lançar uma coleção de obras de ficcionistas nacionais, iniciando-a com o livro de Godofredo Rangel, «Falange Gloriosa», prefaciado por Antônio Cândido.

● Saldanha Coelho, da «Revista Branca», reunirá em livro as entrevistas que fêz com escritores e professôres americanos de literatura. O título do livro será «Conversa com Americanos».

ESPELHO DE ESCRITORES

EMÍLIO MOURA — No registro civil, Emílio Guimarães Moura. Nasceu em Dores do Indaiá, província de Minas Gerais, no ano da graça de 1902, tendo, portanto, comemorado o seu cinqüentenário em 1952. E' mineiro de quatrocentos anos, no físico como no metafísico, e resume em si as qualidades e os defeitos (poucos) da grei montanhesa: a discreção, a bondade, o senso de humor, o anti-retoricismo, a lúcida sabedoria, ao lado de certa preguiça e de uma tendência a considerar o comércio humano como acontecimento de ordem exclusivamente interior (jamais escreveu cartas aos amigos, mesmo aos amigos queridos, embora saiba dedicar-lhes uma fidelidade sem limite). Aprendeu primeiras letras a retalho, em várias cidades mineiras (Bom Despacho, Carmo da Mata e Cláudio) e guarda dêsses lugares uma recordação inapagável. Teve infância feliz, em contato com os bichos da natureza e as paisagens do campo, e conserva até hoje capacidade de maravilhar-se, característica dos santos, dos poetas e das crianças. Já adolescente, mudou-se para Belo Horizonte, onde estudou primeiras letras no Ginásio Mineiro. Bacharelou-se em Direito pela Universidade de Minas Gerais e, jamais, em tempo algum, exerceu qualquer atividade jurídica. Acredita nas leis do amor, mais do que nos princípios forenses, e por isto dedicou-se sempre à criação poética, com exemplares incursões pelo jornalismo e pela burocracia, à qual até hoje se mantém fiel. Descobriu a poesia aos quinze anos de idade, lendo Cesário Verde, Antônio Nobre e Alphonsus de Guimaraens. Daí para a frente, após o mau passo inicial, nunca se libertou do demônio literário, e em sua homenagem consome as melhores meditações e as horas de maior riqueza íntima. Participou do movimento modernista, com armas e bagagens, na companhia de Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Abgar Renault, Milton Campos, Martins de Almeida e Euríalo Canabrava. Mais tarde, ao grupo se incorporaram Ciro dos Anjos e Guilhermino César e a festa tornou-se completa. A turma de modernistas mineiros, fazendo praça no «Diário de Minas», órgão literário do movimento, agitava a província com sua produção literária e seu estilo de vida, rebelado e anti-burguês. Emílio Moura, manso, mas determinado, entregou-se todo a essa experiência, e hoje é capaz de contar, dêsse período, as histórias mais engraçadas e pitorescas: o incêndio da casa de uma das musas do grupo, por ressentimento e desídia; os vastos pileques lítero-desesperados, no «Café Estrêla», na rua da Bahia; as incursões pelos arcos do Viaduto da Estação, a quarenta metros do solo; as brigas com a polícia, onde se destacava a indômita coragem do poeta Carlos Drummond de Andrade; um certo Loureiro, tipo surrealista, cuja especialidade consistia em desembarcar, da madrugada, na Praça Sete, vestido de um fabuloso «robe de chambre» oriental; o amor do líder da maioria, então estudante Gustavo Capanema, por Nietzsche e pelos autores alemães, recitados a plenos pulmões na bôca da aurora, para humilhação de todos que não sabiam alemão. Depois, os amigos foram às ilhas, e Emílio Moura ficou sòzinho



Acredita na sua vocação de habitante da província, embora fale mal dela e a considere um precário estimulante criador. Apesar da província, entretanto, tornou-se um dos poetas mais importantes do atual panorama literário brasileiro, tendo publicado os seguintes livros: «Ingenuidade», «Canto da Hora Amarga», «Cancioneiro», «O Espelho e a Musa», «Poesias», coletânea de seus livros anteriores, e «O Instante e o Eterno». Fêz crítica literária, durante algum tempo, na «Fôlha de Minas». E' professor de economia política na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Minas Gerais e alto funcionário da Secretaria da Educação. Fuma cigarro de palha, e jamais tem fósforos no bôlso. Em 1936, tirou trinta contos na loteria, e até hoje é perseguido por facadistas de todos os matizes. Por duas vêzes, foi obrigado a dispor de tôda a sua biblioteca, e isto constitui uma de suas amarguras fundamentais. Livro que mais o impressionou: o «Evangelho de S. Lucas», lido aos 16 anos. Considera Churchill o homem mais importante de nossa época, embora faça restrições à sua política conservadora. Instrumento que gostaria de tocar: piano, às segundas, quartas e sextas-feiras. Há muitos anos, teve um sério processo infeccioso na retina, e a moléstia o obrigou a estar num quarto escuro, durante seis meses: «passei a ver muita coisa», diz o poeta, referindo-se àquilo que considera a sua mais dramática experiência interior. E' desenhista excelente e escultor de primeira linha, embora só exiba os seus trabalhos plásticos aos mais íntimos. Tem quatro filhos varões, e pode ser considerado pai exemplar, uma vez que detesta o exercício indiscriminado da autoridade. Máxima que norteia sua vida: ser honesto consigo mesmo, custe o que custar. A coisa que mais lhe agrada: bater papo com dois ou três amigos, conversa mole, em tom menor. Tem mêdo pânico à oratória de todos os gêneros. Não bebe por incompetência hepática, mas tem pelo álcool o maior respeito. Acha que, depois dos quarenta, a morte é um convívio inevitável e longinquamente penoso. Freqüenta os poetas universais, federais e municipais, numa curiosidade inesgotável pelo acontecimento da poesia. Prefere o ensaio à ficção, acredita no advento da utopia e declara que o homem, ainda muito jovem, saberá encontrar por si o caminho da paz — e da sabedoria. — H.P.

Diante do Espêlho

QUE fêz você, gorda figura, no ano morto?

— Ah, o de ruim foi tudo sem querer.

As intenções de janeiro eram as melhores possíveis. Regrar a vida, metodizar o trabalho, dormir oito horas, guardar os domingos e festas de guarda, pagar as dívidas, juntar dinheiro, ler, emagrecer, estudar inglês, tirar férias, tomar banho de mar, detestar «whisky», não fazer um samba sequer e adquirir, destas coisas e apesar de tôdas elas, uma espécie de tranqüilidade a que, no norte, chamam de **tenência** (sentido de prudência, precaução e firmeza). Mas janeiro já estava contaminado pelo desacêrto de dezembro e, em fevereiro, haveria um carnaval dêsses de subir para Petrópolis, dormir no Quitandinha e esvasiar os copos em volta. Março, então, seria o mês certo para se iniciar um período de sensatez e equilíbrio. Geralmente, todos os marços são muito bonitos de sol e, nos ombros dos montes, as flores nascem em roxo, branco e vermelho. Quando é tardinha, as cigarras cantam no Jardim Botânico, a noite cobre os caminhos da Gávea, enquanto o vento fica cheirando a jasmim pela janela. Tudo muito orriativo, muito climatizante para um homem guerreiro assinar o armistício consigo mesmo. Mas, acontece que março, nos meados, é mês dos meus anos e a gente começa a se reunir com muita antecedência, tramando, conspirando e, quando vê, não fêz nada de útil ou necessário ao vôo dos pássaros. Então, chega abril, um mês um tanto ou quanto ligado ao alferes Joaquim da Silva Xavier e os primeiros dias foram propícios à inteligência do silêncio e da renúncia. Mas, depois, começou a chegar telegramas de morte de parente e, no terceiro, já estava assentado que havia fortes razões para o esmorecimento do corpo, a prática do descalabro, o serão e a bebida de rôlha. Quando entramos em maio, mês de certo sentido social pelas celebrações proletárias do mundo inteiro e, ao mesmo tempo cristão, pelas festas de Maria Virgem. Mas, abril havia sido muito amargo e sua ressaca não seria curada com um simples copo de água mineral. E, de maio, se fêz um curso de esquecimento para que as feridas se cassem, já que não seria possível uma cicatrização tão rápida. E, nisso veiu o mês de junho, um dos meses mais bêstas do ano porque se toma «quentão», em São Paulo, se diz a arrepiante palavra «vancê» em tôdas as cantigas (e quando não se diz «vancê», diz-se «sodade», que é a mesma coisa), escrevem-se versos da marca de «Rosinha tôda bonita / Com seu vestido de chita / Tôda enfeitada de fita» e ninguém, outra vez, terá doçura para fazer aquela marchinha de Noel Rosa: «E' noite de São João / O meu balão vou soltar / Balão que fiz com cartas / Daquele que não me quis amar». Enfim, além dessas virações fixas, houve a inauguração da Praça Dorival; um avião que levou do Rio os maiores **bôcas de fogo** estabelecidos nesta praça; casa, comida, bebida e paisagem, na Bahia, por conta do prefeito local e, finalmente, vontade de não sair nunca mais de lá, porque o mar, em relação aos brios do homem, estava de um azul francamente aviltante. Ficou tudo para julho. Mas, julho, vocês sabem como é: a gente fica naquela coisa de pensar que o tempo está andando muito depressa, porque já se comeu uma metade do ano. Adquire-se certa noção de uma velhice temporária, que dá um pouco nos nervos e, como as noites são geralmente frias, bebe-se. Depois agôsto, com os seus bruxedos, uma **sexta-feira** 13 de vez em quando e a data que, não sei por que, é da maior importância para mim (11), dia da Fundação dos Cursos Jurídicos no Brasil. Foi quando apareceu o pior setembro de todos os tempos! Prejuízos de dinheiro, carteira perdida na rua, falta dágua, família em casa doente, apreensões de tôdas as espécies, faturamento menor, vencimento de letras, o diabo. Então, o que fazer de outubro e novembro? Não adiantava mais nada. Chegou dezembro, o senhor Rubem Braga, que estava no Espírito Santo (de onde nunca devera ter saído), começou a perpretar telefonemas que me tiravam da minha casa e dos meus propósitos e, quando eu vi, não tinha juntado dinheiro, que não tinha lido, não tinha emagrecidd, não tinha estudado inglês, não tinha tirado férias, não tinha detestado «whisky» e os desgostos das tarefas incumpridas pesava em minhas pálpebras como as ressacas de Gardenal.

— Ah, «seu» Espelho, estou com tanta vergonha da minha cara.

— Toma tenência, figurinha.

Desenho de DAREL

ANTÔNIO MARIA

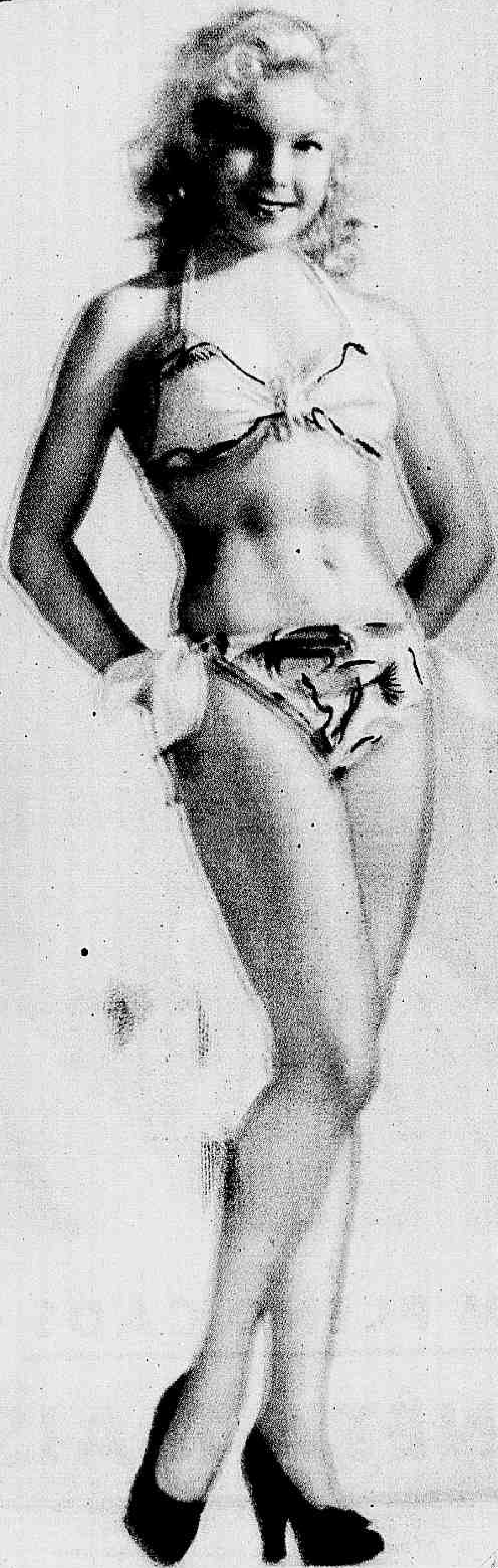

UM
MARÇO
R
MAIO
DE
S
OUTUBRO
JANEIRO
FEVEREIRO
ABRIL
JUNHO
SETEMBRO

MALÍCIA, graça, uma certa agilidade, meio airosa, de asa ou sêda ao vento, assim são as francesas. E mais, ainda, um corpo escultural, de formas delicadas porém imperativas — e de todo êsse conjunto se desprendendo, contagiante e irresistível, o mais real "sex-appeal". Na constelação principal do cinema internacional, a França contribui, sem dúvida alguma, com algumas das mais fulgurantes "estrêlas" — desde a terna Danielle Darrieux, que os anos não vencem, até a luminosa Martine Carol, que agora as platéias do mundo inteiro estão aplaudindo, cada dia com mais fervor. Aqui nesta página tentamos resumir o formidável espetáculo que é o cinema francês de hoje no que êle tem de mais afirmativo e atraente: a beleza e a graça de suas mulheres.





Nesta página: ao alto, Leslie Caron, a grande revelação de 53: meiga, de feiura tão bonitinha, a namorada com que todo mundo sonha; ao lado, Martine Carol, sensualismo e malícia, já provou que é uma grande comediante. Vamos vê-la dentro em breve no seu filme de mais sensação: «Lucrécia Bórgia», no qual ela aparece num banho de mexer com os nervos mais resistentes.







AS FRANCESAS

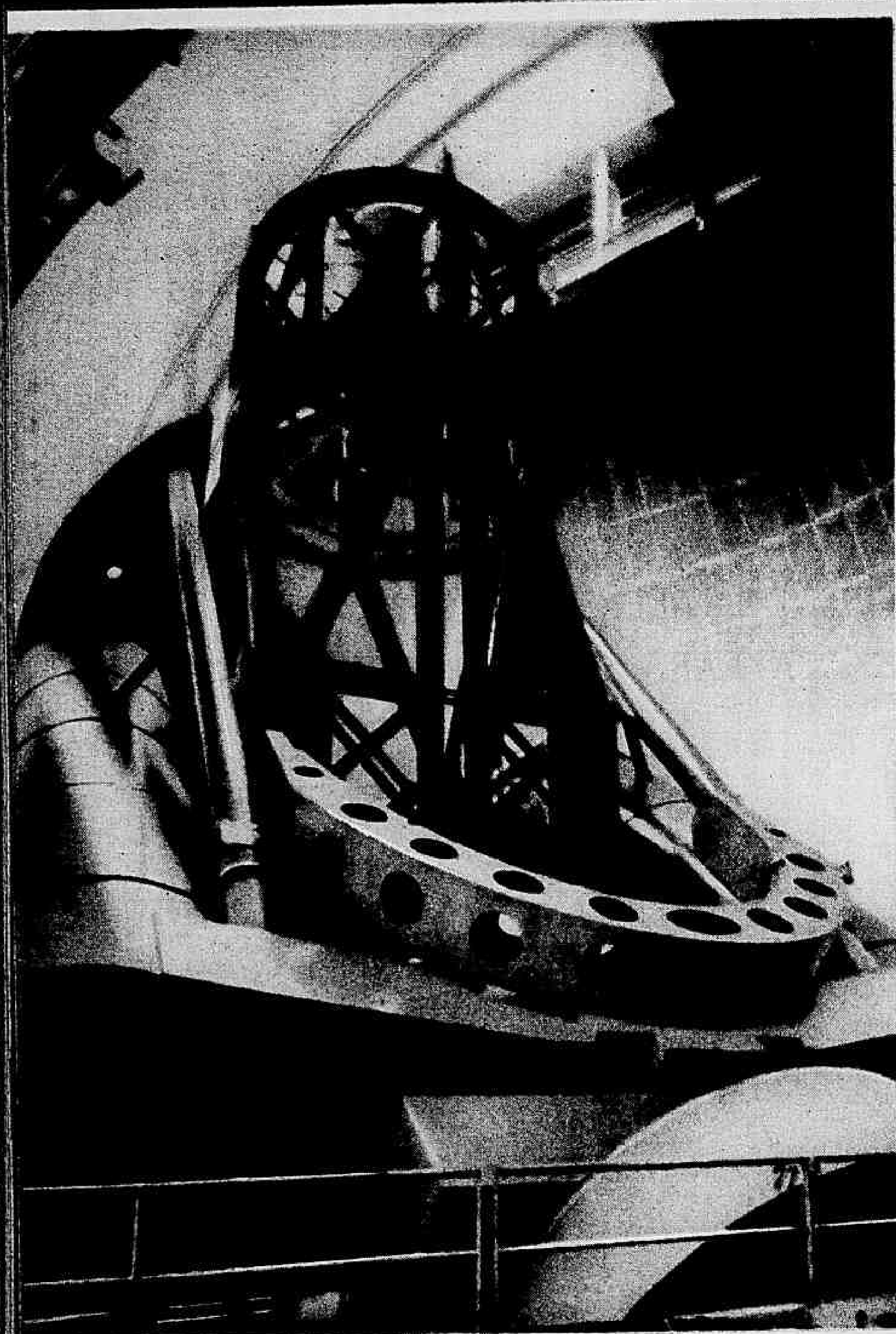
BOA DOSAGEM DE TALENTO E FORMOSURA, A FÓRMULA EXATA PARA O BOM «SEX-APPEAL»

Fotos FRANÇA FILMES



A menina ao alto, à esquerda, é Cecile Aubry, já conquistada por Hollywood. À direita, a magnífica Françoise Arnoul, que tão sensacionalmente apareceu em «Tormentos do Amor». Na foto aqui ao lado, mais uma vez Martine Carol, numa cena de «Lucrécia Bórgia».





Pode-se calcular [illegible] progresso [illegible] no [illegible]tudo dos planêtas, com[illegible]ando o telescópio do Observ[illegible] da Califórnia à foto [illegible] no ano de [illegible] [illegible]tanto, foi através dêsse [illegible] telescópio que [illegible] [illegible]rtantes e utilíssimas [illegible] que até os dias [illegible] [illegible] servem de base para [illegible]



AINDA EM PLENO CAOS

O PLANÊTA MAIS

● De todos os planêtas do nosso sistema, sem dúvida Marte é o que mais curiosidade desperta. A maioria das pessoas julga-o também o nosso vizinho mais próximo. Mas o fato é que, mesmo em condições excepcionais, a sua distância da Terra nunca é de menos de 50.000.000 de quilômetros, ao passo que Vênus pode diminuir de 42 milhões de quilômetros a sua distância do nosso globo.

A razão da maior «popularidade» de Marte explica-se no fato de, além de ser aquêle planêta o favorito dos autores de ficção do espaço, é também um mundo relativamente conhecido, cujos elementos característicos já puderam ser estabelecidos por astrônomos, que dêle fizeram vários mapas. Vênus, ao contrário, é um planêta pràticamente desconhecida. Uma espêssa atmosfera, carregada de vapores encobre-lhe a superfície, transformando-o em uma massa leitosa sob a qual reina o mistério.

As dimensões de Vênus são quase idênticas às da Terra, pois tem um raio de extensão de 6.150 quilômetros contra os 6.370 do nosso planêta. A densidade atmosférica também é bastante semelhante.

Em razão de suas dimensões um pouco mais reduzidas e densidade mais fraca, calcula-se que o pêso na superfície de Vênus atinja 88% do pêso da Terra. Isto significa que, se objetos terrestres fôssem transportados para a superfície daquele planêta, perderiam cêrca de 10% do seu pêso, e o «homem médio» de 70 quilos passaria a pesar uns 62 quilos.

Outra semelhança importante entre os dois planêtas é a chamada «rapidez de liberação», de que se fala tanto nestes últimos tempos por causa de projéteis interplanetários, que precisariam ser libertados da atração da Terra para poder viajar através do espaço. A rapidez de liberação da atração venusiana é avaliada em 10 quilômetros por segundo, e a do nosso globo é de 11,2 quilômetros por segundo.

Apesar de não conhecer em seus detalhes o solo de Vênus, em virtude da atmosfera leitosa que o envolve, os astrônomos, graças ao emprêgo do ultra-violeta, já conseguiram vários dados sôbre o assunto.

As
idéi
um
cand
No
sões
geto
natu
tese
ma,
fície
de
A
port
o S
das
tórr
noit
con
esto
de



S

IS MISTERIOSO DO SISTEMA SOLAR

MAIS JOVEM DO QUE A TERRA, VÊNUS AINDA LUTA CONTRA UM MUNDO GASOSO E IRRESPIRÁVEL ★ UMA IMENSA MASSA SINUOSA E CONFUSA, COM MONTANHAS DE QUILÔMETROS.

As fotografias de Vênus em ultra-violeta permitiram se ter uma idéia do conjunto que deve ser o seu solo. Por um lado, distingue-se um certo número de tiras escuras paralelas, comparáveis a imensos canais, e por outro lado, manchas brilhantes.

Na opinião de vários astrônomos, Vênus possuiria vastas extensões sombrias, semelhantes aos «mares» da Lua ou às zonas de «vegetação» de Marte. No entanto, ainda é cedo para se determinar a natureza exata das tiras escuras, mas não se deve suprimir a hipótese de uma vegetação tropical, ou talvez oceano. De qualquer forma, sendo Vênus um planêta mais jovem do que a Terra, sua superfície deve ser extremamente acidentada, e correspondente ao estágio de mutação do nosso globo no limiar das eras geológicas.

A questão da rotação própria de Vênus é um problema da maior importância física. Com efeito, se apresentasse sempre a mesma face para o Sol, as condições atmosféricas de Vênus seriam muito diferentes das da Terra, pois uma face estaria sempre condenada a um calor tórrido ao passo que a outra viveria perpètuamente mergulhada na noite e no frio. Mas, desde o século passado, a ciência chegou à conclusão que Vênus possui rotação própria. Julgava-se, porém, que esta fôsse igual à da Terra, atribuindo-lhe assim a mesma duração de 24 horas.

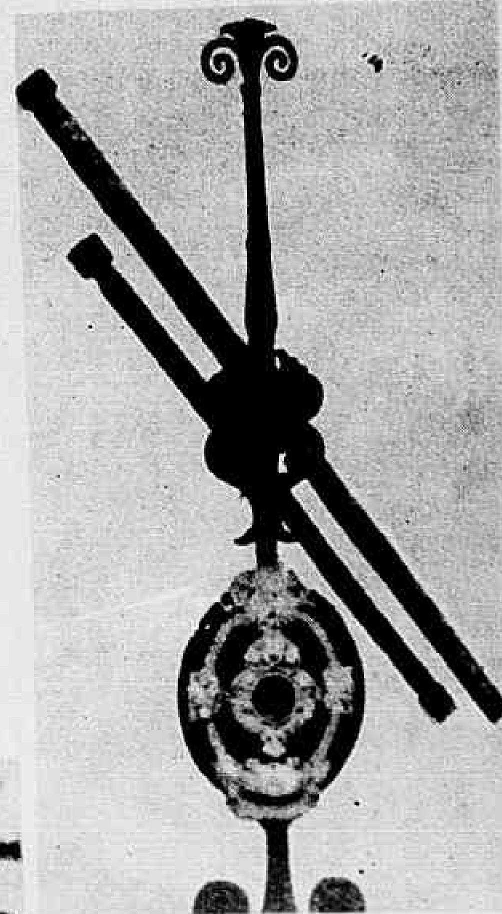
Hoje em dia, a maioria dos astrônomos é de opinião que a rotação de Vênus é muito mais lenta e que o planêta gira sôbre si mesmo em 30 dias-Terra. Por êstes cálculos, um dia venusiano seria equivalente ao nosso mês terrestre.

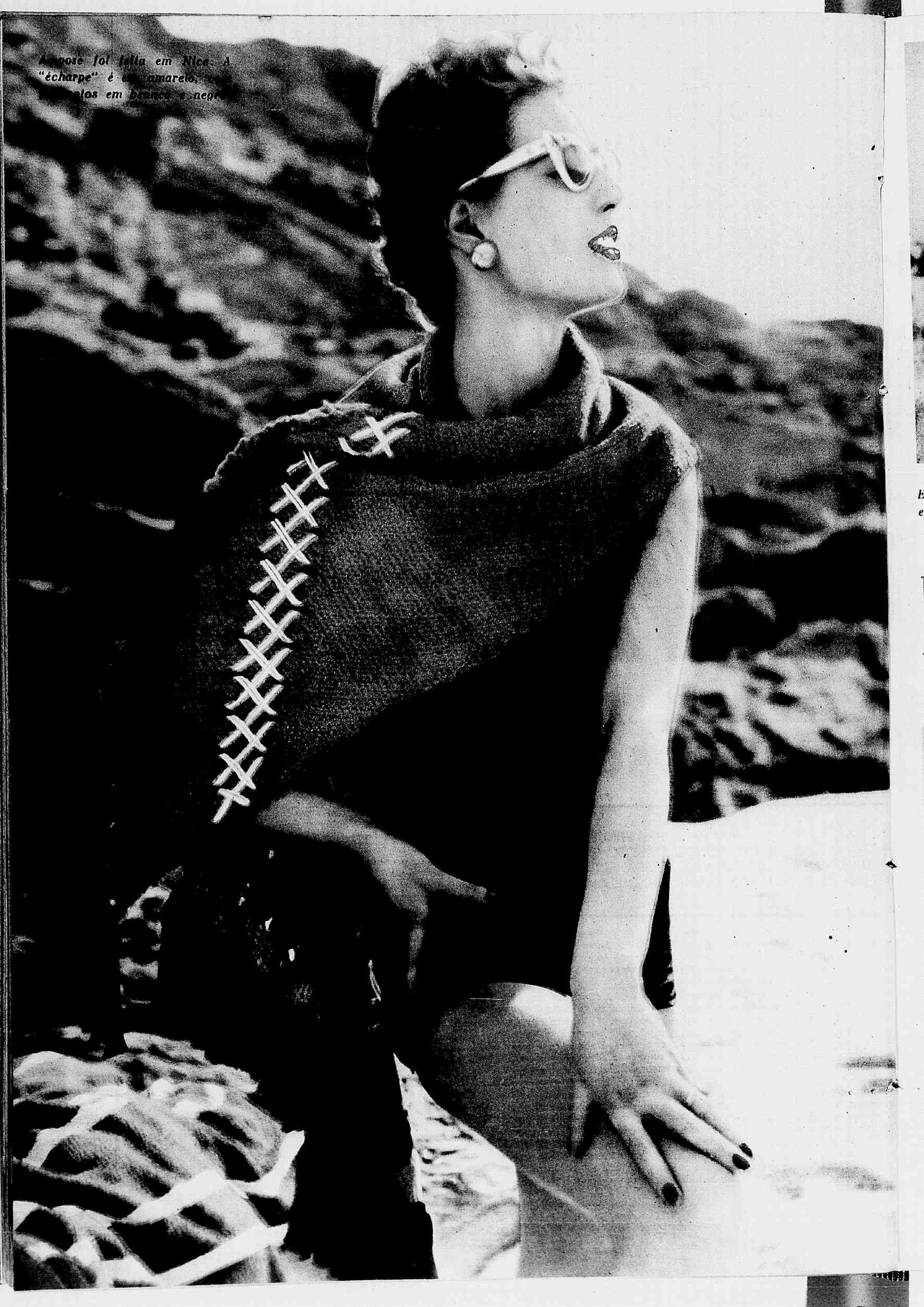
O relêvo do solo de Vênus continua a ser motivo das discussões mais complexas. No entanto, é de se supor que o seu solo deva ser muito acidentado, o que seria normal, pois Vênus representa um mundo apenas saído do caos.

Esta tese é baseada em um argumento bastante sólido: estuaando-se as «fases» de Vênus quando o planêta se encontra no melhor período de observação, percebe-se que a sua sombra não é nìtidamente delineada, como seria o caso se se tratasse de um corpo rigorosamente esférico.

A Terra, no curso da sua longa história geológica, terá ela um dia passado pelo estágio venusiano? Tal suposição é bastante plausível, mas não implica em absoluto que Vênus, por sua vez, esteja a ponto de entrar em etapas de evolução idênticas às que se processaram na Terra.

A medida que progride a astronomia, cada vez mais percebemos as diferenças entre o nosso mundo e os que nos cercam, de forma que seria inteiramente descabido transpor para outro planêta as nossas concepções terrestres.





A pose foi feita em Nice. A "écharpe" é em amarelo, [illegible]ntos em branco e negro.



Em malha de algodão grossa. Listras verdes e brancas. Chapéu de palha estilo "coolie".

PRAIA



Blusa tricotada, em linha grossa de algodão, com franjas marinho na pala do decote.



Bolero em linha de algodão grosso. As franjas e os pespontos em vermelho e verde.

● O verão vai transcorrendo lentamente. Dias após dia você dá um pulo até a praia para o seu banho de mar e de sol. Aos poucos vai-se cansando de seus maiôs e shorts, à fôrça de repeti-los sempre... também não é possível nem justificável que possua mais maiôs e saídas de praia do que aquelas que já tem. E' então que surgem os acessórios de praia, para dar uma nota graciosa, aos domingos, por exemplo, quando seu grupo de praia se torna maior, com a presença dos amigos que não se podem permitir êsse prazer durante a semana; em alguma ocasião especial; ou, simplesmente, para satisfazer sua vontade de variar. Chapéus, sapatos, óculos, boleros, echarpes, bôlsas... há um campo imenso onde trabalha a imaginação dos criadores dos acessórios de praia. Êste ano, estão muito em moda as bôlsas e chapéus em palha fantasia, às vêzes enfeitados com flores ou frutos plásticos; em matéria de abrigos, aquêles tricotados em grossa linha de algodão são muito bonitos, principalmente quando se combina tonalidades bem contrastantes em franjas, bordados ou vivos. As sugestões que apresentamos constituem as últimas novidades, que vimos nas praias européias e norte-americanas. As últimas e as mais graciosas. — FLAMA.



Week-end na Cozinha

Caso você já tenha se esquecido, aqui vão algumas receitas de sorvete do "tempo antigo". — *TIA DULCE*



● Quando eu era criança, a vida tomava um aspecto maravilhoso todos os domingos, na hora em que fazíamos o nosso sorvete de creme especial. Na época dos morangos, bem vermelhos e doces, o sorvete era de creme com morangos, o que, para uma criança como eu, era quase como ganhar o céu. Em outras ocasiões temperávamos o sorvete com açúcar queimado, o que nos dava uma espécie de sorvete de caramelo. A espectativa começava quando meu pai trazia para fora a sorveteira. Ao voltar da missa, parava para comprar uma barra de gêlo com 10 a 12 quilos de pêso, que êle punha dentro de um saco bem grosso e começava a quebrar com a machadinha. Enquanto isso, minha mãe misturava os ingredientes e punha dentro da lata. Vinha, então, a vez do batedor e, em seguida, a tampa. Colocava-se, finalmente, a lata dentro da sorveteira e prendia-se no lugar com a manivela. Só faltavam as camadas de gêlo, o sal em volta da lata, e o trabalho de rodar a manivela. Enquanto ainda estava macio, meu irmão e eu fazíamos o serviço, depois que começava a endurecer meu pai vinha substituir-nos, e um de nós se sentava em cima da sorveteira, protegido por um saco bem dobrado — fazendo pêso, para firmá-la no lugar. A maior delícia era quando o sorvete já estava pronto e lutávamos pelo privilégio de lamber o batedor.

● Tôdas essas lembranças me vieram à memória reavivadas por um amigo que comprou outro dia uma dessas antigas sorveteiras. Sendo louco por sorvete, não conseguiu, no entanto, descobrir como se devia proceder para preparar um verdadeiro sorvete à moda antiga. Procurando auxiliá-lo aqui vão algumas instruções: em primeiro lugar,



precisa conseguir uma quantidade de sal suficiente para manter a sorveteira bem gelada. O sal pode ser de qualquer tipo, refinado ou não, mas deve pesar 1/5 do pêso do gêlo. Isso quer dizer que: para 5 quilos de gêlo, deve-se pôr 1 quilo de sal. Quebre o gêlo em pedacinhos, dentro de um saco. Não encha a lata acima de seus 3/4, pois, quando gela, o sorvete aumenta de volume. Prenda a lata dentro da sorveteira, coloque a manivela e vá alternando, em volta, as camadas de gêlo e de sal. Encha até o alto da lata e mais até. Vire a manivela devagar nos primeiros cinco minutos. Quando o sorvete começar a adquirir consistência mais pastosa pode-se então virar a manivela mais depressa. Não escorra a água salgada enquanto o sorvete não gelar completamente, pois é a água salgada que faz com que êle gele. Quando estiver pronto, isto é, quando você não conseguir mais rodar a manivela, deixe escorrer a água pela abertura do lado, tire a manivela e, em seguida, o batedor. Coloque um pedaço de papel encerado sôbre a abertura da lata. Feche o buraco da tampa com uma rôlha, e tampe novamente a lata. Torne a armar a sorveteira, usando uma proporção de 4 medidas de gêlo para uma de sal. Encha até o alto da lata. Se conseguir, deixe, assim, durante uma hora ou duas. Nós nunca pudemos esperar tanto tempo!...

● AQUI DAREI uma receita muito antiga de **sorvete de creme**, mas que dificilmente poderia ser ultrapassada. Esquente um litro e meio de leite em banho-maria, com o fogo bem brando. Misture uma xícara e meia de açúcar com 3/8 de xícara de farinha de trigo e meia colher de chá de sal. Bata depois 3 ovos, muito bem batidos, e junte à mistura de farinha e açúcar. Mexa até ficar cremoso. Derrame bem devagar dentro do leite quente, mexendo o tempo todo, e deixe cozinhar durante uns 25 ou 30 minutos. Tire do fogo para esfriar. Quando estiver bem frio junte um litro de creme de leite e uma e meia colheres de chá de baunilha. Coe tudo, e não se esqueça de que a lata só deve ficar cheia até 3/4 de sua capacidade. Gele conforme as instruções acima.

● PARA FAZER um bom **sorvete de chocolate**, derreta 150 gramas de chocolate amargo e junte à mistura de creme que foi ao fogo, de acôrdo com a receita acima. Se você não estiver disposta a usar uma sorveteira antiga, pode também fazer ótimos sorvetes na geladeira. Ponha o graduador de temperatura no ponto mais frio, antes de começar a preparar o sorvete. Veja que o fundo da bandeijinha de sorvete não esteja úmido, antes de colocá-la no lugar, pois assim ela se prenderá à prateleira do congelador. Quando a mistura estiver suficientemente gelada, vire o graduador de temperaturas para um ponto entre frio e o normal. Quando a receita básica estiver cremosa, tire da geladeira, coloque numa tijela gelada e bata com um batedor rotativo, manual ou elétrico, juntando, em seguida, um pouco de creme batido ou algumas claras também batidas. Bata até ficar bem firme.



● SE VOCÊ quiser continuar tentando novas receitas, aqui damos uma ótima para começar, que é o **sorvete de creme com nozes**: esquente duas xícaras de leite em banho-maria. Misture uma colher de sopa de farinha de trigo, com uma xícara de açúcar e um quarto de colher de chá de sal. Bata ligeiramente duas gemas de ôvo, e junte à mistura de farinha de trigo e açúcar. Bata bem, até ficar fofa. Aos poucos, derrame por cima o leite quente, mexendo sem parar. Ponha de novo em banho-maria e deixe cozinhar durante uns 10 minutos, sem parar de mexer. Tire do fogo, e junte um litro de creme de leite, uma colher de chá de estrato de amêndoas, e uma de chá de baunilha, uma colher de chá de estrato de amêndoas, e uma xícara de nozes bem picadas. Coloque na bandeijinha de sorvete do congelador e deixe endurecer completamente. Retire para uma tijela gelada, e bata até ficar bem fofo e cremoso. Ponha novamente no congelador e deixe endurecer.

DÊ À SUA CUTIS O TRATAMENTO QUE ELA MERECE

ANTISARDINA



ANTISARDINA N.º 1

O CREME PERFEITO PARA UMA «MAQUILLAGE» PERFEITA

ANTISARDINA renova as células gastas da epiderme, protege as células novas, restitui à pele cansada, ou prematuramente envelhecida, sua normal elasticidade, limpando-a de sardas, espinhas, manchas, rugas, panos, etc. ANTISARDINA é um creme de beleza CIENTIFICAMENTE preparado com ingredientes rigorosamente selecionados.

ANTISARDINA — LISOBARBA — CABELOSAN — ANTI



POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL





QUER SER ESCRITOR?

Livro indispensável aos que desejam iniciar-se na Literatura nacional.

★

Em tôdas as livrarias e pelo Reembôlso Postal, Editorial Andes, Largo da Carioca, 11 — Rio de Janeiro.

Preço: Cr$ 50,00.

"AMARALINA"

Tônico Amaralina Capilar

TÔNICO CAPILAR

(O famoso tônico capilar descoberto e industrializado na Bahia)

Já se encontra à venda em tôdas as farmácias, drogarias e perfumarias. Se, entretanto, não existe na cidade, não perca tempo, pedindo imediatamente pelo Reembôlso Postal — O preço de "AMARALINA" é, em qualquer parte do Brasil, de Cr$ 35,00 e pelo Reembôlso Postal custa Cr$ 45,00, livre de porte.

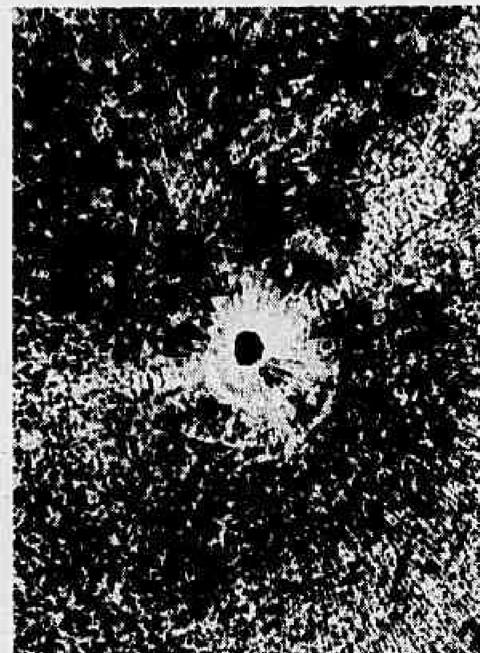
"AMARALINA", certeza absoluta de que os cabelos tornarão a nascer. Na paralisação da queda de cabelos é francamente extraordinário êste produto descoberto por brasileiro e fabricado com erva nacional. Centenas de pessoas atestam suas nunca igualadas qualidades.

Pedidos a **M. M. BURLE & CIA. LTDA.**
AVENIDA RIO BRANCO, 137 — SALA 616

OS PEDIDOS PARA O DISTRITO FEDERAL DEVERÃO SER DADOS PELOS TELEFONES: 32-9415 e 32-9309

Puxe pelo CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES



1 A figura aqui reproduzida é:

— Paisagem lunar?
— O orifício de uma bala numa janela?
— Fragmento de asa de borboleta aumentado mil vêzes?

2 Qual o lugar em que mais se encontra o bacilo do tétano:

— A margem dos rios?
— Nas cocheiras?
— Nos troncos de bananeiras?

3 Qual dêstes animais fornece a tinta chamada «sépia»:

— O polvo?
— O Canguru?
— A tartaruga do Amazonas?

4 Em que Estado do Brasil se encontra a cidade de Itaqui:

— Mato Grosso?
— Rio Grande do Sul?
— São Paulo?

5 De quem é esta frase: «É preferível ter amado e perdido, do que nunca ter amado»:

— Goethe?
— Sthendal?
— Alfred Tennyson?

6 Que vem a ser «Guaraci» na língua guarani:

— O Sol?
— O bom espírito?
— Estrangeiro?

7 De que escritor é a obra «A Estética da Vida»:

— Coelho Neto?
— José de Alencar?
— Graça Aranha?

8 A quem devemos a formação artística do Brasil:

— A D. Pedro II?
— A D. Pedro I?
— A D. João VI?

9 Qual destas cidades é considerada «a Capital do Mundo», nas Artes, nas Letras e na Elegância:

— Paris?
— Nova York?
— Londres?

10 Qual dêstes palácios o que possui uma porta de ouro maciço, única no mundo inteiro:

— O de Versailles?
— O do Rei da Tailândia?
— O do Papa?

11 Por que motivo se tornou famoso no mundo inteiro um cidadão de nome Eugene Sandow:

— Por ter assassinado um rei?
— Por ter atravessado a Mancha a nado?
— Pela sua fôrça física, a maior do século?

12 Em qual dêstes lugares apareceu o Anjo Gabriel a Maomé:

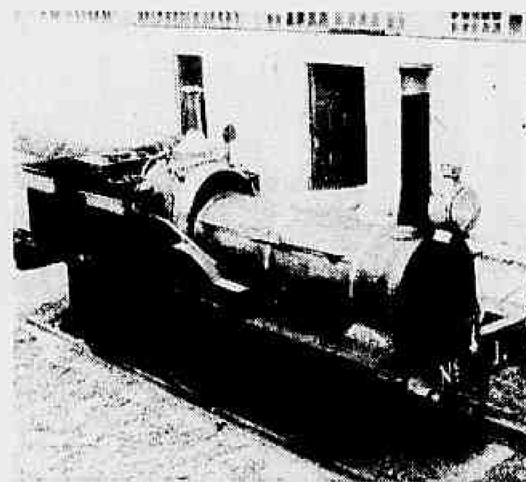
— No Monte Hira?
— No lago de Genesaré?
— Na cidade de Medina?

13 Qual o terceiro relógio do mundo, em tamanho:

— O da tôrre da E. F. Central do Brasil, no Rio?
— O da cidade de Nova Jersey?
— O de Malenes, na Bélgica?

14 Quantos litros de água contém um organismo normal, humano:

— Doze?
— Oito e meio?
— Quarenta?



15 Esta locomotiva, batizada com o nome de «Baronesa», foi a primeira da:

— E. F. Central do Brasil?
— Leopoldina?
— Rêde Mineira de Viação?

(Respostas na página 40)

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa.

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as ÁGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de «Piscina do Boi», «Cascatinha dos Amôres», «Fonte Antiga», «Fazenda das Carpas», «Fazenda Retiro», «Fonte do Paiol», **«Fonte Vilena»**, «Pedra Balão» e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.

★

O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.

★

COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

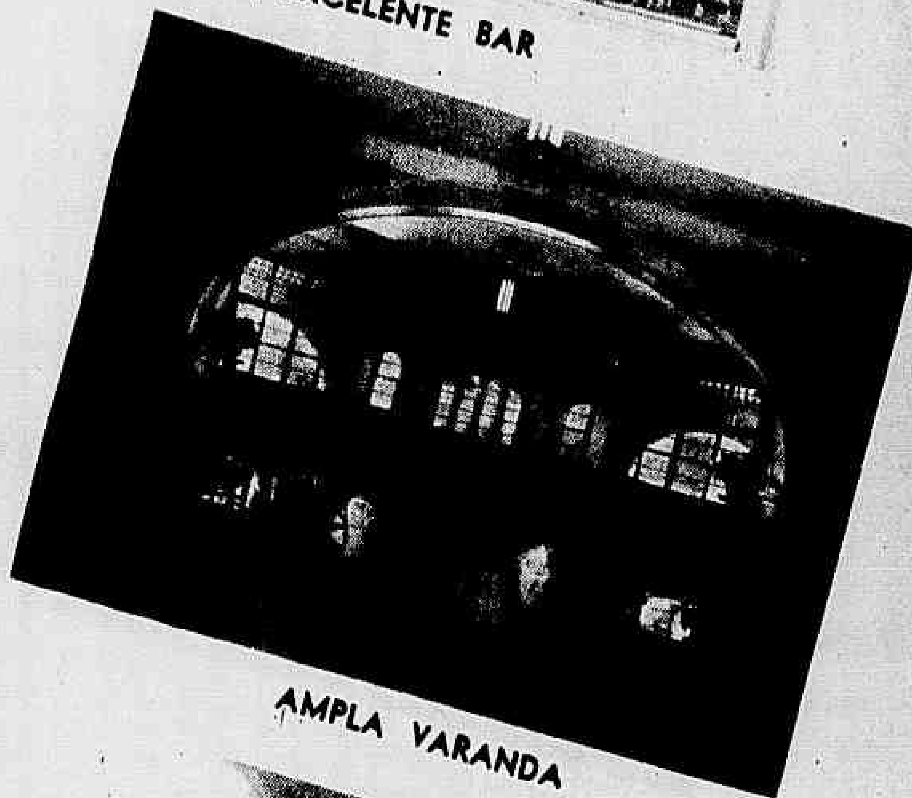
★

RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Águas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelo telefone nº 20. Até 30 de dezembro 20% de desconto nos preços da tabela. AGUAS DA PRATA é servida pela magnífica Emprêsa de ônibus VIAÇAO COMETA S. A., que circula por centenas de cidades do país e que mantém 10 ônibus diários para São Paulo.



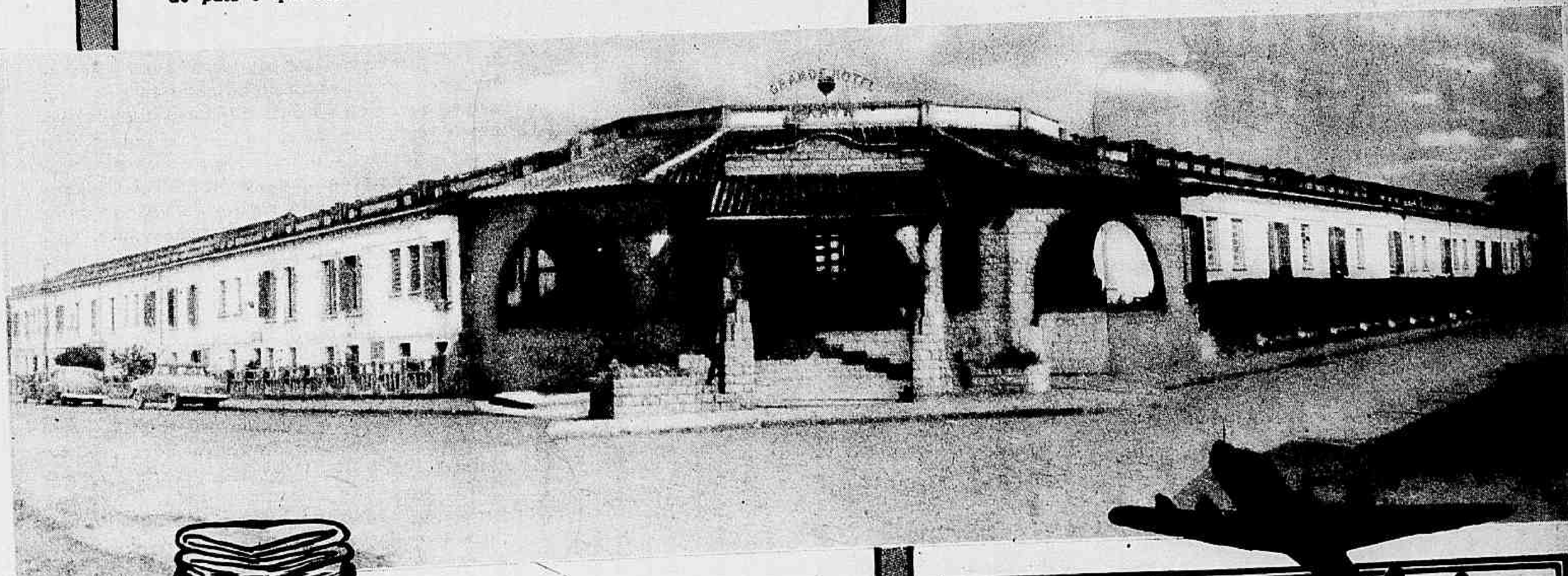
EXCELENTE BAR

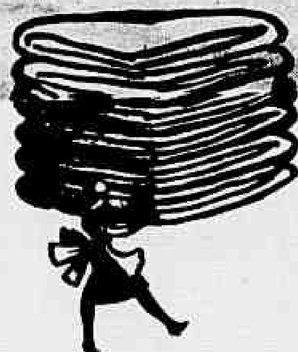


AMPLA VARANDA



SALÃO DE REFEIÇÕES





ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

«A VICHY BRASILEIRA»

AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Calda — via São Paulo
★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte

(do aeroporto a Águas da Prata 30 minutos de automóvel)

● **MAIS UMA QUE FOI À RÚSSIA**

O caso começou com um convite do embaixador russo, Ivanovitch Avolov:

— Dar-nos-ia muito prazer visitando nosso país...

O convite foi feito à ex-embaixadora americana no Luxemburgo, sra. Perla Mesta — que além dêsse título possui outros: como o de ter uma residência freqüentada pelos mais altos personagens da política norte-americana, como Truman e Eisenhower; e de ser uma mulher inteligente e elegante... Na hora de obter o visto, porém, só conseguiu um para si mesma... não, não poderia levar secretário, teria que ir só. Deixou Londres em 10 de junho passado, via Helsinki, num Dakota bimotor e já está de volta contando suas impressões, a primeira das quais é que os táxis em Moscou cobram um absurdo!



● **OUTRA, QUE ENTROU PARA UM CONVENTO**

Já que estamos falando de Rússia, lembra-se daquela professôra que em 1948 se jogou da janela da embaixada soviética em Washington? Chamava-se Oksana Kosenkina e fugia, assim, da opressão russa. Pois, Oksana se converteu ao catolicismo de rito bizantino, e agora diz que entrará brevemente para um convento. Parece que a vocação de Oksana não visa publicidade, não.



● **O CUSTO DE VIDA**

A vida vai-se tornando cada dia mais cara... ouve-se isso em tôda parte, a todo instante. Querem saber de quanto subiu o custo das utilidades, necessárias para se viver, no último ano? Vejamos os dados fornecidos pelos Departamentos de Estatística dos Estados, em 1953. No Distrito Federal a vida, nesse último ano, ficou 1/4 mais cara e, em São Paulo cêrca de 1/5, assim como no Recife. Onde subiu mais, porém, foi em Curitiba, em Pôrto Alegre, e no Pará, onde tudo foi acrescido de mais de 1/3 de seu preço... São dados concretos e dispensam maiores comentários.



● **O VÉU DA NOIVA**

A agilidade de um noivo, na Inglaterra, foi posta à prova, logo que terminou o casamento na Igreja. O vento, que a princípio soprava forte, foi, pouco a pouco, aumentando, a tal ponto que fêz voar o véu da noiva, arrancando-o de sua cabeça, apesar dos esforços desesperados que ela fazia para conservá-lo. Os convidados acharam o episódio divertido e a noiva ficou sem jeito de ir para o banquete nupcial sem o véu. Mas, o espôso foi logo em socorro de sua mulher, ajudando-a nessa sua primeira dificuldade, como manda o Evangelho. Tirou o paletó, e foi buscar o véu, que tinha-se agarrado ao telhado da igreja. E tudo acabou bem, com êsse seu gesto de perfeito cavalheiro.

● **O SUBSTITUTO DE TOWNSEND**

O real ou suposto romance de amor entre a princesa Margaret e o capitão Townsend, escudeiro da rainha, acabou determinando a substituição dêste, como é do conhecimento de todos. Para fazer calar a imprensa e os comentários, êle foi mandado para longe. O substituto é Lord Claude Hamilton, que pertence a uma ilustre família da Grã-Bretanha. Desta vez, porém, a rainha tomou suas providências para que o nôvo escudeiro não fôsse causa de mais rumores escandalosos, na côrte da Inglaterra: Lord Hamilton tem 64 anos, já completos.

● **UTILIZAÇÃO DAS MEIAS VELHAS...**

As fábricas de discos de todo o mundo estão muito interessadas na compra de meias velhas, para com elas preparar a matéria-prima com que fazem os discos de «long playing». As meias de «nylon» são derretidas num calor muito forte e transformam-se, assim, numa pasta com que são moldados os discos. Como dizia o velho sábio Lavoisier, dos nossos tempos de ginásio: «nada se perde, tudo se transforma»...

● **AS NORTE-AMERICANAS E AS PROFISSÕES LIBERAIS**

Pouco a pouco, e cada dia mais, as norte-americanas vão-se dedicando às profissões liberais... Recentemente, uma estatística dava um apanhado das mulheres que exercem «de fato» alguma profissão liberal: jornalistas — 30.000; médicas — 11.000; engenheiras — 7.000; advogadas — 6.000.

Lígia Junqueira

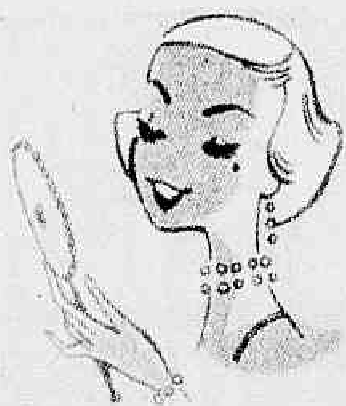
Sugestão para o lar



A cana da Índia constitui material fácil de se adaptar a tôdas as formas, dobrada em curvas graciosas ou ângulos bem agudos. Por isso, presta-se maravilhosamente à confecção de móveis originais, que, além disso, têm a vantagem de serem leves, pouco custosos e de fácil limpeza. Saindo os modelos já tradicionais em cana da Índia, os decoradores têm conseguido variações bem interessantes, inspiradas nas concepções mais modernas sôbre mobiliário. A ilustração, uma criação de Bradston Rattan, exemplifica o que foi afirmado.

● **Os dois sofás — para duas pessoas — são confortáveis e formam um bonito conjunto com a mesinha de canto. Para melhor efeito, a cana da Índia foi pintada, nesse modêlo, com fina camada branca. As almofadas, com fundo cinza, são estampadas em vários tons de verde, com um pouco de branco aqui e ali. O reposteiro, que serve de fundo ao grupo, é confeccionado em finíssima esteirinha, também branca. Provàvelmente, você não encontrará uma esteirinha com tais dimensões, nem tão fina — substitua por um reposteiro formado com rêde de pesca, que ficará ainda mais bonita a sua sala. — N i k e.**

UM POUCO DE Beleza



BRAÇOS BELOS

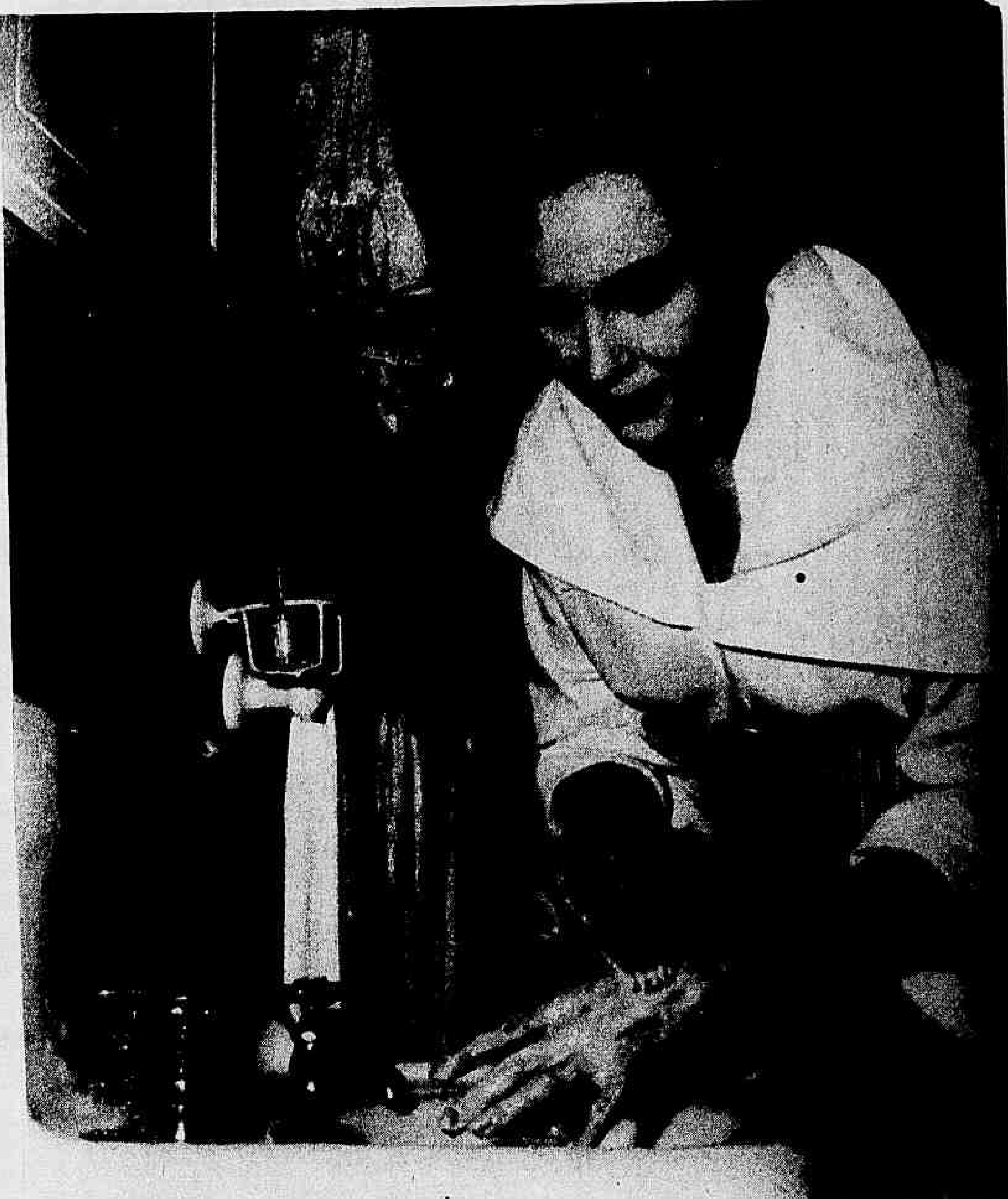
Eis um programa que você deverá seguir se quer ter belos braços:

1 — Cada vez que usar loção para as mãos, aproveite a ocasião e faça também uma massagem nos seus braços, com a mesma. Para suavizar a pele use sempre um creme evanescente. Uma fricção diária com o caldo de meio limão, executada vagarosamente, mas com segurança, ajudará a branqueá-los.

2 — Esfregue pedra pomes nos cotovelos, junto com espuma de sabão. Êles se tornarão lisos e macios. A maioria dos cotovelos necessitam dêsse tratamento de beleza.

3 — Quanto aos enfeites que poderão contribuir para realçar os seus braços: braceletes de ouro ou de prata ficam lindos nos pulsos finos e delicados; se tem os braços muito arredondados, use uma corrente fina e estreita, com pedras reluzentes; a não ser quando em côres fortes demais, as luvas compridas enfeitam qualquer braço, use-as com suas tualetes de cerimônia ou a rigor; as mangas justas não assentam em braços gordos, pois comprimem a carne, pondo a gordura muito mais a mostra!. — Júlia de Milo.





Mãos macias

Para que suas mãos sejam macias e tenham sempre uma aparência bem cuidada é preciso que estejam sempre limpas. Depois de ter usado as mãos em qualquer serviço, lave-as com água e sabão, usando uma escovinha macia para esfregá-las. Depois passe uma boa loção para as mãos. Se você trabalha fora de casa — no escritório ou numa loja — tenha em sua gaveta um vidrinho de sua loção preferida, para as mãos, e aplique-a ao menos duas vêzes por dia. A dona de casa poderá ter um vidro na cozinha e outro no banheiro, para passar nas mãos sempre que lavá-las. Se suas mãos são muito ásperas e sêcas, faça uma massagem com óleo môrno. Esfregue-as delicadamente, e depois faça a massagem levantando-as, e com movimentos de cima para baixo, em direção aos pulsos. Para branqueá-las, use o caldo de meio limão, como foi recomendado para os braços.

CASPA — **O melhor meio de se evitar a caspa é lavar sempre a cabeça com um bom xampu e deixar secar os cabelos ao sol e ao ar livre. O xampu deverá ser aplicado com uma boa massagem. Às vêzes, em vez de caspa, aparece no couro cabeludo uma substância sêca e branca. Isso é sinal de que precisa de cuidar de sua saúde, e, provàvelmente, mudar sua alimentação. Procure um médico e peça conselho.**

EXPERIMENTE ESTA GINÁSTICA

● Para fortificar os músculos laterais das pernas, das cadeiras, do busto e do peito, execute êste exercício, demonstrado por Aileen Stanley, da Warner: sente-se de lado, sôbre uma almofada, quase deitada, apoiando-se num dos braços. Depois levante uma das pernas e o braço do mesmo lado, como mostra a foto. Repita a ginástica — ora de um lado, ora do outro — umas 10 vêzes para começar, e vá aumentando o número de vêzes todos os dias, até 30 vêzes.

GRANDE CONCURSO

ÁLBUM REVISTA DA SEMANA

SORTEIO DE NATAL

CONFORME o resultado da extração da Loteria Federal de Natal de 1953, verificada na quarta-feira, 23 de dezembro, estão premiados os ÁLBUNS que contiverem os seguintes números:

23.763 — 1º prêmio, um aparelho TV, 25 mil cruzeiros.

63.463 — 2º prêmio, terreno no valor de 20 mil cruzeiros.

63.189 — 3º prêmio, uma máquina de escrever, 6 mil cruzeiros.

89.547 — 4º prêmio, uma máquina de costura, 5 mil cruzeiros.

3.763 — Todos os ÁLBUNS terminados com êsse milhar dão direito a um prêmio de utilidade doméstica do valor de Cr$ 1.000,00, cada um.
763 — Todos os ÁLBUNS terminados com essa centena dão direito a um prêmio de utilidade doméstica no valor de Cr$ 200,00, cada um.

Aproximações do 1º prêmio, crescentes e decrescentes, dão direito a dois prêmios (bicicletas motorizadas).

Aproximações na mesma ordem, do 2º prêmio, dão direito a dois prêmios (enceradeiras elétricas).

Aproximações na mesma ordem, do 3º prêmio, dão direito a dois prêmios (liqüidificadores).

Aproximações na mesma ordem, do 4º prêmio, dão direito a dois serviços de café.

● Os portadores dos ÁLBUNS podem conferir a relação acima, tomando por base os prêmios da Loteria Federal, na seguinte ordem: 1º — 19.223; 2º — 39.763; 3º — 19.463; 4º — 11.189; e 5º — 15.547. Fazendo-se as combinações conforme explicação no ÁLBUM, encontrarão os números sorteados em nosso Concurso. Todos os contemplados podem apresentar-se no escritório da «BRAZÍLIA», rua Visconde de Inhaúma, 134, 4º andar, nesta cidade, ou dirigir-se à mesma, no caso de residência fora do Rio, que serão prontamente atendidos.

RESPOSTAS DA PÁGINA 36

1 — O orifício de uma bala numa das janelas da Embaixada Americana
2 — Nas cocheiras
3 — O polvo
4 — Rio Grande do Sul
5 — Alfred Tennyson
6 — O Sol
7 — Graça Aranha
8 — A D. João VI
9 — Paris
10 — O do rei da Tailândia (em Bangkok)
11 — Pela fôrça física, a maior do século XX
12 — No Monte Hira
13 — O da tôrre da E. F. Central do Brasil, Rio
14 — Quarenta
15 — Leopoldina

Lidergrama

Nº 87

A	Obter por acaso; vencer →	80	77	1	30	128	43	
B	Que tem a mesma opinião que outrem →	118	6	122	45	53	15	26
C	O mesmo que assentar →	16	35	126	11	106	67	
D	Que causam temor; destemidas →	100	89	32	19	41	114	93
E	Anteriormente →	5	109	46	28	96		
F	Existirão; durarão →	55	65	105	85	39	94	3
G	O dia que passou →	7	58	48	111	63		
H	Quedas; ruído dum corpo que cai (pl.) →	98	108	68	14	24	123	
I	Caminhas →	78	83	50	124	117		
J	Rochedos →	81	49	36	4	103	74	
K	Criminosos →	62	22	31	102			
L	Capas de irmandade religiosa →	52	21	64	104			
M	Emporcalhou; tornou sujo →	112	34	76	61	97		
N	Enfeitei; decorei →	37	57	29	47	125		
O	Possuirão →	110	75	38	2	51		
P	Feitiçarias; despachos →	56	119	17	92			
Q	Justiça; direito; motivo; causa →	23	82	107	12	66		
R	Renascinas →	18	70	27	44	121	91	86
S	Rio que separa o Brasil do Paraguai →	40	60	101				
T	Reprêsas; docas →	84	120	33	69	9	79	
U	Chefe de tribo muçulmana →	71	113	99	10			
V	Tive um sonho →	8	20	54	88	73	115	
W	Tornou ôco →	95	87	59	42			
X	Belos; formosos →	72	90	25	127	13	116	

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra numa casa. Transportam-se depois para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

■	■	■	■	A 1	O 2	F 3	■	J 4	E 5	■	B 6	G 7
■	V 8	T 9	U 10	C 11	Q 12	X 13	■	H 14	B 15	■	C 16	P 17
■	R 18	D 19	V 20	■	L 21	K 22	Q 23	H 24	X 25	B 26	,	R 27
E 28	N 29	A 30	K 31	D 32	■	T 33	M 34	C 35	■	J 36	N 37	O 38
F 39	S 40	■	D 41	W 42	A 43	R 44	B 45	E 46	N 47	■	G 48	J 49
I 50	O 51	■	L 52	■	B 53	V 54	F 55	P 56	N 57	G 58	W 59	,
S 60	M 61	K 62	■	G 63	L 64	F 65	Q 66	C 67	■	H 68	T 69	R 70
■	U 71	X 72	V 73	■	J 74	O 75	M 76	A 77	.	I 78	T 79	■
A 80	J 81	Q 82	I 83	T 84	F 85	R 86	■	W 87	V 88	D 89	X 90	R 91
P 92	■	D 93	F 94	W 95	■	E 96	M 97	H 98	U 99	D 100	S 101	K 102
;	J 103	L 104	■	F 105	C 106	Q 107	H 108	E 109	O 110	G 111	M 112	■
U 113	D 114	V 115	X 116	■	I 117	B 118	P 119	T 120	R 121	B 122	H 123	■
I 124	N 125	C 126	X 127	A 128	■	■	■	■	■	Olaner - Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 86: — LATINO COELHO — A ORAÇÃO DA COROA — «Se o território helênico tem encantos e formosuras, em muitas de suas regiões o solo é ingrato, e a natureza refusa a sua gratuita fecundidade aos descendentes de Pelasgo e de Erecteu».

Semana ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 16 E 22 DE JANEIRO DE 1954

(Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Terá o leitor uma semana excepcionalmente favorável aos seus interêsses, à realização dos seus desejos e ao que empreender no campo dos negócios. Obterá lucros fàcilmente e dominará o meio pela ação preponderante do seu magnetismo.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Sua posição no ambiente dos astros será bem melhor, agora. Seus empreendimentos, no terreno comercial ou industrial, serão coroados de êxito. Do mesmo modo, encontrará, com relativa facilidade, o concurso de que tiver necessidade.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Não se faça do contra, não reaja, não se aliste nas fileiras oposisionistas, pois nada conseguirá tomando atitudes. Suas possibilidades são mínimas no momento, para impor seu ponto de vista ou a sua vontade.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Não haverá solução de continuidade, na semana entrante, na sua posição em face do Céu. A emissão do astro que lhe preside o destino será muito benéfica, aliviando, de muito, a sua luta. Poderá, agindo com inteligência, conseguir muita coisa.

★ LEÃO (21/1 — 20/2) — Se tem algum projeto de viagem, é bom adiar a realização do mesmo para a próxima semana. O leitor poderá correr o risco de perigoso acidente em transporte coletivo, aéreo, terrestre ou marítimo.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Tome todo cuidado nas relações com os parentes, irmãos, consanguíneos ou assemelhados. O momento será de intrigas e de dissenções e o leitor, de corpo inteiramente aberto, será passível de inoculação do germe do mal acima indicado. Precavenha-se.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Haverá uma atenuação na posição ocupada pelo leitor, na semana que se avizinha. Os negócios estarão melhor astralizados e algo de proveitoso acontecerá nas atividades profissionais que exerce atualmente.

★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Os astros o jogarão frente a uma situação imprevista, repentina, mas, felizmente, favorável nos seus efeitos. O leitor será forçado a tomar uma posição contrária aos seus desejos. Verá, por fim, que o mal redundou num grande bem.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — O meu humor o dominará, por certo, na próxima semana. O melhor, no caso, será a ausência de iniciativas, de empreendimentos visando lucros materiais. Os astros não o ajudarão. Pelo contrário.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — O novo período lhe facilitará muito, as reconciliações, as restruturações e, do mesmo modo, a reconquista do que houver perdido. Os objetos perdidos serão encontrados.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — O leitor não terá chance nos casos sentimentais. Os sexos ocuparão posições opostas e estarão reciprocamente indispostos a qualquer entendimento. O melhor é não forçar a situação, aguardando outras oportunidades.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Dê a melhor atenção às intuições que tiver durante a semana. Seu plano desmico estará em relêvo, possibilitando o despertar das faculdades mediúnicas de que seja dotado.

OS NOMES DA SEMANA

Janeiro,	16	—	Anteno	—	Armina
"	17	—	Domênico	—	Francisca
"	18	—	Etrúvio	—	Fausta
"	19	—	Eduardo	—	Ismênia
"	20	—	Maurício	—	Isolda
"	21	—	Domingos	—	Eudacília
"	22	—	Etelvino	—	Marília

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

				(SIGNO DO:)
				(Capricórnio)
Janeiro,	16	—	25º - 50' - 10"	(")
"	17	—	26º - 51' - 15"	(")
"	18	—	27º - 52' - 19"	(")
"	19	—	28º - 53' - 22"	(")
"	20	—	29º - 54' - 25"	(Aquário)
"	21	—	00º - 55' - 27"	(")
"	22	—	1º - 56' - 28"	

A venda

ALMANAQUE

EU SEI TUDO

PARA 1954

PROCURE NAS BANCAS DE JORNAIS E LEVE PARA CASA O MAIS COMPLETO RETRATO DO ANO

★

CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO DE JANEIRO

★

O LIVRO DOS MIL ASSUNTOS



Na foto acima: Etelvino assina o têrmo de posse, como sucessor de Agamenon Magalhães no govêrno de Pernambuco; na foto de baixo: governador empossado, Etelvino Lins pronuncia um discurso que, na época, foi saudado como uma corajosa e objetiva plataforma democrática. Mas o fantasma do estudante Demócrito ainda velava...



COMO VEJO ETELVINO



CASTELLO

A vocação do governador Etelvino Lins é a do cientista, do homem que parte dos fatos para a abstração, da experiência para a ciência. Falta-lhe apenas, para enquadrá-lo nessa categoria de realistas-idealistas, a convicção da dúvida... Qualquer que seja o ponto em que se achem suas pesquisas, êle é sempre afirmativo, concludente. Mas tem a virtude de, verificado o próprio êrro, nêle não insistir. O fervor de hoje faz suspeitar que errou mesmo no passado.

Quando Etelvino surgiu no Rio, não era difícil identificar na sua cara fechada, no pescoço atarracado, no escuro da pele, a figura sinistra do policial que fêz carreira, pintado a fogo nos artigos de Assis Chateaubriand. A imprensa em massa havia lhe feito o cartaz de assassino de Demócrito de Souza Filho. Uma proclamação lançada em Recife por ocasião do episódio sangrento transportava-nos a um estranho clima obscurantista: falava-se ali em agitadores que pregavam os ideais da Revolução Francesa ou coisa semelhante. Apenas o sombrio superava o ridículo.

Alguns amigos tentavam melhorar o ambiente. Barbosa Lima Sobrinho, depois de longo esfôrço para explicar as qualidades do ex-interventor, esbarrou num detalhe.

— Você sabe — disse — êle é um bom rapaz. Tem aquêle olhar esquisito, mas não é nada não. É apenas o hábito da pontaria.

Com uma pertinácia que hoje todo o Brasil conhece, Etelvino foi, êle próprio, quebrando o gêlo. Quem conversava com êle saía em dúvida. Corria o boato de que a fera era inteligente, de trato agradável, de espírito público... Quando o conheci pessoalmente já era tido como uma das boas figuras do Senado. Apertei-lhe a mão sem receio algum.

De qualquer forma, Etelvino tem a psicologia do convertido, do recuperado. Assumiu êle, como interventor do fim da Ditadura, uma responsabilidade dura demais. Vem pagando caro por ela. Hoje pratica e prega o credo oposto. Sua própria experiência o levou para o outro lado. Convertido, tornou-se apóstolo. É um realista e um idealista, mistura difícil mas altamente recomendável.

Um episódio do qual não fui testemunha, mas que sei de pessoa idônea, parece me dar a chave do Etelvino de hoje, do problema Etelvino. Creio que ninguém o contou ainda.

Morto Agamenon, aparecia Etelvino aos olhos de todos como o herdeiro natural da situação de Pernambuco. Entretanto, nos bastidores as dificuldades se acumulavam. Outros pessedistas candidatavam-se ao acêrvo.



«Não desejo ficar como o interventor que permitiu a morte de Demócrito nem quero dar a ninguém o direito de supor que seja responsável pela distribuição para fins eleitorais de verbas do Estado».

Os partidos de oposição, com a UDN à frente, concordavam em poupar-se à luta, mas sob uma condição: que o PSD se apresentasse unido e íntegro em tôrno de um candidato. Etelvino a muito custo venceu tôdas as resistências, menos uma, a de Jarbas Maranhão, membro da Comissão Executiva estadual, pessoa intimamente ligada aos filhos de Agamenon, prestigiado por alguns compromissos dentro do seu partido. No último dia, na véspera talvez, à noite — os coligados da oposição aguardavam resposta no Grande Hotel — Etelvino foi jogar a cartada final, dirigindo-se à casa do opositor. Abriu-se com êle, dizendo-lhe mais ou menos o seguinte:

— Minha oportunidade é essa e preciso dela. Em 1954 poderá ser tarde. Preciso porque quero limpar meu nome. Não desejo ficar como o interventor que permitiu a morte de Demócrito nem quero dar a ninguém o direito de supor que seja responsável pela distribuição para fins eleitorais de verbas do Estado (havia o caso de uns setenta milhões de cruzeiros que teriam sido lançados na luta por ordem de Agamenon, para financiamento de obras em municípios às vésperas da eleição). Quero deixar aos meus filhos um nome limpo, um nome do qual êles se honrem. E é isso tudo o que eu tenho na vida.

O deputado Jarbas Maranhão não tem o direito de se arrepender por ter cedido.

A história acima poderá não ser autêntica, pois nem mesmo do que assistimos com nossos próprios olhos podemos dar testemunho exato. Mas o fato é que Etelvino é, no govêrno, um modêlo de moderação e probidade. Pacificou pregando e praticando o desarmamento em sua própria paróquia... Em matéria de dinheiro, seu escrúpulo é extremo: quando veio ao Rio pagou com sacrifício a própria passagem, sob pretexto de que vinha tratar de política.

A essa altura não posso, portanto, fazer suposições — nem acreditar nas que acaso se façam — quanto a objétivos imediatistas do seu esquema. Etelvino vai deixar o govêrno e voltar ao seu emprêgo de seis mil cruzeiros por mês. Não tenho a menor dúvida.

Sei que o governador está convertido. Se o caso fôsse de Exército da Salvação, estaria êle na esquina da rua do Ouvidor com Gonçalves Dias batendo caixa e cantando hinos para ajudar a ferver a panela do pobre.

Mas o caso é apenas político: êle bate de porta em porta implorando paz e harmonia para salvar o regime. Perfeito.



PELA SEXTA VEZ, CAMPEÃO O "FOMINHA"

DÁ-LHE, RIGONI

«O HOMEM DO VIOLINO»

LUÍS RIGONI, paranaense de nascimento, 27 anos, é a sensação do turfe brasileiro. Impressionante na atropelada, másculo, decidido, valente é tido como um dos maiores freios do mundo, embora possa ser considerado ainda um «brôto» em sua profissão. Com estilo próprio de correr, inteligente e arguto (talvez lhe falte ainda mais contrôle) é conhecido como «o homem do violino». E', hoje, uma figura popular em todo o país e ganha por mês tanto quanto um ministro de Estado. Gosta de apostar, mas é dos raros jóqueis que infundem confiança até nos apostadores mais desconfiados. Confessa que «tenho o vencedor em minha cabeça». Os que não são torcida do Rigoni (pequena minoria) atribuem as suas vitórias à sorte. Todavia a «estrêla» de Rigoni é uma «estrêla» com luz própria e tem cansado de demonstrar isso em carreiras tidas e havidas como impossíveis. Ainda há poucos dias, montando o cavalo QUASI, de propriedade do ministro Osvaldo Aranha, contra todos os prognósticos ganhou o páreo e assinalou novo e expressivo «record» para a distância, em pista e condições inteiramente desfavoráveis. Entre as suas últimas façanhas inclui a de escrever uma coluna de «turf» num dos vespertinos da cidade, coluna que se vem popularizando pelos palpites que informa aos apostadores e que, em sua maioria, são confirmados. O famoso «homem do violino» é solteiro, e juntamente com o seu colega Irigoyen, desfruta de grande prestígio entre o belo sexo. Confia repetir o feito em 54 e não espera para tão cedo perder o páreo das estatísticas. Com todos os títulos, falta a Rigoni um que ambiciona tremendamente e que está nos cálculos para êste ano: vencer o «Grande Prêmio Brasil».

Luís Rigoni, o popular freio brasileiro, ganhou um páreo inacreditável, ultrapassando em dois meses o jóquei E. Castillo, que levava uma frente de mais de 20 vitórias — Ganha tanto quanto um Ministro de Estado e não pretende, tão cedo, desfazer-se do título de campeão que parece já ser de sua propriedade — Confia que neste ano de 1954 completará a sua invejável série de títulos conquistando o almejado «Grande Prêmio Brasil».

Reportagem de LOPES SOBRINHO

Fotos de ALEXANDRE MIRANDA

OS últimos dias de 53 foram marcados, no terreno do esporte, pelo duelo entre dois jóqueis, em louca atropelada pela liderança das estatísticas, no prado da Gávea. Luís Rigoni e Emydio Castillo, dois dos ginetes mais destacados do turfe brasileiro, decidiram, no último dia do ano, o título que ambicionavam. Rigoni, pela sexta vez consecutiva, tentava o campeonato. Castillo «tocava» para roubar ao freio nacional o feito inédito que depois se confirmou.

O duelo vinha de uma disputa sensacional. Rigoni liderava as estatísticas até julho, quando «rodou» do animal Porfio, na tarde do Grande Prêmio Brasil, e ficou meses «na cêrca». Castillo, embora suspenso várias vêzes pela Comissão de Corridas, aproveitou-se e sacou uma diferença de 17 vitórias, que era quanto o separava de Rigoni, ao regressar às vesperais do Jockey. E, ainda, ampliou, nas primeiras disputas, esta diferença para mais de 20 carreiras. A reação de Luís Rigoni, que todos consagram como dos maiores freios do mundo (o maior jóquei brasileiro de todos os tempos), foi fulminante, quase inacreditável. Para muitos torcedores, muitas das vitórias sensacionais de Rigoni só se esplicariam por uma conturbação psicológica dos seus companheiros. Era Rigoni aproximar-se, na reta de chegada, atropelando furiosamente e parecia que os outros parelheiros paravam... Sugestão, ou o que seja, a vitória de Rigoni o consagrou definitivamente como uma das grandes glórias do turfe brasileiro, como um ginete incomparável, pela bravura e pelo espírito de decisão, que nunca desanima, quando persegue o triunfo. Cavalo de Rigoni



— é voz corrente no Jockey — está sempre na carreira.

A REPERCUSSÃO POPULAR

A repercussão popular do duelo que se travava no prado da Gávea foi assunto para tôdas as conversas. Para os aficionados do turfe, para os freqüentadores ocasionais, para os indiferentes. Pela primeira vez se organizou charangas e batucadas e as torcidas de Rigoni e Castillo animavam as tardes turfísticas como uma nota à margem do espetáculo. Rigoni e o «mengo» do turfe. Para cada vitória, uma chuva de aplausos. Rigoni, o «fominha». Rigoni, atropelando: «dá-lhe Rigoni! dá-lhe Rigoni!»

Conta o cronista Pedro Dantas, na sua secção diária de «O Globo» (Pedro Dantas não é outro senão Prudente Moraes, neto, literato-jurista-constitucionalista-republicano) que, às vésperas da disputa final da luta Castillo-Rigoni, fôra interpelado pelo poeta Manuel Bandeira sôbre os detalhes da disputa. Manuel Bandeira só foi à Gávea 4 vêzes, numa das quais, para compor o seu magnífico poema

Os cavalinhos correndo
os cavalões comendo...

Ante o espanto do cronista, Manuel Bandeira revelou que ouvira pelo rádio, ocasionalmente, o anúncio do duelo e, desde logo, foi-se interessando pelo Rigoni ao ponto de transformar-se num dos rigonistas mais entusiásticos. Pedro Dantas registrou o fato para salientar a enorme repercussão que o duelo das estatísticas despertava. E, assim, o turfe roubava ao futebol as glórias do fim de ano.

VERDADEIRA CONSAGRAÇÃO

Luís Rigoni recebeu verdadeira consagração popular ao laurear-se, pela sexta vez consecutiva, no páreo extra das estatísticas (121 triunfos contra 119 de Castillo), vencendo os dois últimos páreos da última reunião de 1953. O final do último páreo foi corrido sob o espoucar dos foguetes e debaixo da contagiante ovação partida de tôdas as tribunas do Hipódromo.

Quando Rigoni voltava à repesagem, saindo da pista, as manifestações atingiram o climax. Visìvelmente emocionado, sorridente, Rigoni respondia com um leve aceno, saudando a legião dos seus torcedores, enquanto a cuíca roncava e rufavam tambores, saudando o camçeão absoluto. Estava presente para homenagear Rigoni e Castillo a torcida do Flamengo, sob a chefia de Jaime de Carvalho (tanto Rigoni como Castillo são rubro-negros).

A GRANDE HONRA PARA RIGONI

Rigoni, já vitorioso, hexa-campeão das estatísticas, concordou em dizer, apenas, que a sua grande honra fôra vencer um concorrente do valor de Emydio Castillo, um dos mais completos bridãos que já vieram do Chile para a Gávea.

Poucos momentos depois, era Castillo quem afirmava não sentir máguas na derrota, pois o vencedor fôra Rigoni, o maior freio brasileiro e isso compensava.

O ÚNICO BRASILEIRO

Uma outra glória pertence a Rigoni e, até certo ponto, explica a sua extraordinária popularidade. Sem favor, os maiores jóqueis que correm atualmente na Gávea, são chilenos. Ulloa, Castillo, Irigoyen, Marchant, Guillermo Silva. Dos grandes, apenas Rigoni é brasileiro. Ademais, enquanto os chilenos preferem o bridão, Rigoni prefere o regime do freio, especialidade em que é considerado dos maiores do mundo. Veja-se, pelas estatísticas, que exceto o primeiro lugar que há 6 anos vem pertencendo a Rigoni, desde que desbancou Osvaldo Ulloa, dois anos após começar a correr, os lugares subseqüentes são ocupados pelos jóqueis chilenos. São êstes os resultados finais:

1º — Rigoni (brasileiro)	121 vitórias
2º — Castillo (chileno)	119 "
3º — O. Ulloa (chileno)	68 "
4º — Marchant (chileno) ...	60 "
5º — Irigoyen (chileno)	52 "

O sexto lugar ocupa o malogrado jóquei Cândido Moreno, o popular «Cara de Macaco» que morreu na raia. Era outra grande esperança do turfe nacional.



Rigoni, o «Fominha», o «Homem do Violino», recebeu verdadeira consagração popular ao conquistar pela sexta vez consecutiva a liderança das estatísticas.





Rigoni entra na raia para mais uma vitória...... e quase não chega para as manifestações.



ZAQUIA JORGE, «a pioneira do teatro de subúrbio», conversa com a reportagem em seu camarim do Teatro Madureira. Deixando Copacabana ela levou o palco aos espectadores da zona norte.

O S.N.T. NÃO ACREDITA EM MADUREIRA

ZAQUIA JORGE CONTA UM POUCO DE SUA LUTA PARA DAR À ZONA NORTE DA CIDADE UM TEATRO DE VARIEDADES TÃO BOM QUANTO AS CASAS (MAIS FELIZES E MAIS AMPARADAS) DA ZONA SUL — SUOR, SANGUE E LÁGRIMAS, MAS TAMBÉM O APLAUSO DE UM PÚBLICO CADA VEZ MAIOR — UMA ALEGRIA, DE VEZ EM QUANDO.

Fotos de ALEXANDRE MIRANDA

Reportagem DE REGINA MARIA OLIVEIRA

Ela deve merecer um capítulo à parte quando se contar a história do teatro de revista no Rio. Um capítulo ou vários. Seu nome é Zaquia Jorge, o que dispensaria maiores comentários. Mas o assunto aqui é mesmo contar alguns aspectos do esfôrço e do pioneirismo que têm dado lugar de destaque a essa brava artista do «vauderville». Observando bem, sua luta tem muito mais de fundo social do que meramente a diligência de uma empresária que deseja vencer no seu gênero de negócio — o teatro.

Zaquia Jorge, com os seus planos em mente e muita vontade de vencer, abandonou uma brilhante carreira de «vedette» nos teatrinhos da Zona Sul para levar o teatro musicado ao subúrbio esquecido. Bons contratos, ótimas propostas, tudo isso ela pôs de lado, que o futuro lhe estava reservando coisa muito melhor — não só a realização do seu ideal, mas a gratidão de milhares de suburbanos.

DE COPACABANA A MADUREIRA

Hoje Zaquia é dona de invejável título de «pioneira do teatro de subúrbio». Levou às populações da zona norte o divertimento que elas não poderiam alcançar na parte sul, distante e caríssima para um poder aquisitivo humilde. Foi assim que fêz erguer em Madureira, subúrbio da Central o seu hoje famoso teatro de Madureira. E a recompensa já existe — através de casas sempre lotadas e de aplausos calorosos que nunca lhe têm faltado. E pelo esfôrço de Zaquia e dos seus empreendimentos sempre renovados, uma centena de cartazes vêm desfilando permanentemente ante os olhos dos suburbanos.

DESFILE DE CARTAZES

Pelo teatro de Madureira têm passado artistas famosos do cenário carioca. Lá já se apresentou tantas vêzes a paradisíaca Luz del Fuego, fazendo dupla com a sua cobra, superlotando o teatro. Também Iracema Vitória, do palco e do cinema, Evilázio Marçal, o popular



AÍ ESTÁ o biquini revelando alguns «aspectos» do exuberante talento de Zaquia Jorge, «estrêla» e empresária do Teatro de Madureira. O subúrbio ganhou o que Copacabana perdeu...

A

GRI-
ADA
NDO.

NDA

calo-
sfôrço
empre
des-
os su-

o ar-
já se
uz del
super-
a, do
opular



COMANDADAS POR ZAQUIA as «girls» estudam seus papéis nos quais, a participação do biquini é valiosa... Na foto abaixo, Zaquia observa o movimento da platéia.



O SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO

cômico, e uma quantidade de outros «astros» cariocas.

Atualmente, o corpo de «girls» de Zaquia Jorge é dos mais seletos, fazendo inveja a muitos conjuntos que andam por aí se apresentando. Aliás, é importante assinalar que a maioria das aquisições artísticas da encantadora empresária foram descobertas no próprio subúrbio de Madureira, onde têm surgido promissores vocações. Através de testes e «talent-scouts» a seu serviço, algumas pequenas suburbanas estão fazendo, naquele teatro, brilhante carreira.

O TEATRO E O CORPO

As «vedettes» do teatro de Madureira são Vilma e a própria Zaquia, ambas em grande forma, como os leitores poderão ver aí nas fotos.

Conta ainda o conjunto com uma atriz, Lélia, um coreógrafo e as 10 garôtas que constituem o corpo de «girls», além de três cômicos, um dêles, o Almeidinha, vindo há pouco de Portugal, contratado pela companhia.

O teatro, que é maior que o Jardel e o Follies, foi construído e repartido de modo a oferecer acomodação e algum confôrto aos espectadores, e nisso ganha longe dos dois teatrinhos acima citados.

UM QUEIXA CONTRA O S.N.T.

Fazendo um apanhado da sua obra, digna de tantos elogios, Zaquia desabafa algumas quei-



O PANO ABRE-SE e eis o «show» iniciado. A maioria destas pequenas são elementos arregimentados no próprio subúrbio de Madureira. Na foto ao lado, Zaquia afivela o sapato antes de entrar em cena.

NÃO ACREDITA EM MADUREIRA

xas amargas contra o Serviço Nacional do Teatro. O S.N.T. foi criado «para auxiliar as emprêsas teatrais existentes e incentivar a criação de novas».

No caso da brava «vedette», nada disso foi feito e sua emprêsa, se tem alcançado vitórias foi por seu próprio esfôrço e dedicação. Zaquia realizou sòzinha o que cabia ao S.N.T. ou à Prefeitura do Distrito Federal fazer: levar o teatro ao subúrbio. O Teatro de Madureira é o mais barato do país, sem deixar de contar com ótimos cartazes e programas dos mais interessantes. «Até hoje só recebemos, confessa Zaquia, quarenta mil cruzeiros do S.N.T., importância estabelecida por lei». Quantia ridícula ante as despesas que vem enfrentando a emprêsa.

400 MIL CRUZEIROS

O prédio onde funciona o teatro Madureira custou 400 mil cruzeiros à Zaquia Jorge. Por outro lado, a permanente renovação dos cenários, vestimèntas, decorações, pessoal de obras e o corpo de artistas, enfim, consomem uma verba que se torna cada vez maior, com os aumentos do custo de vida e das mercadorias.

— Depois de tudo que temos feito, sem muito alarde — confessa-nos Zaquia — creio que não seria demais apelarmos para os que estão na obrigação de auxiliar o teatro carioca.

Realmente, se há companhias mais merecedoras da atenção do Serviço Nacional do Teatro, colocamos entre elas, ou a frente delas, o esplêndido teatro de Madureira da «vedette» Zaquia Jorge.





O monstro de «A Lagoa Negra», «um homem de guelras, meio peixe, meio homem, que parece uma rã...»

Fracassou (no mundo inteiro) a

NASCIMENTO, APOGEU E DECLÍNIO DA 3-D NOS EE. UU. ★ «CAUSA-MORTIS»: OS INDISPENSÁVEIS

AMEAÇADA pela maior crise de sua história (5.038 cinemas fechados nos últimos oito anos nos Estados Unidos), Hollywood recebeu de braços abertos o Cinerama (tela gigantesca com som estereofônico) em outubro de 1952. Em abril de 1953 foi lançado o primeiro filme de longa metragem em três dimensões, «Bwana Devil» (sistema «Natural Vision»), cujo êxito extraordinário marcou o início da corrida tridimensional. Em maio, dois novos 3-D eram consagrados pelo público: «Museu de Cêra» (Warner), campeão de bilheteria do mês (na frente de «Moulin Rouge» e «Salomé») e «Man in the Dark» (Columbia), filmezinho realizado em 11 dias com uma câmara estereoscópica improvisada que ocupou o quinto lugar. Em julho, «The Charge at Feather River», o segundo 3-D da Warner, foi a maior «bilheteria». Mas já no mês seguinte, os produtores começaram a empalidecer: cai sensìvelmente o interêsse do público, e os 3-D desceram para nono e décimo lugar (respectivamente, «Second Chance», da RKO, e «The Charge at Feather River»). Foi o começo do fim.



PHYLLIS KIRK (Museu de Cêra)



LINDA DARNELL (Second Chance)



BARBARA BRITTON (Bwana Devil)



BARBARA STANWYCK (The Moonlighter)



RHONDA FLEMING (Inferno))

Arranjo publicitário para «Veio do Espaço»: a figura horrenda de um habitante do espaço, com um ôlho só...

TERCEIRA DIMENSÃO

ÓCULOS «POLAROID» ★ A VERDADE SÔBRE O SISTEMA RUSSO (SEM ÓCULOS) «STEREO-KINO»

Reportagem de ELY AZEREDO

NOVIDADE EFÊMERA

Os primeiros êxitos da terceira dimensão tiveram apenas um motivo: a novidade. O público, saturado pela repetição sistemática de meia dúzia de fórmulas, ansiava por algo novo. Embora seja o fator principal da crise, a televisão não é o único inimigo do cinema. O grande adversário sempre foi o mau filme. Sentado em sua poltrona predileta na sala de estar, de pijama e chinelos, o cinzeiro e os jornais ao lado, o americano se diverte com programas de televisão que incluem Lucille Ball (no famoso «I Love Lucy»), Gloria Swanson, Groucho March, etc. Enfrentar os incômodos de uma viagem ao cinema? Só em casos excepcionais.

Êsses casos excepcionais tornaram-se freqüentes com o aparecimento dos primeiros 3-D. As figuras que pareciam sair da tela trouxeram de volta as antigas filas. Na primeira semana de exibição em dois cinemas, «Bwana Devil» rendeu 95 mil dólares e «Museu de Cêra» 75 mil nos primeiros 3 dias! Filmes medíocres da chamada produção «B» (como «Man in the Dark»).



VINCENT PRICE
(Museu de Cêra)



GUY MADISON
(The Charge at Feather River)



VAN HEFLIN
(Asas do Gavião)

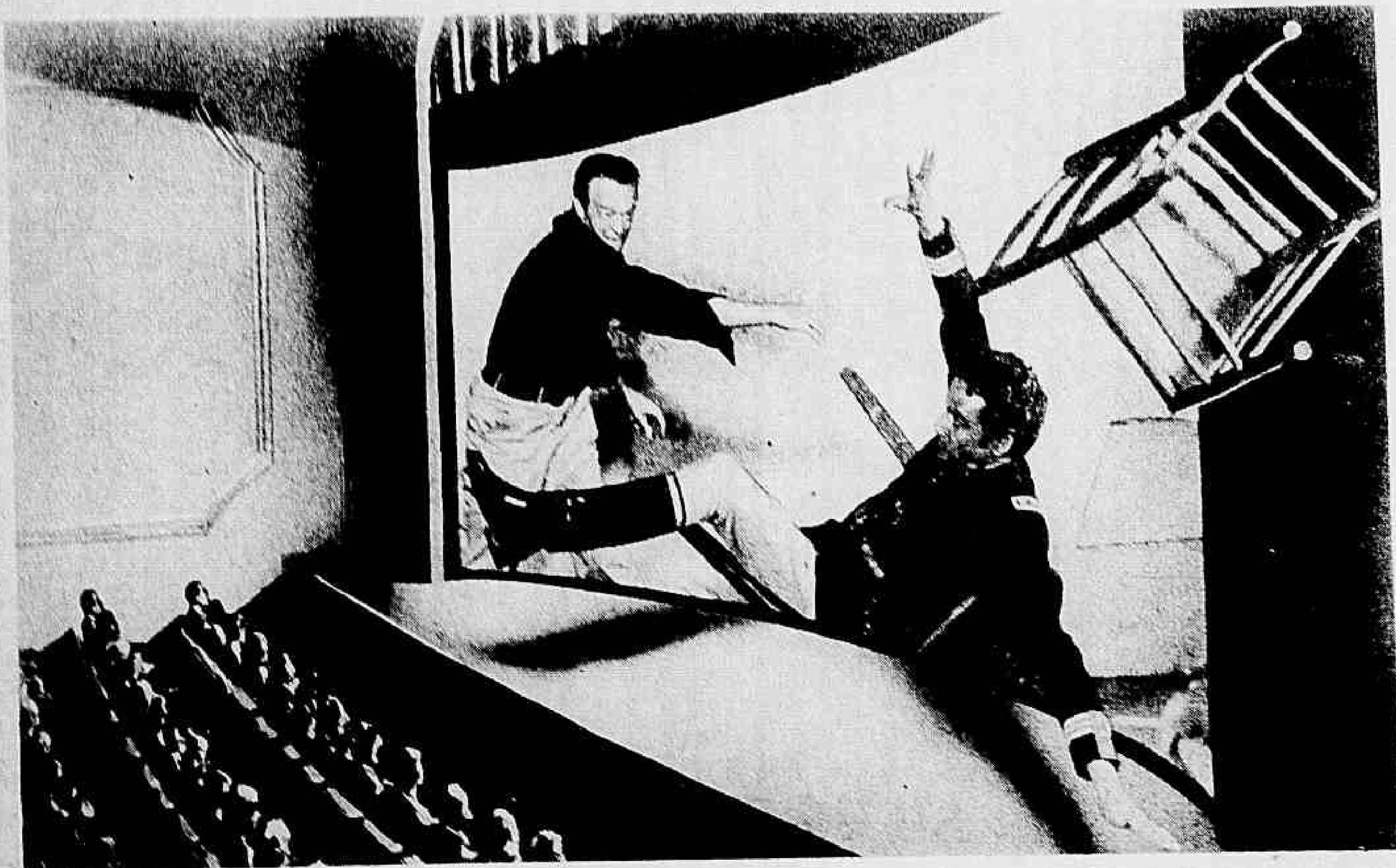


EDMOND O'BRIEN
(Man in the Dark)

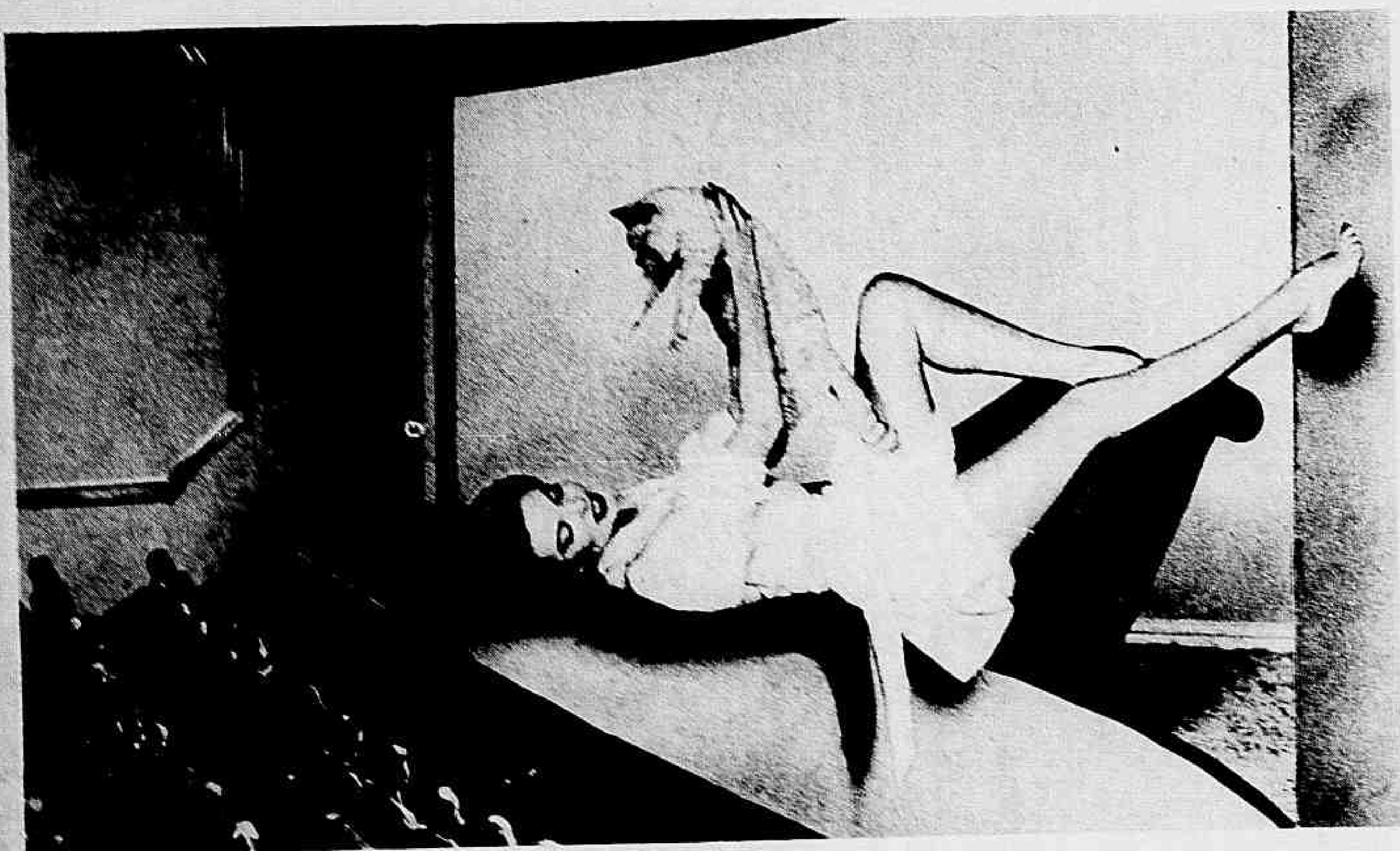


FRANK LOVEJOY
(The Charge at Feather River)

Fracassou (no mundo inteiro) a 3a. dimensão



A luta entre Van Heflin e George Dolenz, em «Asas do Gavião», da U-I. Cuidado com a cadeira!



A 3-D multiplica por três o atrativo sensual. A bela é Katheen Hughes, em «The Glass Webb»

Van Heflin e Julia Adams em «As Asas do

eram anunciados como a principal atração dos programas duplos (muito comuns nos Estados Unidos).

Alguns meses depois as filas desapareceram. Os exibidores começaram a esconder os cartazes dos 3-D, dando preferência aos filmes comuns nos anúncios luminosos. Freqüentemente, podendo escolher entre a versão «standard» e a 3-D do mesmo filme, os cinemas repudiam a «novidade revolucionária».

A «CAUSA-MORTIS»

A «causa-mortis» da 3-D foi a necessidade de usar os óculos «polaroid». A princípio o público aceita entusiasmado pela novidade. Depois repudia. Os principais motivos são:

(1) O espectador tem de manter ereta a cabeça, porque a ilusão desaparece com qualquer inclinação para os lados. Os casais de namorados são os primeiros a desistir...

(2) O esfôrço visual cansa muito. Por isso êsses filmes têm intervalo no meio, como os jogos de futebol.

(3) O grande número de pessoas que já usam óculos, tem de sujeitar-se a mais um par.

(4) Certo tipo de óculos (com armação de papelão), não tem firmeza: escorrega ao menor movimento.

(5) Os óculos de tipo especial, sólidos, usados nos melhores cinemas, têm de ser devolvidos à saída. E' natural a desconfiança do público quanto à esterilização obrigatória. Moléstias da vista surgidas em várias cidades americanas, vêm sendo relacionadas com o uso do «polaroid». Segundo o Departamento de Higiene, em cada grupo de 15 óculos, nove não são esterilizados a contento.

Outro motivo importante da repulsa à 3-D, é o péssimo uso que vem sendo feito de seus recursos. Os produtores se preocupam apenas em assustar o espectador com coisas que parecem sair da tela: feras, monstros fantásticos, facas, tiros, veículos, etc. Disse um produtor: «Continuaremos a jogar coisas em cima dos espectadores, até que êles comecem a atirá-las de volta...»

A julgar pelas críticas estrangeiras, nenhum filme de valor artístico foi realizado em 3-D. Vejam o assunto de alguns tridimensionais recentes: «Elas» (Warner), sôbre aranhas-gigantescas antropófagas; «Gog» (Independente), sôbre dois autômatos que se revoltam contra os cientistas que os criaram; «O Mágico Louco», que serra o pescoço de uma mulher; «A Lagoa Negra» (Universal), sôbre um «homem de guelras», semi-peixe; «O Homem de Marte» (Columbia), apresentando a «Bomba-X», que pode deslocar ou eliminar o eixo da Terra; «As Mulheres-Gato da Lua» (Independente), com sêres que parecem aranhas gigantescas de quatro olhos; «O Grande Og Verde» (Independente), criatura de sangue verde que vive no planêta Afrodite.

3-D: SÓ COM ÓCULOS

A publicidade desonesta criou a lenda da «terceira dimensão sem óculos»: Cinerama, Cinemascope e «telas panorâmicas». As «panorâmicas» ou «telas-guilhotina», são uma experiência infeliz, que os cariocas já tiveram o desprazer de conhecer. Como não existem filmes feitos especialmente para elas, a imagem aparece cortada em cima e em baixo. Motivo: a lente adaptada aos projetores (lògicamente) aumenta a imagem em todos os sentidos, mas as telas só cresceram horizontalmente; a altura não foi alterada.

«O Cinerama não é tridimensional» — diz claramente Fred Waller, seu inventor. Apesar disso, grande parte da imprensa continua arrolando êsse sistema e o Cinemascope na categoria 3-D. Ambos, também equipados com «som estereofônico», oferecem certa ilusão de «participação na ação». E' que as telas são enormes (muito maiores e mais côncavas que as «telas panorâmicas») e cobrem todo ou quase todo o campo visual do espectador. Autofalantes espalhados por trás da tela e em diversos pontos da sala, aumentam no público a sensação de estar envolvido pela ação do filme.

O sistema russo «Stereo-Kino», em uso há muitos anos, não exige o uso de óculos. Foi criado por Ivanov, com base (apesar da propaganda em contrário) em descobertas de diver-



Gavião», da Universal International, emprêsa que já lançou «Veio do Espaço» (It Came from Outer Space) nos cinemas da capital paulista.

sos inventores ocidentais, como Berthier, Lippman (na França), F.E. Ives, Kanolt e H.E. Ives (nos EE.UU.). Ivanov fêz um filme de longa metragem («Robinson Crusoé», 1947) e depois caiu em desgraça. Êsse sistema é comercialmente impraticável por três motivos: (1) a tela tem uma estrutura muito complexa e custa uma fortuna; só existe uma, em Moscou; (2) a platéia é reduzidíssima e só pode ter poltronas do meio para o fundo da sala; (3) a ilusão tridimensional desaparece ao menor movimento de cabeça para os lados.

Recentemente os russos anunciaram um sistema 3-D que permite a projeção até à luz do dia... Isso, entretanto, não foi confirmado. Não são poucos os que prevêem para o futuro a terceira dimensão sem óculos e sem tela. As imagens seriam projetadas no espaço e as figuras teriam o realismo de atores num palco. Mas, antes, teremos fins-de-semana na Lua...

CINEMASCOPE. O NOVO HERÓI

Pode-se dizer que o Cinemascope nasceu na França: sem as lentes anamórficas — invenção do francês Henri Chrétien — o sistema não existiria. A tela côncava do Cinemascope é maior do que as telas panorâmicas que estamos vendo no Rio e em São Paulo. Guarda a proporção de 2.66 por 1 (cêrca de 20 metros de comprimento em cinemas normais). Como fazer filmes para essa tela, se o fotograma (quadrinho) da película cinematográfica tem a proporção «standard» de 1.33 por 1? A resposta cabe às lentes do professor Chrétien que, adaptadas às câmaras, comprimem a imagem em sentido horizontal; lentes de efeito contrário, colocadas nos projetores, alargam a imagem por tôda a extensão da tela. Assim, é evitada a mutilação que estamos vendo diàriamente nas «telas panorâmicas».

Vantagens do Cinemascope:

(1) Não exige cinemas construídos especialmente, como no caso do Cinerama. Só salas muito pequenas (como o Rívoli ou o Pathé, no Rio) não podem ser adaptadas ao Cinemascope.

(2) Emprega câmaras e projetores comuns. Basta modificar as «cabeças de som», adaptar as lentes especiais e usar maior número de microfones (na filmagem) e autofalantes (espalhados por trás da tela — para dar a impressão de que as vozes e ruídos acompanham os movimentos das pessoas ou objetos — e em vários pontos da sala).

(3) O Cinerama (cuja imagem é formada por três filmes projetados lado a lado na tela) exige técnico e aparelho sincronizador especiais para o ajustamento das três partes da imagem; e triplica o número de projetores, cabines de projeção, operadores e auxiliares de operador. Os filmes em Cinemascope são projetados com pessoal e equipamento normais.

(4) Na tela côncava do Cinemascope podem ser projetados filmes de proporções normais (na parte central) e filmes tridimensionais.

A Fox, proprietária do sistema, já lançou nos Estados Unidos os dois primeiros filmes «cinemascópicos»: «O Manto Sagrado» (The Robe) e «Como Casar com um Milionário». Sucesso absoluto, apesar das restrições de ordem artística feitas por muitos críticos. «O Manto Sagrado» tendo custado 4.500.000 dólares, rendeu ...... 6.500.000 nos primeiros dois meses! Quase tôdas as emprêsas aderiram ao Cinemascope, inclusive Walt Disney, que já lançou o primeiro desenho curto «cinemascópico». A Fox está «alugando» o processo, como a Tecnicolor Inc. faz com suas câmaras especiais. Morre a 3-D com óculos, mas a revolução contra o «situacionismo» técnico tem novo herói.

PIADA TRIDIMENSIONAL

A melhor piada de 1953-D: — Um cavalheiro entra no cinema atrasado, sem saber que o filme é em três dimensões. Senta numa das primeiras filas, mas um rapaz muito alto prejudica sua visão. Uma batidinha polida no ombro e: «O cavalheiro poderia abaixar um pouquinho a cabeça?». Resposta: «Sinto muito, mas eu estou no filme».

ESTOURou O CARNAVAL NA AVENIDA!

REI MOMO I, E ÚNICO, COMANDOU A BATALHA DOS PRIMEIROS FOLIÕES, NO ÚLTIMO DIA DO ANO ★ E HOUVE ATÉ FANTASIAS RICAS, LANÇA-PERFUME, SERPENTINA E BATUQUE NO ASFALTO.

Reportagem de MARCELO GUIMARÃES

Fotos de ALBERTO FERREIRA LIMA



À MEIA-NOITE chegou o rei da fuzarca acompanhado da rainha. Como sempre, é o personagem que o carioca recebe com mais alegria dentre quantas cabeças coroadas desfilam na paisagem da velha Avenida.



O TIPO DAS PERNAS de pau também fêz presença na Avenida Rio Branco. Desta vez fantasiando-se de «homem da capa preta», com os óculos, o bigode e o colete do valente deputado da cidade de Caxias.



A Avenida preparou-se com apuro para receber o cavalheiro gordo e estufado como balão. E' o personagem para quem o carioca reserva as suas máximas alegrias e homenagens. Uma rêde de focos luminosos cobriu a Rio Branco desde o obelisco até a Praça Mauá e o tráfego fumacento foi afugentado daquele trecho para permitir as expansões da festa de São Silvestre. Cêrca das 21 horas a multidão começava a invadir a Avenida. Da zona sul chegaram os «Farsantes de Copacabana», batucando seus instrumentos, desfilando em passos de frevo, samba e uma dança vária. Por seu lado, a zona norte despejou na avenida algumas dezenas de milhares de suburbanos, sem dúvida os baluartes do carnaval de rua. Das sacadas do «Bola Preta» e do «Sírio Libanês» os cornetins marcavam o compasso dos maiores sucessos do próximo carnaval, enquanto lá dentro, o clima carnavalesco de salão ia no auge.

A ausência de fantasias não diminuiu o ar carnavalesco na Rio

NO «BOLA PRETA», o tradicional salão da Cinelândia, o «grito» carnavalesco manteve a «feerie» de sempre. Aí está um folião da «Bola», ao lado de duas interessantes «bolinhas». Elas envergam o tradicional calçãozinho de sêda preta.



FORAM RAROS os foliões fantasiados no carnaval de São Silvestre, pois a maioria preferiu pular «descamisada». Não faltaram entretanto, os índios carregados de penas, colares, etc...

Branco. Com exceção de alguns tipos travestidos a maioria desfilou mesmo em manga de camisa cantando as marchinhas destinadas ao próximo reinado de Momo. O desfile apresentou ainda críticas e referências a alguns acontecimentos do ano passado. Um tipo pequenino, vestindo indumentária negra passeava com um guarda-chuva onde se liam em letras brancas: «Contra as chuvas do Dr. Janot». E, aproveitando a concentração da massa humana, também apareceu na Avenida o deputado Tenório Cavalcânti, fazendo propaganda do jornal que pretende lançar êste mês.

À meia-noite chegava ao palanque da Galeria Cruzeiro, o volumoso monarca da folia, «desembarcado» na Praça Mauá de acôrdo com o ritual. Chegou, foi saudado pela multidão e deu por iniciada a brincadeira. Nas fotos desta reportagem, apresentamos flagrantes da noite carnavalesca de São Silvestre, na Avenida Rio Branco, movimentada, iluminada e ruidosa...

ELAS SÃO BALUARTES de Momo. Todo mundo em redor parou para apreciar as qualidades da mulata, que chamou a atenção com um balouçante passo de frevo em plena avenida, secundada pela morena alta. E isto foi apenas uma leve amostra do que será o Carnaval de 1954...

ESSA FOI A PAISAGEM da Avenida Rio Branco, na noite de São Silvestre. Entre as 20 e a 1 hora da madrugada seguinte, milhares de foliões ficaram donos absolutos da via pública, sem tráfego nem sinaleiras. Gente de tôdas as zonas do Rio acorreram à Cinelândia fèericamente iluminada..





Semana POLÍTICA

CONGRESSO E ELEIÇÕES LIVRÊS

C.C.B.

Apesar do otimismo presidencial, tudo indica que as eleições nos diversos Estados não serão livres neste ano de 1954. A verdade eleitoral, da qual tanto se orgulha o Presidente de ser o introdutor no Brasil, não será desta vez tão veraz. Mas não se pode culpar, pelo menos por isso, o sr. Getúlio Vargas. O principal culpado foi o próprio Congresso ao recusar a aprovação de uma lei que viria remediar em parte a situação. Trata-se da lei que instituía a obrigatoriedade do retrato no título eleitoral.

Nos Estados a fraude já foi descoberta e nos últimos pleitos aplicada em grande escala. Sem ênfase, pode-se dizer que, por êsse lado da verdade eleitoral, o regime está mais do que ameaçado. E não será ainda o sr. Getúlio Vargas o beneficiário direto dêsse estado de coisas, mas os diversos governos estaduais, que dispõem de instrumentos de pressão imediata sôbre as autoridades eleitorais, podendo assim manipular votações e eleger bancadas inteiras.

Vamos ter representações estaduais maciçamente governistas, muito embora não acreditamos seja possível o recurso em larga escala em Estados como Minas e São Paulo dos processos fraudulentos que se chocariam demasiadamente com a consciência política de uma opinião mais ou menos esclarecida. A sorte dos pequenos Estados, sobretudo do norte, está, porém, inteiramente nas mãos da isenção e da honestidade política dos seus governadores.

O Congresso que fôr eleito neste fim de ano poderá assim diferir radicalmente do que está vivendo seus últimos meses de legislatura, um Congresso medíocre sôbre tantos pontos, inclusive o intelectual, mas dos mais representativos que já tivemos. Dos mais ligados à base eleitoral, portanto o mais suceptível de tomar atitudes independentes.

E tanto isso é verdade que chega êle ao fim com um equilíbrio de fôrças entre oposição e govêrno que só por formalismo pode-se falar ainda na existência de um bloco de maioria. Desde há muito, aliás, que as vitórias do govêrno na Câmara vêm sendo obtidas graças a um hábil manêjo de divergências e descontentamentos, construindo o líder Capanema em cada circunstância uma maioria específica na base de interêsses de grupos e pessoas ao invés de o ser na base dos programas de govêrno e oposição.

Isso talvez não será mais possível a partir do próximo ano, quando os partidos governistas poderão, pela fraude, inflacionar a maioria e determinar o predomínio da política dos governadores — e do Catete — no Congresso Nacional.

OS QUE VIRÃO COMO DEPUTADOS

Algumas bancadas serão totalmente reformadas na próxima eleição. Uma das que sofrerão mais modificações é a da UDN de Minas, composta de doze membros. Dentro dessa dúzia, se o partido manteve intacto seu poderio eleitoral, deverão caber Milton Campos, Pedro Aleixo, Américo Giannetti, Gabriel Passos e João Franzen de Lima.

A bancada udenista mineira é constituída atualmente assim: Magalhães Pinto, Afonso Arinos, José Bonifácio, Alberto Deodato, Monteiro de Castro, Guilherme Machado, Rondon Pacheco, Antônio Peixoto, Manuel da Cunha Peixoto, Leopoldo Maciel, Licurgo Leite Filho e Bilac Pinto. Pelo menos quatro dêles deverão sobrar.

A chapa udenista em Minas será organizada em fevereiro, já tendo sido convocada para isso uma convenção estadual.



PEDRO ALEIXO

PERFIL POLÍTICO

Por D.R.



JOSÉ DE MAGALHAES PINTO — O deputado pela U.D.N. de Minas é um homem de luta: iniciou a vida como funcionário do Banco Hipotecário e Agrícola de Minas. Foi depois gerente e presidente do Banco da Lavoura daquele Estado. Fundou mais tarde o Banco Nacional de Minas Gerais, do qual ainda é presidente, e que é, sem dúvida, outra potência (capital-reserva de cento e vinte e quatro milhões). Mas sua primeira manifestação — por assim dizer — de côr política foi na época da Ditadura: Magalhães Pinto assinou o famoso manifesto dos mineiros e foi afastado da diretoria do Banco por uma penada do Benedito Valadares. Nesse período mostrou ser dono de um inconfundível espírito de luta. Ao lado de Virgílio de Melo Franco desenvolveu luta intensa contra o sistema político dominante. Durante o govêrno de Milton Campos, o deputado-banqueiro foi secretário das Finanças. As finanças do Estado estavam arrasadas. Magalhães teve de dar duro para equilibrar o orçamento estadual. Foi aí que pôs em prática o cheque com data atrasada para aliviar os compromissos do govêrno para com seus servidores. O deputado mineiro tem prestado outros serviços ao seu Estado: foi o fundador e ex-presidente da Federação do Comércio de Minas Gerais, membro do Conselho Inter-Americano de Comércio e Produção, membro do Conselho da Companhia de Seguros Minas Brasil, etc.

Magalhães Pinto nasceu em Lima Duarte e ali teve uma infância feliz. Bacharelou-se em Direito e é professor catedrático de Ciências Econômicas da Faculdade de Minas Gerais. Casou-se e hoje tem cinco filhos. Apesar de ter a cabeça como bola de bilhar, o deputado tem apenas 45 anos. Para a legislatura de 45, teve votação cerrada em todo o Estado de Minas. Foi reeleito em 50 — é claro. E se não é claro — pelo menos é possível que volte pela terceira vez na eleição de 55. Magalhães Pinto regressou recentemente dos Estados Unidos. Uns dizem que foi a passeio; outros falam que foi a negócios. O deputado mineiro é o homem que está no momento polarizando o decantado acôrdo das fôrças mineiras. Ao lado de José Bonifácio êle acaba de declarar que está tudo azul nas montanhas. O resto depende apenas da palavra de dois homens: Milton Campos e Pedro Aleixo.



GETÚLIO E VÍTOR ESPÍRITO SANTO

Identificamos poucas pessoas nessa fotografia que tem 24 anos de idade. Uma delas certamente é o sr. Getúlio Vargas, no seu uniforme de chefe militar da revolução triunfante. Já naquele tempo, o hábito do presidente era subir gordo do sul. Em pé, ao lado do «general» Vargas, o jornalista Vitor do Espírito Santo quando já não era mais foca da imprensa carioca. Se querem saber sua idade, façam a conta, mas não se esqueçam de que êle encaneceu no combate a Getúlio e à Ditadura.

★

UM NOME E UMA NOTÍCIA

ANTÔNIO BALBINO espera ser credenciado pelos partidos da oposição, como seu representante, para discutir com o governador Régis Pacheco um entendimento dos partidos baianos. O ministro da Educação é, aliás, do mesmo partido do governador, embora tenha subscrito o pacto de oposição.

LEOBERTO LEAL, que sòmente se tornou conhecido na Câmara depois do inquérito sôbre «Última Hora», de cuja comissão participou, é tido como provável candidato do PSD ao govêrno de Santa Catarina. Em caso de acôrdo com a UDN, o candidato poderá ser o deputado Jorge Lacerda.

CARLOS LACERDA concluiu pràticamente seus entendimentos com a UDN, o PR, o PDC, a dissidência do PTB (os socialistas foram excluídos) para organização de chapa única de deputados no Distrito Federal. Frota Aguiar, Gurgel do Amaral e Jurandir Pires Ferreira entrarão nessa chapa.

CASTILHO CABRAL teve um começo de desentendimento com o governador Garcez, seu parente. As dificuldades, entretanto, foram afastadas com rapidez, restabelecendo-se a harmonia no seio da família. Castilho Cabral espera ser candidato ao Senado na coligação paulista.

AGENOR FEIO, o famoso coronel Feio, foi desincompatibilizado por Amaral Peixoto antes da hora e de surprêsa, tendo viajado para Friburgo sèriamente desconfiado das suas possibilidades de chegar ao Senado. Pelo menos de chegar lá na chapa organizada por Amaral, que prefere entender-se com a UDN a manter Feio.

ARNON DE MELO desautorizou as notícias de que se promovia em Alagoas um entendimento político pelo qual estaria assegurada sua eleição como senador. Essas notícias foram levadas aos jornais em nome do governador, que, entretanto, não sabe a quem atribuir a perfídia.

JOÃO CLEOFAS e seu gabinete conseguiram um êxito em matéria de aproximação com a imprensa: quase todos os jornalistas cariocas, de chefes de redação a focas, compareceram ao almôço oferecido dia 2 pelo ministro. E o que é mais notável: quase todo mundo presente era jornalista mesmo.



CARLOS LACERDA



CASTILHO

DICIONÁRIO POLÍTICO

LÍDER



Costumamos dizer que no Brasil há falta de líderes. Exato, mas já temos um remédio para a crise: fazemos líderes por decreto e o próprio DASP já prepara um concurso para líderes. Resta apenas que os classifiquem e padronizem em letras e símbolos, com abono, aposentadoria, licença-prêmio e outros arranjos burocráticos. No Brasil, quando um homem de negócios chega à política, por via dos seus dinheiros e das suas químicas, torna-se prontamente um líder trabalhista: é verdade que com a obrigação de achar que o dr. Getúlio decretou a abolição, antes mesmo que a princesa Isabel e o saudoso sr. Lindolfo Collor suspeitassem da sua necessidade. Há também que maltratar a sintaxe, que é um luxo decididamente patronal.

PREFEITO DO D. FEDERAL



Substantivo de raízes portuguêsas, com certeza. Autoridade encarregada de desmontar o morro de Santo Antônio, abrir o Metropolitano, fazer o Carnaval, brigar com Carlos Lacerda, cuidar das girafas do Jardim Zoológico, enfim, governar, administrativa e pollticamente, o Distrito Federal. Como, entretanto, os prefeitos cariocas só conseguem, mesmo, fazer o Carnaval, pouco demoram na função espinhosa, deliciosamente espinhosa. Mas, o povo saudoso costuma lamentar: «Aquilo é que foi um Carnaval! Nunca mais teremos um prefeito como o general Fulano . . .». O principal trabalho do atual prefeito, além de tapar os buracos das ruas e ouvir o fado, é o de nomear funcionários públicos. Mister que desempenha sem enfado, embora esteja fadado a bater o recorde mundial nessa matéria. Os funcionários que nomeou, durante o ano, dariam para povoar Portugal e Algarves, com sobras para Moçambique.

TENÓRIO CAVALCANTI



Substantivo balístico, sujeito a tiro ao alvo e outras complicações. Não podendo atirar com revólveres, na Câmara, o Tom Mix do regime metralha disparates sôbre o auditório indefeso. Rui Barbosa e muitos filósofos morrem diàriamente, sob o fogo da sua verborréia homicida, enquanto em Caxias outros morrem de morte puramente mecânica.

COMISSÃO DE INQUÉRITO

Alguém já advertiu que a Câmara dos Deputados vai se transformar em Câmara de Inquérito. É que o país parece ter, atualmente, um único problema: o escândalo. Pois sabemos que a nossa crise é de crescimento. Aumentando escandalosamente os escândalos, é preciso, ao menos, investigá-los, catalogá-los, numerá-los, para fins estatísticos e para a ficha das boas reputações. Ter participado de um inquérito vale, hoje, por um título de crédito, na sociedade e nos bancos. As Comissões de Inquérito têm sido responsáveis por muita revelação de valores morais e financeiros da nacionalidade.

PARTIDO REPUBLICANO

Durante a Monarquia, lutou pela República. Na República, luta pela Monarquia.

ÚLTIMO FLASH

AOS VENCEDORES, OS CRUZEIROS

Segunda-feira última, no Automóvel Clube, os vencedores do Circuito da Gávea de 54 foram receber os seus prêmios: dinheiro, brindes, flâmulas, condecorações, etc. Em questão de dinheiro, o Barão de Gafrenried, primeiro colocado, recebeu 70 mil cruzeiros, e não 100 mil — pois o Impôsto de Renda levou os 30 mil restantes; também dos 50 e 20 mil cruzeiros, respectivamente do italiano Musitelli e do brasileiro Chico Landi, segundo e terceiro colocados, o dr. César Prieto retirou, sem maiores explicações, os 30% de praxe. Foi uma surprêsa desagradável, mas assim são as leis tributárias: imprevistas e amargas.

Nos flagrantes acima, do nosso fotógrafo Alberto Ferreira Lima, vê-se, ao alto, o «ás» suíço recebendo o seu cheque das mãos do coronel Santa Rosa, presidente do Automóvel Clube; na foto menor aparece Chico Landi «sofrendo» a mesma operação.

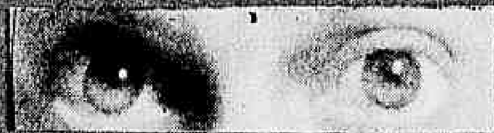
QUANDO UM HOMEM SE CASA PASSA A ALIMENTAR DUAS BÔCAS E CALÇAS [illegible]

FRASES DECISIVAS

na vida de um homem apaixonado

- «Muito prazer»
- «Você é a moça mais linda que eu já conheci»
- «Vamos ao cinema logo mais?»
- «Nunca beijei ninguém assim»
- «Eu te amo»
- «Antes de você só tive aventuras»
- «Amanhã te devolvo tudo que é teu»
- «Perdão»
- «Não posso viver sem você»
- «Você quer ser minha?»
- «Prefiro um casamento simples»
- «Aceito»
- «Filhos só depois de dois anos»
- «Lindos meninos, não acha?»
- «Essas crianças são um inferno»
- «Não suporto mais essa vida»
- «O melhor é nos separarmos»
- «E as crianças?»
- «Eu nunca devia ter me casado»

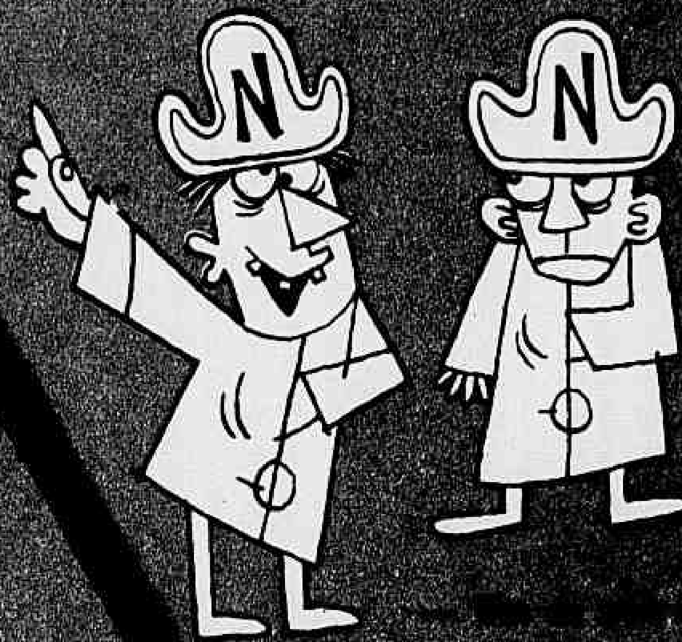
PONTOS DE VISTA



TABELIÃO é êsse lugar onde se reconhecem firmas completamente irreconhecíveis.

ANIVERSÁRIO é essa comemoração que fazemos com menos um ano de entusiasmo.

GRÁFICO é êsse risquinho que sobe e desce dentro de um quadro até acabar o quadro ou até acabar a firma.

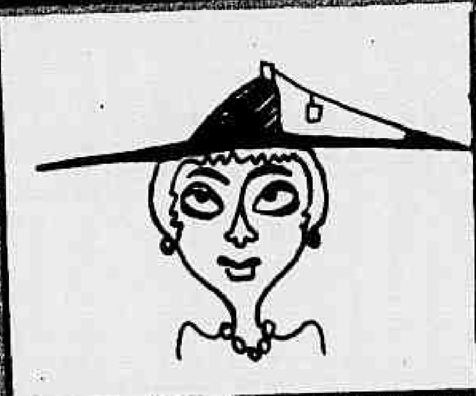




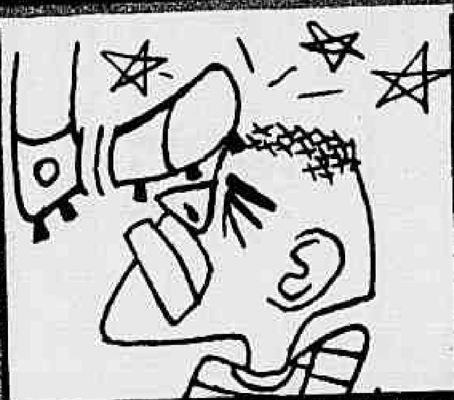
COISAS QUE SEMPRE ACABAM [illegible]



A bebida



A moda



A [illegible]



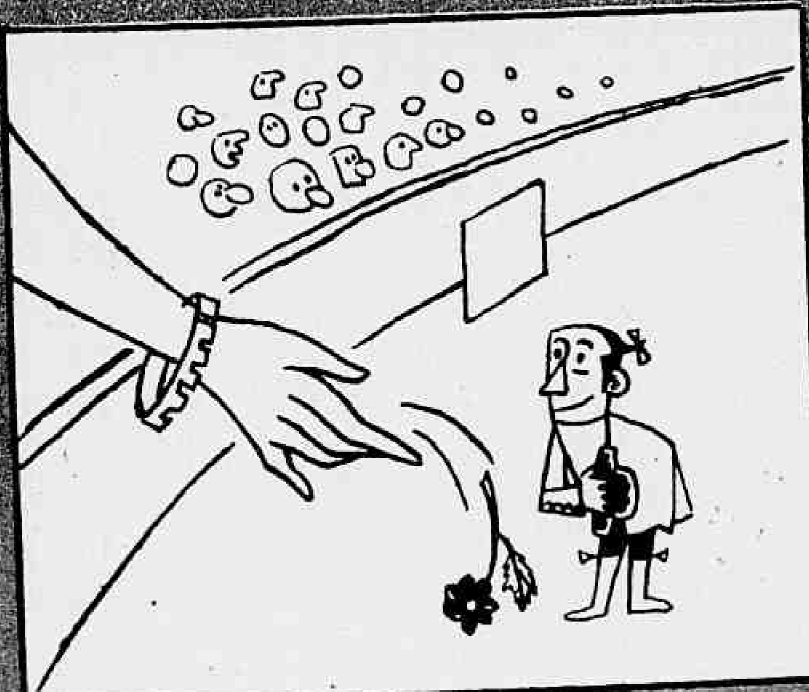


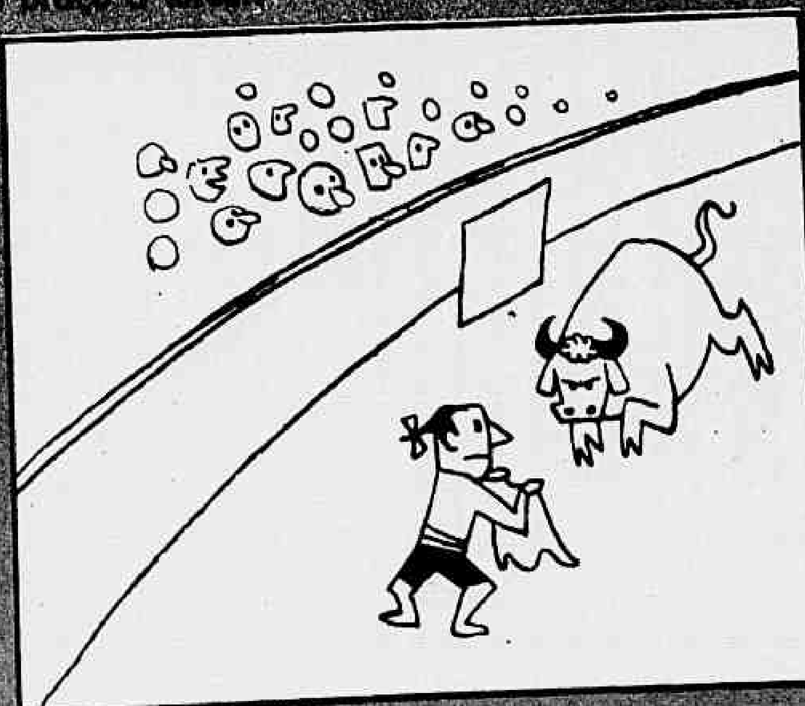
TIC-TAC

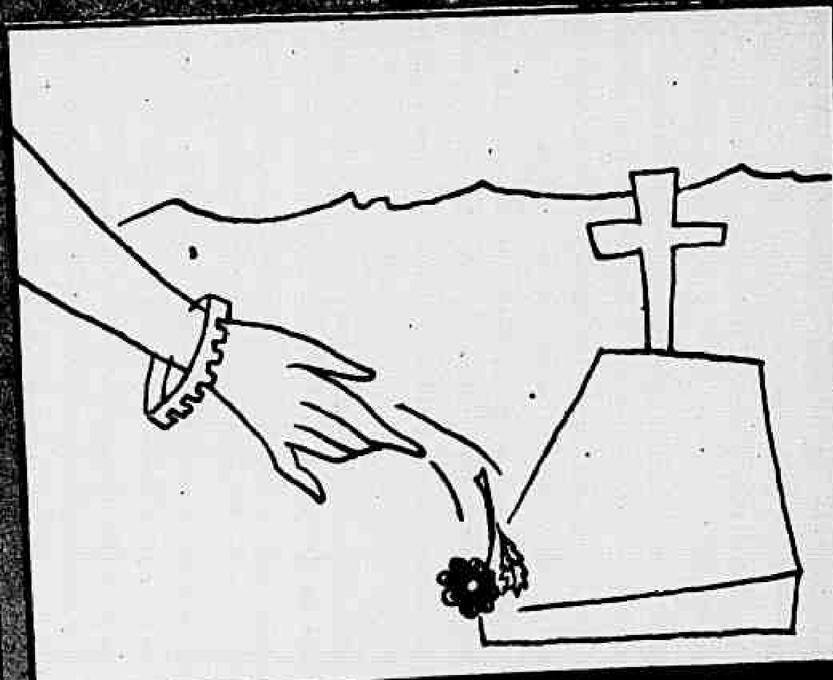
(Piadas à minuta)

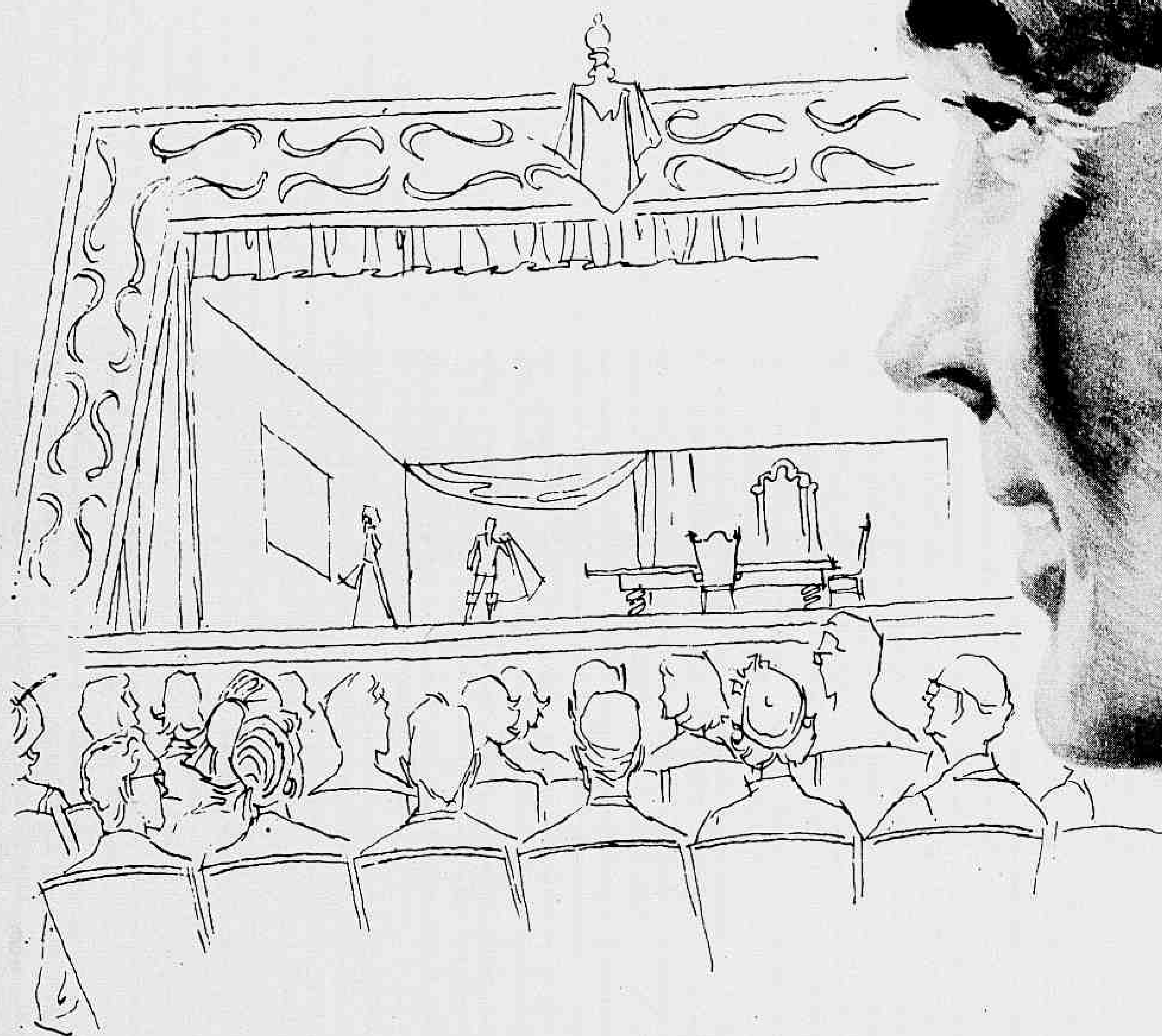
Cuspia desesperadamente, como se estivesse sentado numa cadeira de dentista.

Era decididamente um sujeito orgulhoso. Jamais aceitara um convite para lutar queda de braço porque nunca dava o braço a torcer.









Um crítico de teatro...

...é aquêle que distingue entre as peças a que apresenta mais forte expressão de bom gôsto. Êsse mesmo senso de discernimento é que leva os fumantes a preferir



hollywood

uma tradição de bom gôsto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.244